

# ORAÇÃO & REVELAÇÃO

## Vincent Cheung

Copyright © 2003 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por [Reformation Ministries International](#)  
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / Marcelo Herberts

Edição e Projeto Gráfico: Felipe Sabino de Araújo Neto

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>3</b>
<b>ORAÇÃO E O DEUS TRIÚNO.....</b>	<b>4</b>
1. ORANDO ATRAVÉS DO FILHO .....	5
2. ORANDO AO PAI.....	12
3. ORANDO PELO ESPÍRITO .....	18
<b>ORAÇÃO E A NATUREZA DIVINA.....</b>	<b>28</b>
4. ORAÇÃO E SOBERANIA.....	30
5. ORAÇÃO E ONISCIÊNCIA.....	34
6. ORAÇÃO E TRANSCENDÊNCIA.....	41
<b>ORAÇÃO E A VIDA MORAL.....</b>	<b>45</b>
7. ORAÇÃO E MOTIVAÇÃO .....	46
8. ORAÇÃO E OBEDIÊNCIA .....	50
9. ORAÇÃO E PERSISTÊNCIA .....	54
<b>ORAÇÃO E A VIDA INTERIOR.....</b>	<b>62</b>
10. ORAÇÃO E EXPERIÊNCIA.....	64
11. ORAÇÃO E REVELAÇÃO .....	67

## PREFÁCIO

Em seu livro, *With Christ in the School of Prayer* [Com Cristo na Escola da Oração], Andrew Murray escreve: “Ler um livro sobre oração, ouvir palestras e falar sobre ela é muito bom, mas não ensinará você a orar. Você não consegue nada sem exercício, sem prática”.<sup>1</sup> Essa é a coisa mais tola que se pode dizer. Se ler, ouvir e falar sobre oração “não ensinará você a orar”, então como essas atividades são muito boas? Se eu não consigo “nada” sem prática, então por que eu devo ler seu livro?

É suposto que seu livro contenha discernimentos sobre oração extraídos das instruções e exemplos de Jesus.<sup>2</sup> Mas a declaração citada implica que “prática” ou experiência é um professor melhor do que as palavras e atos de Cristo. O horror da situação fica evidente quando percebemos que parece que a maioria das pessoas compartilha da visão de Murray sobre aprender as coisas espirituais.<sup>3</sup> Elas dizem que você pode ler sobre ela e falar sobre ela, mas a experiência é o melhor professor. Contudo, se a experiência é o melhor professor, então Jesus não é o melhor professor, e a Escritura não é a melhor fonte de informação. Isso é blasfemo!

A verdade é que a experiência é o pior professor, especialmente quando diz respeito a aprender coisas espirituais.<sup>4</sup> Nossa cultura exalta o aprendizado por experiência, e muitos cristãos assumem tal visão, embora ela contradiga a sua professada fidelidade a Deus e à Escritura. Contra essa visão popular, eu urjo que devemos destronar a experiência e exaltar a revelação, isto é, as palavras da Escritura. Isso significa que ler um livro pode realmente lhe ensinar muitas coisas sobre oração,<sup>5</sup> e visto que desejo mostrar a você algumas das coisas que a Escritura ensina sobre o assunto, faz sentido que eu tenha escrito esse livro.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Andrew Murray, *With Christ in the School of Prayer*; Bridge-Logos Publishers, 1999.

<sup>2</sup> Podemos aprender a partir dos “exemplos” de Jesus somente no sentido de que as palavras da Escritura nos dizem sobre a vida de oração de Cristo, de forma que ainda aprendemos através da leitura, do ouvir e do pensar, e não através da experiência ou observação. A Bíblia ensina que devemos *ser exemplos* do que ela ensina, mas isso é muito diferente de dizer que devemos ensinar *por exemplos*. Visto que não somos perfeitos, como uma pessoa pode saber o que imitar e o que não imitar de nós, a menos que ela já saiba o que é certo e o que é errado por ler, ouvir e pensar sobre as palavras da Escritura? Mas se já sabe, então nossos exemplos servem, na melhor das hipóteses, como encorajamento para contemplar e seguir as palavras da Escritura, de forma que os exemplos em si não transmitem informação sobre como um cristão deve viver. A informação ensinada vem somente da Escritura, não da experiência ou de exemplos. Não há exemplos infalíveis dos quais passamos aprender hoje, exceto aqueles descritos e interpretados pelas palavras da Escritura. Embora Jesus não tivesse pecado, de forma que tudo o que ele fez era justo, quando deu um exemplo em João 3.15, os discípulos não o entenderam até que ele lhes ensinasse por palavras. Assim, a lição estava nas palavras, não no ato em si. O exemplo em si serve, na melhor das hipóteses, para ilustrar as palavras. Da mesma forma, 1Coríntios 10.6 refere-se aos israelitas sob Moisés como exemplos, mas a lição estava na interpretação que Paulo fazia das suas vidas.

<sup>3</sup> Por exemplo, Whitney declara: “Há muitos recursos bons para se aprender como orar, mas o melhor caminho para aprender a orar é orar”; Donald S. Whitney, *Spiritual Disciplines for the Christian Life*; Navpress, 2002; p. 69.

<sup>4</sup> Por favor, veja o capítulo “Oração e Experiência” para um conhecimento adicional.

<sup>5</sup> Mas muitos livros sobre oração são destrutivos, pois exaltam a experiência em prejuízo da profundidade e da exatidão teológica.

<sup>6</sup> Ler sobre oração não é o mesmo que orar, de forma que não estou dizendo que você deve ler sobre oração *em vez* de orar. Mas no que diz respeito a *aprender* sobre oração, devemos ler, falar e pensar sobre ela. Dito isso, talvez a maioria das pessoas de fato devesse orar menos e dispensar mais tempo lendo, falando e pensando sobre oração. A reverência exige de nós o aprendizado de como nos aproximar de Deus da maneira prescrita por ele, mas a partir da Escritura, não da experiência ou da observação.

## ORAÇÃO E O DEUS TRIÚNO

A formulação doutrinal para a Trindade é que Deus é “um em essência e três em pessoa”. Isto não configura uma contradição, visto que não estamos dizendo que Deus é “um em essência e três em essência”, ou que Deus é “um em pessoa e três em pessoa”. Isto é, não estamos dizendo que Deus é um e três no mesmo sentido, mas que ele é um num sentido, e três em outro sentido. Portanto, não há contradição na doutrina da Trindade.

Pela palavra “essência” nos referimos aos atributos de Deus, tais como sua onipotência e onisciência. A soma dos atributos divinos constitui a definição de Deus, assim como a soma dos atributos de qualquer objeto constitui a definição deste objeto. A palavra “pessoa” se refere ao centro da consciência dentro da Deidade. Assim, Deus tem uma definição, mas há três pessoas que completamente e igualmente participam desta definição.

Contudo, isto não se traduz em politeísmo. O exposto acima não nos compele a afirmar a existência de três deuses distintos e independentes. Isto porque o Deus da Bíblia é, por definição, uma Trindade; portanto, uma Trindade constitui somente um Deus. Por exemplo, se por definição um corpo humano normal inclui dois rins, então, o fato de que eu tenha dois rins não significa que eu consisto de dois corpos humanos. Visto que por definição cada corpo humano tem dois rins, o próprio fato de que eu tenha dois rins significa que eu tenho um corpo humano normal. Da mesma forma, a definição bíblica da deidade é que Deus é uma Trindade, assim, se há uma Trindade de pessoas divinas, há um Deus.

Não há outro Deus além do Deus da Bíblia, e o Deus da Bíblia é uma Trindade. Por si mesma esta doutrina separa o Cristianismo de todas as outras cosmovisões e filosofias, sejam religiosas ou seculares. Visto que esta é uma crença fundamental sobre a realidade, que contradiz todas as outras cosmovisões sobre suas visões de realidade, isto significa que, se o Cristianismo é verdadeiro, então, todas as outras religiões e filosofias são falsas, e se ao menos uma religião ou filosofia não-cristã for verdadeira, então, o Cristianismo é falso. Os cristãos não deveriam temer afirmar isto, e temer defender o Cristianismo como a verdade exclusiva em conversas privadas e em debates públicos.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Vincent Cheung, *Ultimate Questions* [Questões Últimas].

## 1. ORANDO ATRAVÉS DO FILHO

**“Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus”  
(1Timóteo 2:5)**

Uma das primeiras coisas que você deve saber sobre oração é que você não tem acesso a Deus a menos que você seja um cristão. A oração não diz respeito apenas ao seu conteúdo, o que você diz, mas um aspecto também importante é onde você está em relação a Deus. O inimigo de Deus claramente não tem os mesmos privilégios do amigo de Deus, na oração. Visto que a Bíblia ensina que o único modo através do qual uma pessoa pode ter um relacionamento correto com Deus é através de Jesus Cristo, somente orações oferecidas por um cristão são aceitáveis a Deus. Relacionando a oração ao Deus Trinitariano descrito na Escritura, isto significa que somente orações apresentadas através de Deus o Filho, Jesus Cristo, são aceitáveis a Deus o Pai.

Alguns têm proposto uma interpretação absurda e anti-bíblica da exclusividade do Cristianismo para dizer que Cristo fez o acesso a Deus possível para a humanidade em geral, de forma que até mesmo um não-cristão pode orar a Deus através dele num certo sentido. “Certamente Jesus Cristo é o único caminho a Deus”, eles podem reconhecer, “mas isto significa que se você é um muçulmano ou budista sincero, você é salvo através de Cristo”. Nem todos eles diriam isto nestas palavras, mas é a essência da sua teoria. Contudo, essa é uma clara rejeição do ensino escriturístico sobre o assunto; as pessoas apenas não querem ser explícitas sobre tal rejeição.

Assim, por “Jesus Cristo”, não quero me referir a um princípio ou espírito abstrato de “Cristo”, que é separado do Jesus histórico da Bíblia e da sua identidade como a segunda pessoa da Trindade. O que eu quero dizer é que aparte de uma afirmação consciente e explícita do que a Escritura diz sobre a pessoa histórica de Jesus Cristo de Nazaré, ninguém pode ter acesso a Deus. Em outras palavras, se você não afirma explicitamente a Trindade, a Encarnação, a Ressurreição, e também que estas doutrinas contradizem todas as outras religiões, você não é um cristão e não tem acesso a Deus. Você não é aceitável a Deus, e sofrerá o tormento sem fim no inferno após a morte. Isto é o que a Escritura ensina, e isto é o que eu quero dizer. Assim como você não pode dizer que é um cristão se você crê que há mais de um Deus, não diga que você é um cristão se você pensa que muçulmanos irão para o céu e que budistas em algum sentido têm acesso a Deus através de Cristo.

A Bíblia diz que Deus escolheu algumas pessoas para serem salvas e que elas se aproximaram dele, mas somente através de Jesus Cristo. Todas as demais pessoas serão excluídas e condenadas.<sup>8</sup> Isto é, somente os verdadeiros cristãos serão salvos e têm acesso a Deus, e todos os não-cristãos serão condenados ao inferno e não têm acesso a Deus. Isto é o que a Bíblia ensina, e isto é Cristianismo. Se você discorda dela, então você rejeitou o Cristianismo, e eu desafio você a refutá-lo. Se você reivindicar que esta é apenas a minha interpretação de Cristianismo, então você deve pelo menos me refutar.<sup>9</sup> É desonesto e irracional rejeitar a minha visão somente porque ela não lhe agrada – suprimir a verdade é um dos principais pecados pelos quais incontáveis indivíduos serão

<sup>8</sup> Veja Vincent Cheung, *Systematic Theology* [Teologia Sistemática], para uma exposição das doutrinas de eleição e reprobção.

<sup>9</sup> Vincent Cheung, *Systematic Theology* [Teologia Sistemática] e *Ultimate Questions* [Questões Últimas].

condenados para sempre (Romanos 1.18-19). Mas talvez você concorde com o que eu disse, porém não concorda que isso deva ser declarado assim tão asperamente. Se isto é o que você pensa, então também precisa oferecer argumentos para justificar essa sua alegação.

Há aqueles que insistem que todas as religiões são essencialmente a mesma coisa. Eles não dizem que todas as crenças de todas as religiões são idênticas, mas que elas são similares o suficiente nos assuntos mais importantes, pelo menos similares a ponto que seja possível religiões diferentes se unirem; que uma religião não deve contestar outra como falsa, e que nenhuma religião deve reivindicar ser exclusivamente verdadeira de uma forma que todas as outras sejam falsas. Eu mencionarei somente alguns problemas desta visão.

É impossível definir religião de modo que se possa incluir ou excluir todos os sistemas de pensamento segundo as preferências das pessoas. Por exemplo, se eu defino religião como “o serviço ou adoração de Deus ou do sobrenatural”<sup>10</sup>, então isto pode excluir algumas formas de Budismo. Mas aqueles que dizem que todas as religiões são essencialmente a mesma, provavelmente desejam incluir o Budismo.

Posso mudar a minha definição para “uma causa, princípio ou sistema de crenças sustentado com ardor e fé”,<sup>11</sup> que devesse ser ampla o suficiente para incluir o Budismo, mas então eu não poderia excluir o Comunismo. Outro dicionário dá uma definição possível similar: “qualquer sistema de crenças, práticas, valores éticos, etc.”,<sup>12</sup> e com isto dá o Humanismo como um exemplo. Mas se incluirmos Comunismo e Humanismo como religiões, então devemos também incluir o Totalitarismo e a Democracia. Mas o Comunismo, o Totalitarismo e a Democracia são essencialmente iguais? E são todos eles essencialmente iguais ao Budismo e ao Cristianismo?

Por questões de simplicidade, dei exemplos somente de dicionários. Embora textos sobre a filosofia da religião sejam mais detalhados em suas tentativas de definir religião, seus esforços fracassam em tentar sobrepujar as dificuldades ilustradas. O ponto é que não importa como os nossos oponentes definam religião, a definição será muito estreita ou ampla para o propósito deles — eles irão incluir certos sistemas que eles querem excluir, ou irão excluir certos sistemas que eles querem incluir. A dificuldade existe porque as várias religiões não são essencialmente a mesma; elas contradizem umas às outras em muitos pontos essenciais. A implicação é que todas elas não podem estar corretas, e, portanto, é impossível uni-las.<sup>13</sup> Um propósito mais construtivo seria identificar e clarificar as crenças de cada religião e examinar cada uma em particular a fim de atestar a sua veracidade ou falsidade.

Visto que o Cristianismo reivindica ser a única cosmovisão verdadeira,<sup>14</sup> se ele for de veras uma cosmovisão verdadeira, então a sua reivindicação de ser a única verdade é verdadeira também, e todas as outras cosmovisões são, portanto, falsas. Por outro lado,

---

<sup>10</sup> *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition*; “religião”.

<sup>11</sup> *Ibid.*

<sup>12</sup> *Webster's New World College Dictionary, Fourth Edition*; “religião”.

<sup>13</sup> Alguém me disse que pensava que a religião dizia respeito à unidade, e essa pessoa queria se referir à unidade da raça humana. Mas isto é precisamente o que a Torre de Babel era. Não, religião não diz respeito à unidade, pelo menos isto não é sobre o que o Cristianismo diz respeito. Cristianismo diz respeito à verdade revelada, e se um número suficiente de pessoas afirmarem a verdade para se unir em função dela, melhor ainda.

<sup>14</sup> Ele reivindica ser o único sistema de pensamento verdadeiro, seja religioso ou secular.

se qualquer cosmovisão não-cristã for verdadeira, então o Cristianismo é falso. Portanto, qualquer aderente de uma cosmovisão não-cristã deve enfrentar sinceramente o Cristianismo e vencê-lo, e qualquer cristão deve estar preparado para demolir qualquer cosmovisão não-cristã. Fazer com que cosmovisões pareçam estar em concordância essencial, quando elas estão em discordância essencial, é desonesto, ignorante e irracional.<sup>15</sup>

Quando as pessoas dizem que todas as religiões são essencialmente iguais, elas estão geralmente pensando somente num aspecto não-fundacional das religiões, ou num aspecto que é fundacional para algumas religiões, mas não para outras. Mas então não mais estarão comparando os pontos essenciais das várias religiões.

Por exemplo, se a reivindicação é que todas as religiões são essencialmente iguais porque todas elas ensinam as pessoas a serem boas, então minha objeção seria que a ética não é o fundamento da cosmovisão bíblica, mesmo que ela seja um aspecto importante. A ética cristã é fundamentada na metafísica cristã; isto é, o que a Bíblia ensina sobre moralidade depende do que a Bíblia ensina sobre realidade. Sem a visão bíblica da realidade, não há fundamento para a visão bíblica da moralidade.

Portanto, a visão bíblica da realidade é o aspecto mais essencial da cosmovisão cristã. Contudo, na lista de cosmovisões geralmente incluídas por aqueles que dizem que todas as religiões são essencialmente iguais, encontramos várias visões diferentes e contraditórias da realidade. Algumas afirmam o monoteísmo, outras afirmam o politeísmo e o panteísmo. Algumas afirmam até mesmo o ateísmo naturalístico.

Assim, dizer que tanto o Budismo como o Cristianismo ensinam as pessoas a serem boas não estabelece qualquer similaridade essencial entre os dois sistemas – meramente oculta as diferenças essenciais. O Cristianismo afirma como sendo suas reivindicações essenciais que Deus é uma Trindade, que Cristo é tanto Deus como homem, e que a Escritura é infalível. Há outras, mas estas três crenças são suficientes para excluir todos os sistemas não-cristãos, e para estabelecer que o Cristianismo é essencialmente contraditório à todas as outras cosmovisões não-cristãs, incluindo o Judaísmo.<sup>16</sup>

Muitos daqueles que dizem que todas as religiões são essencialmente iguais tendem a enfatizar o que entendem como similaridades na área da ética. Eu discordo desta atitude, pois como tenho mostrado acima, religiões diferentes podem construir suas éticas sobre visões de metafísica (ou realidade) diferentes, a partir de fundamentos distintos. Ninguém tem o direito de ditar para todas as religiões o que é e o que não é essencial para elas. Antes, devemos permitir que cada religião especifique suas reivindicações centrais. Se eu digo que o monoteísmo<sup>17</sup> é fundamental para a minha religião,<sup>18</sup> então você não tem o direito de dizer que ele não é fundamental para a minha religião. E você

<sup>15</sup> Vincent Cheung, *The Light of Our Minds*.

<sup>16</sup> Eu não digo que o Cristianismo contradiz o Antigo Testamento, mas que contradiz o Judaísmo. Embora possamos encontrar as doutrinas da Trindade e da deidade de Jesus Cristo no Antigo Testamento, o Judaísmo nega ambas as doutrinas. Aqueles que foram salvos sob a Antiga Aliança não foram salvos aparte de Cristo (veja João 8.56; Hebreus 11.26). Assim, nossa contenção é que o Judaísmo não segue o Antigo Testamento. Antes, a Bíblia inteira – Antigo e Novo Testamento – é um livro cristão, e somente um livro cristão. Ela não endossa nenhuma outra cosmovisão ou religião.

<sup>17</sup> Não apenas qualquer concepção de um Deus monoteísta, mas aquela com todos os atributos especificados na Bíblia, incluindo a natureza triuna.

<sup>18</sup> Em outro lugar eu declarei que a infalibilidade da Escritura é meu primeiro princípio de argumento, mas dentro do sistema revelado pela Escritura, a metafísica realmente precede a ética.



estaria equivocado ao dizer que a minha religião *monoteísta* é essencialmente igual à religião *politeísta* de outra pessoa, mesmo que nossos sistemas de ética sejam idênticos.  
19

Contudo, a ética cristã não é idêntica à ética não-cristã. Elas não são nem mesmo similares. Você pode dizer que todas as religiões conduzem as pessoas a andar em amor e bondade. Primeiro, isto não é verdade. Os objetivos e diretrizes éticos das várias religiões são freqüentemente muito diferentes. Segundo, como você define amor e bondade? A Bíblia diz que amor é o cumprimento das leis morais bíblicas, de forma que se você anda em amor, obedecerá aos mandamentos bíblicos. Mas se a sua religião define amor de modo diferente, como todas as religiões não-cristãs precisam fazer, então o que quer que você chame de amor não é o que a Bíblia chama de amor. Portanto, é impossível dizer que todas as religiões dirigem as pessoas a andar em amor, visto que muito embora você tente usar a mesma palavra para descrever as diretrizes morais dessas religiões, elas não são similares de forma alguma, e não há um conceito comum de amor.

O primeiríssimo dos Dez Mandamentos exige adoração exclusiva ao Deus cristão. Portanto, de um ponto de vista bíblico, é imoral e pecaminoso ser um não-cristão. Agora, quem é você para dizer que isto não é uma crença essencial no Cristianismo? Ela é tão essencial como o mandamento contra o assassinato, e muito mais importante e fundamental, visto que até mesmo o mandamento contra o assassinato está fundamentado sobre a autoridade exclusiva de Deus. Agora, todas as religiões têm como sua crença essencial que seus aderentes devem adorar somente o Deus cristão? Se não, então como elas são iguais ao Cristianismo?

Pode ser possível afirmar, debaixo da Democracia e do Comunismo, que há tal coisa como rosas vermelhas, mas isto não significa que a Democracia e o Comunismo são iguais, nem mesmo similares, pois diferem nos pontos essenciais. Aqueles que tentam unir todas as religiões escolhem arbitrariamente certos pontos que supõem ser similares em todas as religiões, e então os tornam essenciais para todas as religiões. Mas eles não têm o direito de ditar e especificar os pontos essenciais de todas as religiões, e, mesmo naqueles pontos que supõem concordância entre todas as religiões, é fato que elas não estão de acordo. A verdade é que as várias religiões são diferentes e se contradizem em muitos pontos essenciais e não-essenciais. Portanto, nem todas as religiões podem ser verdadeiras. Considerando que o Cristianismo diz que todas as outras religiões são falsas, se pudermos mostrar que o Cristianismo é verdadeiro, então até mesmo este pronunciamento sobre todas as religiões não-cristãs é verdadeiro, e assim demonstramos também que todas as religiões não-cristãs são falsas.

Minha visão exclusivista é impopular hoje, mesmo entre aqueles que se chamam de cristãos. Contudo, a impopularidade não é uma medida da veracidade ou falsidade de uma crença. Uma objeção comum a uma religião exclusivista é que é arrogante dizer que minha própria posição é a única correta e que todos os que discordam de mim estão errados.<sup>20</sup> Mas qual é a sua definição de arrogância? Se o próprio Cristianismo afirma que eu devo aceitá-lo como sendo a única religião verdadeira e que devo considerar

<sup>19</sup> Cristãos e budistas podem ambos crer que “1 + 1 = 2”, mas isto não significa que o Cristianismo e o Budismo são essencialmente iguais. Duas cosmovisões são *essencialmente* iguais somente quando iguais nos pontos *essenciais*.

<sup>20</sup> A acusação de arrogância é apenas uma tentativa comum de se esquivar do confronto dos argumentos racionais que foram oferecidos.



falsas todas as religiões não-cristãs, então segundo o Cristianismo eu não sou arrogante nesse exclusivismo. Você pode me chamar de arrogante somente baseando-se num padrão não-cristão. E assim sendo, deve provar ser legítima a cosmovisão não-cristã a partir da qual você me chama de arrogante, e também provar que o Cristianismo é falso. Se você falha nesse propósito, não tem autoridade para me chamar de arrogante.

Em adição, a reivindicação de que não há uma religião exclusivamente verdadeira é ela mesma um julgamento universal sobre todas as religiões; assim, você está impondo a sua própria visão sobre todas as religiões, dizendo que nenhuma delas pode reivindicar ser exclusivamente verdadeira. Você está dizendo que somente a sua visão sobre as várias religiões é verdadeira (que nenhuma religião é exclusivamente verdadeira), e que todos que crêem de outra forma estão equivocados. Isto é arrogante de acordo com o seu próprio padrão.

Frente à acusação de eu ser mente-fechada por afirmar que somente a minha visão é verdadeira e que todos os que discordam estão errados, eu poderia fazer uma acusação similar. Mas por que seria ruim ser mente-fechada? Por qual padrão você determina que ser mente-fechada é ruim, e então impõe este rótulo sobre mim? Se o Cristianismo é de veras exclusivamente verdadeiro, então seria uma boa coisa ser “mente-fechada”. Isto é, se somente o Cristianismo é verdadeiro, então seria uma boa coisa crer que somente o Cristianismo é verdadeiro, quer você chame isto de mente-fechada ou não. Mas se o Cristianismo é exclusivamente verdadeiro, e você permanecer com uma mente-aberta sobre o assunto, então você não está afirmando a verdade, e é você quem tem um problema.

A pessoa que usa as acusações de arrogância, mente-fechada, cismado, e coisas semelhantes, está de fato empregando uma tática de xingar que, se bem sucedida, o esquiva das questões reais. O Cristianismo é exclusivamente verdadeiro ou não? Se não, você não precisa me xingar – apenas me refute, e será o fim desta discussão. Visto que eu percebo que os xingadores estão tentando evitar a confrontação, eu também posso jogar o jogo de xingar e dizer que eles são idiotas e covardes, e podemos ir para frente e para trás indefinidamente, sem enfrentar as questões reais. Se você discordar da reivindicação de que o Cristianismo é a única religião verdadeira e que todos os não-cristãos serão condenados ao tormento sem fim no inferno, tudo o que você tem que fazer é encarar os meus argumentos e refutar a reivindicação.

Até mesmo muitos cristãos professos me considerariam muito duro, mas isto é porque eles são afetados pelos padrões não-cristãos de conduta correta. Se o apóstolo Paulo pôde dizer aos judeus oponentes para se castrarem (Gálatas 5:12),<sup>21</sup> então eu estou até sendo muito brando.<sup>22</sup> Muitos dos escritores cristãos que afirmam que somente o Cristianismo é verdadeiro, parecem, todavia, relutantes em declarar asperamente esta crença, e estão da mesma forma relutantes em declarar explicitamente a implicação de que se somente o Cristianismo é verdadeiro, todas as religiões não-cristãs são falsas.

<sup>21</sup> “Quanto a esses que os perturbam, quem dera que se castrassem!” (Gálatas 5:12).

<sup>22</sup> Eu tenho visto mui poucos argumentos apoiando a suposição de que deveríamos ser de certa forma condescendentes com as visões não-cristãs. Nessa questão, exijo dos meus oponentes um argumento dedutivo derivado de uma premissa infalível, e o único modo de satisfazer isto é um argumento exegético e teológico da Escritura. Mas isto pode tão-somente apoiar o meu modo de tratar com idéias não-cristãs; isto é, com honestidade cruel. As pessoas freqüentemente dizem que deveríamos “falar a verdade em amor” (Efésios 4:15), mas isto não pode significar “falar a verdade suavemente e num estilo efeminado, de forma a não ofender ninguém”, porque se o verso de fato ensinasse isto, então não estaria Cristo, os profetas e os apóstolos em violação? Eles eram duros e muito ferozes quando falavam contra o erro.

Eles afirmam rancorosamente a exclusividade do Cristianismo, como que estando ressentidos pela Bíblia conter tal ensino. Esta atitude é pecaminosa. Deveras, eles devem abraçar e defender as palavras da Escritura com força e com alegria. Qualquer coisa menor indica uma empatia anti-escriturística para com as falsas religiões e uma humanidade pecaminosa à custa da fidelidade a Cristo.

Você terá que ler alguns dos meus outros livros para ver os meus argumentos a favor do Cristianismo,<sup>23</sup> mas o que eu estabeleci aqui é que as várias religiões são essencialmente diferentes e opostas umas às outras. Portanto, se você reivindica ser um cristão, por necessária implicação está dizendo também que todas as religiões não-cristãs são falsas, e que todos os não-cristãos serão condenados ao tormento sem fim no inferno. Se você tem problema com isto deveria se examinar para ver se tem verdadeiramente afirmado o Cristianismo, porque uma vez discordando de Cristo e dos apóstolos, sobre que fundamento você reivindica ser um cristão? Jesus diz: “Aquele que não está comigo, está contra mim” (Mateus 12:30). Se você não é um cristão, então você não é apenas um não-cristão em suas crenças, mas é um anti-cristão. Esta é a verdade, quer você goste, quer não.

No contexto do governo da igreja, alguém que afirme o pluralismo religioso e a legitimidade das religiões ou cosmovisões não-cristãs deveria ser posto a par das implicações de tal crença. A igreja deveria deixar claro para tal pessoa o que a Bíblia ensina sobre o assunto. E se mesmo assim a pessoa se recusar a mudar os seus conceitos, deve ser excomungada ou expulsa da igreja. Precisamos nos conscientizar que a crença numa falsa doutrina é muito mais pecaminoso e destrutivo do que algo como assassinato ou prostituição. A falsa doutrina é muito mais maléfica do que todas estas outras coisas, e nós devemos proteger o rebanho removendo aqueles que insistem em afirmar idéias antibíblicas: “Um pouco de fermento leveda toda a massa” (Gálatas 5:9). Uma razão porque muitos membros da igreja são tão fracos hoje é uma falta de disciplina imediata.

Considerando a minha demonstração da veracidade do Cristianismo em outros livros e artigos, e a minha exposição do absurdo de se declarar a unidade essencial de todas as religiões, podemos continuar com a suposição de que o Cristianismo é exclusivamente verdadeiro e que todas as religiões não-cristãs são falsas. Assim, podemos com grande apreciação retornar ao ensino declarado no início, ou seja, que somente os cristãos podem oferecer orações que são aceitáveis a Deus. Colocando isto de outra forma, para que a oração de uma pessoa seja aceitável, ele precisa ter um relacionamento correto com Deus, mas para ter um relacionamento correto com Deus ela deve antes ter um relacionamento correto com o mediador designado entre Deus e a humanidade.

O único mediador entre Deus e a humanidade é Jesus Cristo, que é tanto Deus como homem. Nós não estamos falando sobre algum princípio geral de Cristo ou o “espírito” de Cristo, mas o Jesus histórico de Nazaré, Deus o Filho que tomou sobre si os atributos humanos, que morreu por seu povo e ressuscitou dentre os mortos. Você não pode ser um muçulmano ou budista e dizer que está de certo modo orando através de Cristo. Você não pode dizer que pode ser um mórmon ou hindu, e que orando com uma certa atitude ou espírito, estará orando através de Cristo. Você não pode dizer que Cristo é de

---

<sup>23</sup> Vincent Cheung, *Systematic Theology* [Teologia Sistemática] e *Ultimate Questions* [Questões Últimas]. Se você discorda da minha defesa da fé cristã como a única cosmovisão verdadeira, então você deve me refutar. Muitas pessoas rejeitam argumentos sadios que elas não desejam crer. Isso é desonesto e irracional.

alguma forma o mediador de todas estas religiões. Não, a Bíblia exige que você reconheça por nome o Jesus histórico de Nazaré, que é tanto Deus e homem, e que é o único mediador entre Deus e a humanidade. Ele é o único caminho para Deus; todos os outros caminhos levam ao tormento sem fim no inferno. Alguns grupos que reivindicam afirmar a fé cristã sugerem que santos e anjos podem agir como mediadores entre Deus e a humanidade, de forma que eles possam apelar a, digamos, “Maria, a mãe de Jesus, por ajuda e por intercessão”. Esta é uma rejeição direta do ensino escriturístico. 1Timóteo 2:5 diz que há somente um mediador, não dois ou três, ou trezentos. Há somente um. Fora de Jesus Cristo não há acesso a Deus de forma alguma. Jesus Cristo é o mediador entre Deus e a humanidade, mas ele não dá a todos humanos o acesso apropriado a Deus. Antes, através dele somente os cristãos têm acesso a Deus o Pai em oração e adoração.

## 2. ORANDO AO PAI

*Vocês, orem assim: “Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mateus 6:9-10)*

Se você não é um cristão, então não é um filho de Deus, mas um filho do diabo. Todos os seres humanos são criaturas de Deus, e isso de fato é verdade. Porém, quando estamos nos referindo ao relacionamento que temos com Deus, a humanidade é dividida entre aqueles que são filhos de Deus e aqueles que são filhos do diabo. Desde os primórdios da história humana os dois grupos têm estado em conflito um com o outro (Gênesis 3:15).

Aqueles que pensam que todos os seres humanos são filhos de Deus mostram ignorância do que a Bíblia diz a respeito do assunto. Jesus diz que o “pai” dos seus oponentes é o diabo, e que eles tornam os seus discípulos duas vezes mais filhos do inferno do que eles (João 8:44; Mateus 23:15). Paulo escreve:

“Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo. Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temerem, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: ‘Aba, Pai’. O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus” (Romanos 8:9,15-16).

A passagem faz menção a um “Espírito” específico, isto é, o Espírito *de Cristo*. Se você não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo, e se você não pertence a Cristo não pode ter Deus como seu Pai. A Bíblia desmente a idéia de que a humanidade é “uma grande família”, insistindo que a família de Deus consiste somente de cristãos. Se você não é um cristão não pode chamar Deus de seu Pai, visto que seu pai é o diabo. Não faz diferença se você pertence a alguma religião que considera muito apropriada, ou se você se considera uma pessoa muito boa – você é um filho do diabo se não for cristão.

Quando Jesus ensinou os seus discípulos a se dirigirem a Deus como seu Pai, imediatamente excluiu todos os não-cristãos de terem acesso a Deus. Antes, todos os que se achegam a Deus o Pai devem fazê-lo por Deus o Filho, Jesus Cristo. Os cristãos têm o Espírito de Cristo em seus corações e assim podem legitimamente chamar Deus de Pai. Portanto, ser cristão é o pré-requisito para se ter qualquer relacionamento correto com Deus.

Essa visão exclusivista é contrária àquilo que muitas pessoas querem assumir. Mesmo alguns dos que se consideram cristãos são cautelosos em afirmar a posição bíblica de forma assim tão explícita. No entanto, uma vez que o que foi dito é o que a Bíblia ensina, não devemos nunca fazer qualquer coisa que obscureça a mensagem. Se os cristãos não estivessem tão temerosos de ofender as pessoas não teríamos tantos falsos conversos em nossas igrejas contemporâneas.

O que estou dizendo é duro e ofensivo a você? Algumas pessoas também se queixaram do que Jesus ensinou: “Ao ouvirem isso, muitos dos seus discípulos disseram: “Dura é essa palavra. Quem pode suportá-la? Sabendo em seu íntimo que os seus discípulos

estavam se queixando do que ouviram, Jesus lhes disse: ‘Isso os escandaliza?’” (João 6:60-61). De que forma Jesus lidou com a insatisfação desses discípulos? Ao invés de se propor a suavizar o ensino, Jesus valeu-se imediatamente da situação aplicando a doutrina da eleição: “E prosseguiu: ‘É por isso que eu lhes disse que ninguém pode vir a mim, a não ser que isto lhe seja dado pelo Pai’” (v. 65). Sua declaração não foi bem recebida, pois o próximo versículo diz: “Daquela hora em diante, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e deixaram de segui-lo” (v. 66).<sup>1</sup>

Se você está ofendido com a apresentação franca e direta do Evangelho, então Deus não o escolheu para a salvação, e você não tem capacidade para aceitar isso. Ou é possível que você esteja entre os eleitos, mas Deus decidiu fazer com que você aceite o Evangelho mais tarde. Seja como for, o que muitos cristãos falham em compreender é que o não-eleito *deve* ficar ofendido com a mensagem do Evangelho. Não devemos distorcê-la a fim de não ofender ninguém. O Evangelho não ofende as pessoas porque é irracional, pois é racionalmente invencível. Os não-eleitos ficam ofendidos com o Evangelho genuíno precisamente porque eles são irracionais e pecaminosos, e porque Deus não os regenerou para que assim pudessem reagir ao Evangelho de forma positiva (1Coríntios 1:18-31).

Talvez você seja um dos muitos falso-conversos das nossas igrejas, e ninguém tornou a mensagem do Evangelho clara a você. Você pensa que é cristão mesmo que não tenha explícita ou implicitamente renunciado a todas as filosofias e religiões não-cristãs, considerando-as falsas? Se você declarou um “evangelho” que não exclui as outras religiões, então não declarou o verdadeiro Evangelho. Minha sugestão a você é a mesma que Paulo deu aos coríntios: “Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos” (2 Coríntios 13:5).

Jesus ensina que devemos orar a Deus o Pai. Uma vez que o Pai é uma mente divina e não um objeto não-racional, devemos usar uma linguagem inteligível para expressar os nossos pensamentos, e isto exclui todas as religiões que não envolvem uma pessoa divina racional. E desde que devemos orar ao “Pai”, uma pessoa definida, isso não pode se referir a qualquer pessoa; antes, devemos orar somente ao Pai divino da Bíblia.

Esse “Pai” é definido por muitos atributos distintos, a soma dos quais restringe a nossa concepção dele a uma pessoa muito específica, como que para nos conscientizarmos de que orações dirigidas a qualquer outra pessoa são mal-orientadas. Também implica que devemos ter uma compreensão precisa da definição bíblica dessa pessoa divina, de modo que a nossa concepção de Deus corresponda à concepção de Deus revelada na Escritura.

Essa consideração nos leva a rejeitar a noção que pouco importa no que você crê sobre Deus, contanto seja com sinceridade. É possível crer sinceramente em algo e estar enganado. Crer sinceramente em Buda não o faz aceitável a Deus, uma vez que da perspectiva cristã você seria apenas sinceramente pecaminoso. O que Deus requer é que sinceramente afirmemos a verdade; ainda que a fé seja importante, o objeto da fé também é. Devemos crer nas doutrinas certas. Devemos definir “Deus” – objeto da nossa fé – com base nas qualidades atribuídas a ele pela Bíblia.

---

<sup>1</sup> Se você queria saber se devemos incluir a doutrina da eleição quando pregamos o Evangelho, aqui está a sua resposta. Jesus foi direto ao ponto dizendo às pessoas que não poderiam crer a menos que o Pai as capacitasse a isso. No entanto, não precisamos todas às vezes fazer menção a essa doutrina na evangelização; quero apenas dizer que não devemos deliberadamente evitar mencioná-la.

Antes de tratarmos de alguns dos atributos divinos fundamentais relativos ao nosso contexto, o fato de que devemos dirigir nossas orações ao Pai levanta um ponto particularmente relevante em nossos dias, isto é, muito da teologia feminista é contrário ao ensino bíblico, e assim deve ser rejeitado e confrontado. Por exemplo, embora Deus seja sem gênero, ele se revela na Bíblia em termos e pronomes masculinos, de modo que nos dirigimos a ele como “Pai” e não “Mãe”, como “ele” e não “ela”. Gostaria de enfrentar a ameaça da teologia feminista mais minuciosa e sistematicamente em outra ocasião, e entendo que suas idéias subversivas remetem a mais pontos e não só àquele considerado em nosso exemplo. Por ora precisamos apenas reconhecer que o cerne da agenda teológica feminista é anti-cristão;<sup>2</sup> assim, pretendemos desafiar as asserções não-bíblicas dos proponentes sempre que vierem à tona, e excomungar o desobediente. Retornemos agora à discussão dos atributos divinos.

“Deus é amor” (1João 4:8,16) é freqüentemente citado por pessoas que desejam provar certos pontos da sua concepção de Deus, ou coisas que ele faria ou não faria. Essas pessoas desenvolvem inferências da proposição “Deus é amor”, que pensam ser verdadeiras se de fato Deus é amor. Mas o que é amor? E o que deve ser entendido a partir do fato que Deus é amor? Certamente não procede que um Deus que é amor não vá mandar ninguém ao inferno, pois a mesma Bíblia diz que ele manda muitas pessoas ao inferno. Também não procede que um Deus que é amor vá aceitar não-cristãos, pois a mesma Bíblia diz que ele rejeita não-cristãos.

Algumas pessoas gostam de enfatizar “Deus é amor” porque falsamente crêem que o atributo divino do amor irá poupá-las do julgamento prometido para aqueles que desobedecem a Deus. Por exemplo, elas podem alegar que uma vez que “Deus é amor”, ele ama também o homossexual e não vai julgá-lo. No entanto essa inferência contradiz outras proposições na Bíblia, portanto é uma inferência falsa.

O amor de Deus não contradiz as outras coisas que a Bíblia diz sobre ele. Devemos definir o amor corretamente. Ademais, a mesma Bíblia que diz “Deus é amor” também diz “Deus é luz; nele não há treva nenhuma” (1João 1:5). Como pode esse versículo, na mesma carta do apóstolo João, ser tão raramente mencionado? Talvez tenha algo a ver com o verso seguinte, que diz no que “Deus é luz” implica: “Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (v. 6). Andar com Deus requer conformidade ao seu padrão de vida justa, e se você não age assim, não está andando com Deus. Portanto, essa passagem sobre a luz de Deus resplandece sobre aqueles que se escondem debaixo das trevas de uma interpretação distorcida de “Deus é amor”, expondo o fato que eles não estão realmente andando com Deus.

A mesma Bíblia que diz “Deus é amor”, também diz “Deus é luz”. E a mesma Bíblia que diz “Deus é luz”, também diz “Deus é fogo consumidor” (Hebreus 12:29). As três proposições são verdadeiras e consistentes umas com as outras, mas as inferências inválidas que as pessoas formulam de “Deus é amor” freqüentemente contradizem as outras duas proposições. Dizer que Deus é fogo consumidor não significa que ele vai lhe dar um caloroso afeto. O autor de Hebreus declara essa proposição no contexto do chamado aos seus leitores para adorarem a Deus “com reverência e temor” (v. 28). A imagem de Deus sendo um fogo consumidor é associada com ira, julgamento e poder

<sup>2</sup> Veja Susan T. Foh, *Women and the Word of God: A Response to Biblical Feminism*; Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1992; John Piper and Wayne Grudem, eds., *Recovering Biblical Manhood and Womanhood: A Response to Evangelical Feminism*; Crossway Books, 1991.



para destruir.<sup>3</sup> O homem moderno pode desaprovar um Deus nesses termos, mas o que há de errado com um Deus assim? Se Deus vem sobre você como um fogo consumidor, é sobre você que recai a responsabilidade. Paulo adverte os seus leitores a considerar a “bondade e a severidade” (Romanos 11.22) de Deus. Diz que ele é inflexível contra todos os que o desobedecem, mas é amável com você, isto se você continua em sua graça.

Muitas vezes tenho escutado pregadores dizerem “Deus não está irado com ninguém”. Isso é falso e dá aos não-cristãos uma falsa segurança. A Bíblia diz que se você for um não-cristão, Deus está agora muito irado com você, e: “Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!” (Hebreus 10:31). Jesus diz: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; já quem rejeita o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele” (João 3:36). Jesus diz que aquele que não é por ele é contra ele (Mateus 12:30); não há posição neutra. Você não precisa deliberadamente colocar-se contra Cristo para ser tido como seu inimigo, pois você nasceu como seu inimigo. 1João 5:12 diz: “Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida”. Você pode suprimir o seu conhecimento de Deus e a sua rebelião contra ele (Romanos 1:18), mas ele é onisciente e você não vai conseguir encobrir nada (Hebreus 4:13).

Se você não é cristão, a severidade de toda a ira divina será derramada contra você, quem sabe num momento inesperado, e como se você escutasse Deus dizer: “Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?” (Lucas 12:20). É evidente, como expliquei em outra ocasião, que a ira de Deus não é uma simples emoção, já que ele não é homem e não tem emoções.<sup>4</sup> Não obstante, isso não representa qualquer alívio a você, pois a ira divina é um posicionamento de pensamento e ação contra os seus inimigos que vai resultar em nada menos que o exercício da sua total destruição e eterno castigo.

Os pregadores contemporâneos tendem a obscurecer a ira de Deus, apresentando-o como um inofensivo e desamparado palhaço. Há alguns sermões de “fogo e enxofre”, objeto de aversão por algumas congregações, porém mesmo a maioria desses sermões não está, no que se refere ao terror, próxima o suficiente da descrição dos horrores genuínos do inferno, da real condição perdida de todos aqueles sem Cristo e da real grandeza da misericórdia divina para com os seus eleitos.

Insisto que você leia o sermão “Pecadores nas mãos de um Deus irado” de Jonathan Edwards.<sup>5</sup> Ele provê uma perspectiva bíblica muito útil sobre a condição do pecador. Não é possível reproduzir aqui o sermão na sua íntegra, mas seguem alguns trechos:

A ira de Deus é como grandes águas represadas que crescem mais e mais, aumentam de volume, até que encontram uma saída. Quanto mais tempo a correnteza for reprimida, mais rápido e forte será o seu fluxo ao ser liberada. É verdade que até agora ainda não houve um julgamento por vossas obras más. A enchente da vingança de Deus encontra-se represada. Mas, por outro lado, vossa culpa cresce cada vez mais, e dia a dia vocês acumulam mais e mais ira contra si mesmos. As águas estão subindo continuamente, fazendo a sua força aumentar mais e mais. Nada, a não ser a misericórdia de Deus, detém as águas, as quais não

<sup>3</sup> Deuteronômio 4:21-27, 9:3; Salmo 50:3, 97:3; Isaías 66:15; Hebreus 10:27.

<sup>4</sup> Vincent Cheung, *Systematic Theology* [Teologia Sistemática].

<sup>5</sup> *The Words of Jonathan Edwards, Volume 2*; Hendrickson Publishers, 2000 reimpresso da edição de 1834; p. 7-12.



querem continuar represadas e forçam uma saída. Se Deus retirasse sua mão das comportas, elas se abririam imediatamente e o mar impetuoso da fúria e da ira de Deus iria se precipitar com furor inconcebível, e cairia sobre vocês com poder onipotente. E mesmo que a vossa força fosse dez mil vezes maior do que é, sim, dez mil vezes maior do que a força do mais forte e vigoroso diabo do inferno, não valeria nada para resistir ou deter a ira divina.

O arco da ira de Deus já está preparado, e a flecha ajustada ao seu cordel. A justiça aponta a flecha para o vosso coração, e estica o arco. E nada, senão a misericórdia de Deus – um Deus irado! – que não se compromete e a nada se obriga, impede que a flecha se embeba agora mesmo do vosso sangue. Assim estão todos vocês que nunca experimentaram uma transformação real em vossos corações pela ação poderosa do Espírito do Senhor em vossas almas – todos vocês que não nasceram de novo, nem foram feitos novas criaturas, ressurgindo da morte do pecado para um estado de luz, e para uma vida nova nunca antes experimentada. Por mais que vocês tenham modificado a conduta em muitas coisas, e tenham possuído simpatias religiosas e até mantido uma forma pessoal de religião com vossas famílias e em particular, indo à casa do Senhor, sendo até severos quanto a isso, mesmo assim vocês estão nas mãos de um Deus irado. Somente a sua misericórdia vos livra de ser, agora, neste momento, tragados pela destruição eterna. Por menos convencidos que estejam agora quanto às verdades ouvidas, no porvir vocês serão plenamente convencidos. Aqueles que já se foram e que estavam na mesma situação que a vossa, percebem que foi exatamente isso que lhes aconteceu, pois a destruição caiu de repente sobre muitos deles, quando menos esperavam, e quando mais afirmavam viver em paz e segurança. Agora eles vêem que aquelas coisas nas quais puseram sua confiança para obter paz e segurança eram nada mais que uma brisa leve e sombras vazias.

O Deus que vos mantém acima do abismo do inferno vos abomina; ele está terrivelmente irritado e seu furor contra vocês queima como o fogo. Ele vê vocês como dignos apenas de serem lançados ao fogo. E seus olhos são tão puros que não podem tolerar tal visão. Vocês são dez mil vezes mais abomináveis aos seus olhos do que é a mais odiosa das serpentes venenosas para os olhos humanos. Vocês o têm ofendido infinitamente mais do que qualquer rebelde obstinado ofenderia um governante. No entanto, nada, a não ser a sua mão, pode impedir-vos de cair no fogo a qualquer momento. O fato de vocês não terem ido para o inferno a noite passada e de terem tido permissão para acordar ainda aqui neste mundo, depois de terem fechado os olhos ontem para dormir, atribui-se ao mesmo favor. Não existe outra razão porque vocês não foram lançados ao inferno ao se levantarem pela manhã, a não ser o fato da mão de Deus ter-vos sustentado. E não existe outra razão porque vocês não caem no inferno neste exato momento.

Os terrores do inferno são de fato assustadores, mas certamente você deve pensar que vou dizer que Deus enviou Cristo para tornar a salvação possível a qualquer um, mesmo a você; assim, você definiria seu próprio destino, isto é, estaria capacitado a livrar-se por si mesmo do castigo eterno. Mas Deus não possibilitou nem mesmo essa capacidade de escolha ao pecador. Jesus diz que ninguém pode ser salvo, exceto aqueles que ele escolheu; a menos que Deus primeiro mostre misericórdia por você, você não vai desejar e nem mesmo poder escolhê-lo. Portanto, até mesmo neste aspecto você é

impotente, absolutamente dependente da sua misericórdia. Como Edwards declara em seu sermão: “Assim como no grande derramamento do Espírito sobre os judeus nos dias dos apóstolos, a eleição alcançará, e os demais serão endurecidos”.

Portanto, clame a Deus por misericórdia, e pode ser que ele tenha mostrado bondade para com você e o tenha regenerado, de forma que a sua súplica por misericórdia de fato seja fruto de um coração sincero ao invés de resultado da pretensão ou do pavor carnal; e assim você obterá salvação pela fé genuína em Jesus Cristo. Se você já se considera um cristão, então creia e comporte-se como um cristão. Como disse Jesus: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus” (Mateus 7:21). Por que você o chama de “Senhor”, mas nega-se a fazer o que ele manda (Lucas 6:46)? Poderia ser o caso da sua profissão de fé ser falsa? Você não pode trapacear no seu caminho para o céu. Examine a si mesmo! “Não percebem que Cristo Jesus está em vocês? A não ser que tenham sido reprovados!” (2Coríntios 13:5).

### 3. ORANDO PELO ESPÍRITO

***“Pois por meio dele tanto nós como vocês temos acesso ao Pai, por um só Espírito”  
(Efésios 2:18)***

A Bíblia ensina que devemos orar por intermédio do Filho, ao Pai, através do Espírito. Mas nem todos têm o Filho (1João 5:12), e nem todos têm o Espírito (Romanos 8:9); logo, nem todos podem orar ao Pai. É importante compreender a relação entre a oração e a exclusividade do Cristianismo, pois se nem todos têm acesso a Deus, então aquele que ora mais adequadamente tem uma percepção correta acerca do que e de quem ele é perante Deus. Ele ainda é um inimigo de Deus, ou Deus mudou o seu coração e deu-lhe a dádiva da fé para abraçar o evangelho?

A exclusividade do Cristianismo continua a ser importante e relevante para o cristão, uma vez que ele deve reter um senso de gratidão e reverência pelo fato de ter sido escolhido para aproximar-se de Deus: “Bem-aventurado aquele a quem escolhes e aproximas de ti, para que assista nos teus átrios; ficaremos satisfeitos com a bondade de tua casa – o teu santo templo” (Salmos 65:4). Antes do que ter a arrogante e tola atitude de que Deus deveria agradecer ao homem por crer no evangelho, o indivíduo humano deve desenvolver sua nova vida “em temor e tremor” (Filipenses 2:12-13), ciente de que é aceito na presença de Deus somente por causa do prazer e critério do próprio Deus.

O cristão não fez nada para merecer a salvação, e em si mesmo não é melhor do que o não-cristão, que será condenado ao castigo eterno no inferno. Assim, o cristão não pode se vangloriar de nada, seja pelo seu bom senso em escolher a Cristo, visto que Cristo diz “vocês não me escolheram, mas eu os escolhi” (João 15:16), ou seja pela sua superioridade moral, visto que “como os outros, éramos por natureza mercedores da ira” (Efésios 2:3). Assim, portanto, aquele que se gloria não glorie-se em si mesmo, mas glorie-se no que Deus fez por ele em Cristo (1 Coríntios 1:31).

O cristão em si não era intelectual e moralmente superior ao não-cristão. Mas não faça confusão neste ponto – uma vez que Deus o muda e salva, o cristão é de fato intelectual e moralmente superior. Falsa humildade e ignorância bíblica podem justificar a negação desse ponto por muitos crentes, mas a Bíblia ensina que somos iluminados e santificados em Cristo, e que o nosso crescimento espiritual envolve acréscimo em conhecimento e santidade. Além disso, a Bíblia chama os descrentes de tolos e perversos em contraste com aqueles que têm sido mudados por Deus através de Cristo.

Se você não tem sabedoria superior, como Deus define sabedoria, então você não tem sido iluminado; se você não tem um caráter superior, como Deus define caráter, então você não tem sido transformado. Logo, se você não é intelectual e moralmente superior aos incrédulos, Deus não fez nenhuma obra em você, e você não é nem mesmo um cristão. Negar que os cristãos são intelectual e moralmente superiores aos não-cristãos é contradizer a Escritura e insultar a obra de Deus.

O Espírito Santo dá aos cristãos acesso a Deus, tornando possível a oração. Mas ele nos auxilia também em outro aspecto:

“Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações conhece a intenção do

Espírito, porque o Espírito intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus” (Romanos 8:26-27).

Alguns dos gregos compreenderam as nossas limitações no que diz respeito a orar, chegando a conclusões similares sobre esse ponto: “Pitágoras proibiu seus discípulos de orarem por si mesmos, porque, disse ele, nunca poderiam em sua ignorância saber o que lhes era mais conveniente. Xenófanes nos conta que Sócrates ensinou seus discípulos a tão somente orar por coisas boas, sem tentar especificá-las, deixando Deus decidir no que consistiam essas coisas boas”.<sup>6</sup>

O cristão não está em tal condição infeliz, uma vez que a Escritura revela um considerável nível de conhecimento sobre a vontade de Deus, por onde podemos deduzir muita informação para entender e interpretar nossas situações particulares. A Bíblia em si reivindica ser suficiente, o que significa que se você tem um conhecimento completo do seu conteúdo, e se segue plenamente o que ela ensina, nunca irá transgredir a vontade de Deus. É claro, ninguém tem um conhecimento completo da Bíblia, e ninguém a segue plenamente, e assim precisamos regularmente pedir perdão a Deus. O ponto é que a Bíblia em si contém informação suficiente, e então quando falhamos em ter uma vida perfeita diante de Deus, não podemos nunca dizer que isso acontece porque a Bíblia seja insuficiente (2Pedro 1:3).

Isso dito, uma vez que com frequência não sabemos tudo sobre uma situação, incluindo mesmo a nossa, e desde que não podemos conhecer todas as relações entre vários eventos e escolhas, algumas vezes não sabemos o que é o melhor para se orar em alguma situação. Podemos saber o que queremos quando isso envolve a nossa vida pessoal, porém mesmo neste caso não podemos saber se o que desejamos é sempre o melhor, ou se isso se conforma ao propósito específico que Deus tem para as nossas vidas.

Isso corresponde a dizer que não somos oniscientes, e não que a Escritura disponha informação insuficiente. Não é pecado falhar em conhecer tudo, mas aqui reside o problema prático de não saber o que orar. Isto é, não é uma questão de carecer da informação necessária para exercer a santidade, uma vez que a Escritura é de fato suficiente, mas é uma questão de incapacidade prática em decorrência das nossas limitações humanas.

O Espírito nos dá acesso a Deus, então podemos orar, mas nem sempre sabemos o que convém orar. Assim, Paulo diz: “o próprio Espírito intercede por nós com gemidos que não podem ser expressos em palavras”. O que isso quer dizer?

Primeiro precisamos esclarecer o que “gemidos *que não podem ser expressos em palavras*” pode querer dizer. Se os “gemidos” representam pensamentos que são inexprimíveis por palavras, então isso parece ser impossível. Se as palavras são apenas sinais arbitrários que representam pensamentos, então em tese as palavras podem expressar qualquer pensamento. Por exemplo, “X” pode ser uma palavra representando absolutamente qualquer tipo de pensamento. Não importa quão profundo for um dado pensamento, se uma mente pode executá-lo, as palavras podem expressá-lo. De fato, “X” pode designar uma proposição na sua totalidade ou mesmo todas as proposições de

---

<sup>6</sup> William Barclay, *The Letter to the Romans (The Daily Study Bible Series)*; Westminster John Knox Press, 1975; p. 112.

um livro; logo, em si mesmas as palavras sempre são adequadas para expressar qualquer tipo de pensamento.

Porém, se os “gemidos” não representam pensamentos e não têm em vista originar pensamentos em outra mente, então não se pretende tê-los de fato como veículos de expressão, e assim “não podem” parece inaplicável para a comunicação verbal. Isto é, seria um erro categórico o verso realmente dizer que alguns pensamentos não podem ser expressos em palavras, uma vez que todo tipo de pensamento pode ser expresso em palavras. E qualquer coisa que possa ser expressa deve ser em pensamentos ou de forma que gere pensamentos em outra mente. De outro modo, a transação não pode ser corretamente chamada de comunicação. O versículo deve ser traduzido ou compreendido de outra forma. Ou quem sabe esse versículo queira dizer que não temos clareza intelectual ou capacidade de colocar esses gemidos em palavras, porém não se está dizendo que as palavras em si mesmas, ou a linguagem em si mesma seja deficiente na expressão de pensamentos.

Seja como for, devemos rejeitar a noção popular de que a linguagem é inerentemente incapaz de expressar muitas coisas. Isto não é nada mais que um preconceito anti-intelectual. O que foi dito acima mostra que qualquer limitação na expressão deve se referir à mente e não à linguagem em si.

No entanto, se Paulo está realmente dizendo que o Espírito provê uma solução à nossa limitação por meio de “gemidos *que não podem ser expressos em palavras*” como que justificando uma limitação da linguagem em si na expressão de pensamentos, então o meu argumento deve estar errado e não devemos levar adiante a interpretação da passagem, mas precisamos aceitar que há de fato uma limitação inerente na linguagem. Porém uma análise cuidadosa revela que não precisamos chegar a tal conclusão. Douglas Moo sustenta que o termo traduzido “que não pode ser expresso em palavras” na NVI aparece somente aqui no grego bíblico, e o sentido encerrado na sua etimologia é mais adequadamente transmitido como “indescritível” ou “inexprimível”.<sup>7</sup> Da mesma forma, Thomas Schreiner escreve: “ele representa muito mais adequadamente ‘sem fala’, a ausência de qualquer vocalização”.<sup>8</sup> Independentemente do que for entendido de “gemidos”, não se trata de pensamentos que se queira transmitir em palavras; portanto, o verso não diz que existe algum tipo de limitação inerente na linguagem em si no que se refere a dar expressão aos pensamentos.

Os gemidos não se referem a sons audíveis literais, pois esses gemidos são metafóricos. Encontramos amplo suporte a essa interpretação a partir dos versículos que precedem a nossa passagem:

“Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada. A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. Pois ela foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a *natureza criada geme até agora*,

<sup>7</sup> Douglas J. Moo, *The Epistle to the Romans (The New International Commentary on the New Testament)*; William B. Eerdmans Publishing Company, 1996; p. 524.

<sup>8</sup> Thomas R. Schreiner, *Romans (Baker Exegetical Commentary on the New Testament)*; Baker Books, 1998; p. 445.

como em dores de parto. E não só isso, mas nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, *gememos interiormente*, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8.18-23).

Paulo descreve a tensão e a frustração que experimentamos por vivermos num presente imperfeito ainda que na expectativa do futuro que será perfeito. Aguardamos a consolidação da nossa salvação, outrossim, “a redenção dos nossos corpos”. E assim, nosso “gemido” não é de uma natureza audível, mas é uma metáfora para a tensão e a frustração que agora experimentamos. Que esse “gemido” é metafórico é ainda mais evidente quando vemos que, num sentido, a criação a um só tempo compartilha essa tensão e frustração, e “geme a um só tempo” conosco. Mas a criação em si mesma não é uma entidade racional, e não geme literalmente como uma mulher sofrendo “as dores do parto”. Assim, o “gemido” nesses versos representa uma ardente expectativa pelo cumprimento do plano de Deus, ao invés de um som audível.

Paulo escreve que, num sentido, o Espírito também geme pelo cumprimento da vontade de Deus. O versículo 26 diz: “não sabemos o que devemos orar, mas o Espírito *intercede por nós* com gemidos que não podem ser expressos em palavras”. Uma vez que nem sempre sabemos o que orar, o Espírito intercede por nós com “gemidos” que não são expressos audivelmente. Mas o que eles significam? Qual é a natureza e o modo dessa intercessão?

Schreiner diz o seguinte:

Esses gemidos não são audíveis. São os inexprimíveis anseios que surgem no coração do crente para fazer e conhecer a vontade de Deus. Que os gemidos procedam *do coração dos crentes* é sugerido pelo versículo 27, o qual diz que “Deus sonda os corações”. Isso é mais naturalmente entendido como se referindo ao coração dos crentes. Deus sonda o coração dos crentes e descobre anseios inexprimíveis para conformar suas vidas à vontade de Deus. O Espírito Santo toma esses gemidos e os apresenta diante de Deus de uma forma articulada. Muito embora os crentes não consigam especificar adequadamente as suas preces a Deus, visto que não conhecem suficientemente a sua vontade, o Espírito Santo traduz esses gemidos e os conforma à vontade de Deus.<sup>9</sup>

A passagem de fato sugere que os crentes “não conhecem suficientemente a sua vontade”<sup>10</sup>, que o Espírito Santo faz *algo* a respeito disso, e que esse “algo” é relacionado aos gemidos mencionados. No entanto, discordo de Schreiner quando ele diz que esses gemidos estão “no coração dos crentes” como se fossem gemidos dos crentes que o Espírito transforma em orações aceitáveis a Deus.

O versículo 27 sugere, segundo Schreiner, que os gemidos procedem do coração dos crentes, pois é dito que “Deus sonda os corações”. Embora eu concorde que “corações” se refere aos corações dos crentes, discordo que o verso apóie a sua conclusão. Precisamos ler todo o versículo, que diz: “E aquele que sonda os corações sabe qual é a

<sup>9</sup> Schreiner, p. 446.

<sup>10</sup> Novamente, o que os crentes sabem de forma insuficiente não corresponde ao que a Bíblia revela suficientemente. Isto é, a nossa falta de conhecimento não contradiz a reivindicação da Escritura de conter informação suficiente, já que a Escritura não alega prover o que essa passagem diz que nos falta. Mesmo assim, defendendo que se o nosso conhecimento da Escritura fosse completo, é duvidoso que muito, ou algo da falta de conhecimento a que se refere essa passagem fosse permanecer.



mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos”. As palavras “aquele que sonda os corações” simplesmente identificam quem é “aquele” de quem falamos. As palavras seguintes nos dizem o que “aquele que sonda os corações” realmente faz – ele “sabe qual é a mente do Espírito”. Agora, o versículo 26 diz que o Espírito “intercede por nós”, e o versículo 27 diz que o Espírito “intercede pelos santos”, portanto é a oração do Espírito, e não a dos crentes, que esta passagem diz que Deus ouve.

Considerando um entendimento do contexto dessa passagem, isto é, ao menos dos versículos 18-28, podemos parafrasear da seguinte forma: “Não sabemos sempre o que orar, mas o Espírito ora por nós inaudivelmente. Agora, aquele que conhece os nossos pensamentos também conhece os pensamentos do Espírito; portanto, embora o Espírito ore inaudivelmente, Deus ouve as orações que o Espírito faz por nós. E essas orações são eficazes, uma vez que o Espírito ora por nós de acordo com a vontade de Deus”. O motivo porque Paulo refere-se a Deus como quem “sonda os corações” pode ser devido ao Espírito ser aquele que habita nos crentes, por onde Paulo de fato parece dizer: “Aquele que conhece os vossos pensamentos também conhece os pensamentos do Espírito que vive em vós”.

Douglas Moo chega a uma conclusão parecida, e diz:

Além disso, o mais provável é que os gemidos não são dos crentes, mas do Espírito... é preferível entender esses “gemidos” como a própria “linguagem de oração” do Espírito, um ministério de intercessão que toma lugar nos nossos corações de um modo *imperceptível a nós*. Logo, isso implica que os “gemidos” são de natureza metafórica... Acredito que Paulo está dizendo, então, que a nossa falha em conhecer a vontade de Deus e a conseqüente incapacidade de suplicar a ele específica e confiantemente é considerada pelo Espírito de Deus, que expressa ele mesmo perante Deus aqueles pedidos intercessórios que mais se harmonizam com a sua vontade...

O versículo 27 leva adiante a discussão de Paulo sobre a intercessão do Espírito e ressalta a eficácia dessa intercessão. A razão dessa eficácia é a perfeita sintonia que existe entre Deus, “aquele que sonda os corações” e “a mente do Espírito”. Deus, que vê o interior da pessoa, onde o ministério de intercessão do Espírito residente toma lugar, “conhece”, “reconhece” e responde àquelas “intenções” do Espírito que foram manifestadas nas suas orações em nosso favor.<sup>11</sup>

Tenho escutado muitos pregadores defenderem que a passagem considerada não ensina que o Espírito ora por nós, mas que o Espírito nos ajuda a orar. Dizem que o Espírito não fará por você algo que se supõe que você faça por si mesmo, ainda que ele o auxilie nisso. No entanto, isso implica querer dizer que essa passagem não ensina que o Espírito ora por nós porque não pode ser verdade que o Espírito ora por nós. Porém, uma vez que a passagem ensina que o Espírito ora por nós, isso significa que é verdade que o Espírito ora por nós.

Hebreus 7.25 ressalta que *Jesus Cristo* “vive sempre para interceder” pelos crentes. Assim, ele tem um ministério de intercessão pelos crentes, e esse ministério ocorre independentemente dos crentes. Além disso, ele ocorre no céu, e, portanto, é

<sup>11</sup> Moo, p. 526-527.



“imperceptível a nós”. O que a nossa passagem ensina é que o *Espírito Santo* também tem um ministério de intercessão. Esses pregadores perdem o foco da passagem, cuja verdadeira intenção é a de nos esclarecer que o Espírito tem um ministério de intercessão, por onde ele ora pelos crentes, e que essa é uma ação que ocorre independentemente dos crentes, de modo que também é “imperceptível a nós”.

Esses mesmos pregadores que escuto ensinariam que Cristo está intercedendo por nós, e não encontrariam conflito entre esse ministério de intercessão e a nossa responsabilidade pessoal de orar. Se reconhecermos que Cristo ora por nós, então é irracional insistir que o Espírito não pode também orar por nós, sobretudo porque a nossa passagem diz isso explicitamente. Cristo ora, o Espírito ora, e nós oramos – não há conflito entre esses três.

Jesus se refere ao Espírito como um “outro Consolador” (João 14:16, ou “Advogado”). Que o Espírito deve ter um ministério de intercessão em prol dos cristãos é algo que fecha muito bem com o seu ministério de segundo Advogado, fazendo um paralelo com o ministério de Cristo como o primeiro Advogado. Cristo atua agora como o nosso Advogado no céu, e o Espírito atua agora como o Advogado residente no coração. Ambos oram por nós.

Assim como o fato de Jesus Cristo ter um ministério de intercessão em nosso favor não nos impede ou desencoraja a orar, o fato do Espírito também ter um ministério de intercessão em nosso favor não deveria nos impedir ou desencorajar de orar. Pode ser verdade que o Espírito nos ajuda a orar, mas a passagem considerada está dizendo que ele próprio ora a Deus por nós, e uma vez que as suas orações estão sempre em concordância com a vontade de Deus, são sempre eficazes, e isto é algo que vamos analisar mais adiante neste capítulo.

Outra interpretação contrária da nossa passagem é que os “gemidos que não podem ser expressos em palavras” se referem ao falar em línguas. Uma vez que não sabemos sempre o que orar, o Espírito nos concederia palavras para falar numa língua que não conhecemos, como que para contornar as limitações das nossas mentes. No entanto, se a nossa interpretação da passagem estiver correta, já eliminamos a possibilidade de Paulo estar se referindo a línguas. A nossa interpretação diz que é o Espírito que ora em “gemidos” inaudíveis de uma maneira que é imperceptível e que está além dos crentes, mas essa descrição exclui as línguas de todo modo. Não se quer dizer com isso que a Bíblia não apóia o falar em línguas; se o faz ou não, *esta passagem* não parece ter as línguas em foco.

Isso me faz levantar uma questão relacionada ao falar em línguas, embora não tenha relevância direta com a nossa passagem. Independentemente de pensarmos que o falar em línguas é algo para o presente, e independentemente do que pensamos sobre isso, muitas pessoas que falam em línguas o fazem de um modo tal como que para evitar o esforço de passar pelas dificuldades de orar em inglês (ou na sua língua conhecida). Isto é, sempre que acharem difícil se expressar em inglês, ou sempre que acharem difícil prolongar suas orações, simplesmente começarão a falar em línguas, evitando assim passar por maiores esforços na oração. Como resultado, alguns aspectos importantes do seu crescimento espiritual são comprometidos.

Essa é uma crítica que Neil Babcox faz contra o falar em línguas. Embora ele seja da opinião que o falar em línguas não é para hoje, mesmo se estiver errado sobre isso, o que ele diz abaixo ainda é aplicável:

Em nenhum outro momento somos tão conscientes da nossa fraqueza e deficiência do que quando nos ajoelhamos para orar... Diante de tal inaptidão espiritual, línguas podem tornar-se uma muleta. Por exemplo, quando me vi mudo e sem reação em sua presença, poderia mui rapidamente ter remediado a situação orando em línguas. Novamente, quando oprimido por um sentimento de culpa e alienação de Deus, teria sido muito mais fácil orar em línguas do que sondar o meu coração buscando o motivo dessa culpa. Mas o que seria tudo isso senão uma evasiva? Ao passo que antes pudesse evitar as dificuldades inerentes à oração recorrendo às línguas, agora me vejo orando: “Senhor, ensina-me a orar”.<sup>12</sup>

Há muitas razões por que você pode encontrar dificuldades quando ora em inglês [ou na sua língua conhecida], mas em quase todos os casos isso diz respeito a problemas na mente. Talvez os seus pensamentos sejam incertos; talvez você se distraia facilmente; talvez falte a capacidade de colocar os pensamentos em palavras; ou talvez a sua ignorância do ensino bíblico o impeça de se relacionar com Deus de forma adequada. Seja qual for a razão, antes de desistir ou recorrer às línguas, você deve se empenhar para adquirir fluência na oração. E uma vez que a maioria dos problemas têm origem na mente, essa é a área que deve ser trabalhada por você. Peter Kreeft escreve: “A origem de um determinado ato humano é sempre interna, não externa. Por ‘um determinado ato humano’ me refiro a alguém formulando uma questão, desenvolvendo um trabalho artístico, fazendo uma escolha moral, defendendo uma outra pessoa, ou se deleitando com a beleza da natureza – ou orando... Pois no pensamento é que se inicia a ação... O pensamento é o primeiro campo de batalha”.<sup>13</sup>

Embora o crescimento espiritual envolva muito esforço e muita luta, se temos um senso de direção e propósito, e se temos em mente o que fazer, então o esforço e a luta vão render bons frutos. O empenho penoso na oração não deve ocorrer pelo esforço deliberado em você orar ainda que não consiga fazê-lo direito, mas deve envolver o desenvolvimento de uma mente espiritual pela leitura e meditação. Se você deseja orar melhor deve tornar os seus pensamentos mais claros e ricos. Assim, as coisas mais importantes que você pode fazer a fim de aperfeiçoar a sua oração são o estudo teológico e a prática da meditação, que envolve muita leitura e reflexão. Por exemplo, você não será capaz de enriquecer a sua oração e adoração contemplando os atributos divinos se você não os conhece. Oração e adoração eficazes dependem de conhecimento teológico. Assim, ler um livro de teologia sistemática coopera muito mais para aprimorar a sua vida de oração do que a leitura de um livro que trata especificamente de oração, mas cujo conteúdo é nitidamente pragmático, anedótico ou teologicamente superficial de alguma forma.

Jesus em algumas ocasiões orou noites inteiras, do entardecer até a manhã (Lucas 6:12). O conteúdo da sua mente era muito rico e o seu conhecimento era muito amplo. Não podemos atingir o seu nível, mas podemos nos empenhar para melhorar. E o Espírito está envolvido nisso tudo – é ele quem nos provê conhecimento e entendimento, quem nos faz voltar e obedecer a palavra de Deus, e quem transforma o nosso pensamento e o nosso caráter com base nas Escrituras. Embora a nossa passagem não trate especificamente da forma que o Espírito nos ajuda na oração, antes apenas declara que o Espírito ora em nosso favor, outras passagens bíblicas nos asseguram que ele está aqui

<sup>12</sup> Neil Babcock, *My Search for Charismatic Reality*; The Wakeman Trust, 1985; p. 65-66.

<sup>13</sup> Peter Kreeft, *Prayer for Beginners*; Ignatius Press, 2000; p. 38-41.

para nos ajudar em cada aspecto da nossa vida espiritual, incluindo a luta em orar melhor, estabelecendo um fundamento de maior conhecimento e mais profunda reflexão sobre as coisas de Deus.

Paulo está falando do ministério intercessório do Espírito. Porque o Espírito sempre ora “segundo a vontade de Deus” (Romanos 8:27), é que as suas orações são sempre eficazes. O versículo 28 descreve o resultado desse ministério efetivo: “E sabemos que em todas as coisas Deus trabalha para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”.<sup>14</sup> A HCSB é melhor: “Sabemos que todas as coisas cooperam juntas para o bem daqueles que amam a Deus: daqueles chamados segundo o seu propósito”.<sup>15</sup>

Embora Peter Masters tenha em foco outro tópico, o seguinte alerta contra o que ele chama de “falar pietista” também considera o mau uso de Romanos 8:28 feito pelos crentes:

Muitos cristãos têm adquirido uma forma de pensar e falar que é altamente destrutiva à direção genuína. Podemos chamá-la – falar pietista. Esses amigos freqüentemente atribuem toda sorte de eventos diários a intervenções diretas e especiais do Senhor, como se as suas vidas fossem constituídas de pequenos milagres. Eles crêem que essa forma de pensar e falar é o que o Senhor deseja do seu povo. Crêem que isso reflete uma gratidão e atitude espirituais. No entanto, essa tendência freqüentemente leva a alguma forma de “superstição” espiritual...

É notório que quando crentes adquirem o costume de um pensamento e falar pietistas, tendem a focar... questões terrenas ao invés de espirituais. E mais importante, envolvem comumente eventos favoráveis e não eventos desagradáveis ou dolorosos. Temos escutado amigos dizerem: “O Senhor mandou um ônibus para mim esta manhã”, e, “O Senhor possibilitou que eu passasse no exame, pois eu realmente fui muito mal”. Outros comentários sobre as intervenções diretas do Senhor dizem respeito a ocorrências diárias, como o tempo, ou o Senhor impedindo os bolinhos de queimarem...

Não devemos ser levados a pensar que apenas coisas boas, terrenas e corriqueiras são exemplos da sua providência. Por que deveríamos escolher as belas surpresas da vida e as coincidências como exemplos da obra de Deus nas nossas vidas? Por que não falar dos dias em que nada de mais notável aconteceu? Por que não falar das doenças e das ocasiões de fracasso? Afinal, Deus comanda todas as coisas que acontecem aos seus filhos.<sup>16</sup>

A relevância do que foi comentado acima para um correto entendimento de Romanos 8:28 está no fato que devemos considerar “bem” o caminho definido por Deus, e não o caminho que convenientemente consideremos bom. Na nossa passagem, Paulo procura nos dar uma perspectiva adequada para interpretar as coisas que sofremos nesta vida. Ele diz no versículo 18: “Porque para mim tenho por certo que *os sofrimentos do tempo presente* não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”. Então quando o versículo 28 diz que “todas as coisas cooperam para o bem”, as “todas as coisas”

<sup>14</sup> Thomas Watson, *All Things for Good*; The Banner of Truth Trust, 2001 (original: 1663).

<sup>15</sup> *Holman Christian Standard Bible*; Holman Bible Publishers, 2000.

<sup>16</sup> Peter Masters, *Steps for Guidance*; The Wakeman Trust, 1995; p. 119-122.

devem realmente incluir “todas as coisas”. De fato, Romanos 9 diz que mesmo a criação e a destruição dos réprobos glorifica a Deus e edifica os cristãos.

Mas a ênfase principal em Romanos 8:28 parece estar no sofrimento. A maioria das pessoas reconhece isso mesmo sem atentar ao contexto da passagem, mas pode mesmo assim compreender mal o versículo se tem um entendimento falso de “bem”. Por exemplo, o verso não pode significar: “Todas as coisas, sejam boas ou ruins, cooperam juntas para o seu bem – isto é, para torná-lo rico”. O “bem” no nosso verso não pode significar riquezas materiais, pois não é como Deus define “bem”. Jesus diz “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lucas 12:15). Nem pode o verso significar: “Todas as coisas, sejam boas ou ruins, cooperam juntas para o seu bem – isto é, para torná-lo popular”, pois Deus não define “bem” em termos de popularidade.

A nossa resposta está no versículo 29, que diz que Deus nos predestinou para sermos “conformados à imagem de seu Filho”. Assim, Deus define “bem” no verso 28 como aquilo que funciona para promover a nossa santificação. À medida em que fracassamos em considerar as coisas espirituais, esse pode não ser o item principal na nossa agenda, mas Deus está grandemente interessado nisso, e trabalha todas as coisas – mesmo a vida dos outros e o destino das nações – para efetuar a nossa santificação. “Pois esta é a vontade de Deus; a vossa santificação... porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação” (1 Tessalonicenses 4:3-7).

No entanto, não se quer com isso dizer que Deus não nos concede coisas agradáveis. No contexto da exortação às pessoas ricas, Paulo escreve que Deus “tudo nos proporciona ricamente para nosso apazimento” (1 Timóteo 6:17). O ponto não é que Deus nos concede somente coisas agradáveis ou coisas desagradáveis, ou que somente certas coisas promovem a nossa santificação, mas sim que *todas as coisas* cooperam juntas segundo a providência e a sabedoria de Deus para avançar o grande propósito da nossa santificação, que diz respeito ao nosso crescimento em conhecimento e em santidade (Colossenses 3:10; Efésios 4:24).

Mas então voltamos novamente à exclusividade do Cristianismo, pois todas as coisas cooperam juntas para o bem, não de todas as pessoas, mas somente “daqueles que amam a Deus” (v. 28). Paulo escreve: “Se alguém não ama o Senhor, seja anátema” (1 Coríntios 16:22). Já sabíamos por outros versículos que a ira de Deus permanece sobre os não-cristãos, e que não há escapatória do julgamento exceto por meio de Jesus Cristo.

Quem são então “aqueles que amam a Deus”? São aqueles que escolheram a Cristo por seu próprio “livre-arbítrio”? São aqueles que tiveram o bom senso e a capacidade moral de aceitar o Evangelho? A Escritura diz que ninguém pode escolher Deus se primeiro não tiver sido escolhido por ele. Assim, o verso diz que aqueles que amam a Deus são aqueles “que foram chamados segundo o seu propósito”. Não é dito que se tratam daqueles que amam a Deus porque escolheram amá-lo a partir das suas motivações pessoais, mas que amam a Deus porque foram escolhidos por ele segundo o seu propósito. Aqueles que amam a Deus são aqueles que foram “convocados por preferência”.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Richmond Lattimore, *The New Testament*; North Point Press, 1996; p. 343.

O resto da humanidade será “lançado no fogo e queimado” (João 15:6). No desígnio de Deus, eles servem para produzir um ambiente no qual os eleitos podem crescer em santificação, além de promover a glória de Deus pela sua destruição e condenação. Suas vidas não têm por elas mesmas um significado positivo. Muitos ficam horrorizados e ultrajados com esse Deus que é soberano, e que se atreve a exercer a sua soberania, mas “não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra?” (Romanos 9:21).

## ORAÇÃO E A NATUREZA DIVINA

Na introdução dos capítulos precedentes eu disse que Deus é definido pela soma dos seus atributos. Alguns desses atributos são a soberania, o conhecimento e a transcendência – ou poderíamos dizer simplesmente que Deus é onipotente, onisciente e espírito. É atribuído a Stephen Charnock o dizer que: “É impossível honrar a Deus devidamente, a menos que o conheçamos como ele realmente é.”<sup>18</sup> De fato, há uma íntima relação entre a oração e os atributos divinos; o primeiro é impossível sem o conhecimento do segundo.

Vamos supor que você seja o responsável pelo discurso num banquete honorífico a um distinto professor. Por sua vez, se você supuser que o professor é um homem quando na verdade é uma mulher, que o seu campo é a física quando na verdade é a história, e que ela é natural do Texas quando na verdade é da Índia, o seu discurso não fará muito sentido, e tanto o professor quanto a audiência pensará que você está se referindo a alguma outra pessoa.

Da mesma forma, muitas pessoas oram a “Deus”, mas se pudessem descrevê-lo, o que ouviríamos possivelmente não corresponderia em absoluto ao Deus bíblico. Se o “Deus” dessa pessoa é completamente incompatível com a Bíblia, podemos dizer que ela está orando a Deus e que é cristã? Os israelitas se voltaram ao bezerro de ouro que moldaram e disseram: “Eis aí os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês do Egito!” (Êxodo 32.4). Mas Deus não se agradou disto.

Se o seu “Deus” é um “bezerro de ouro”, então você não é um cristão. Da perspectiva bíblica você é um idólatra. É claro, você pode dizer que é um cristão – qualquer um pode – mas não é um cristão pela definição bíblica. E se a sua definição de “Jesus” é superficial, então você não é um cristão mesmo que defina “Deus” nos termos dos atributos divinos bíblicos.

Portanto, não permita que se diga que a teologia é supérflua ou sem aplicação prática – ela é o aspecto mais importante na vida cristã e o fundamento imprescindível para a inteligibilidade das questões “práticas”. Além do seu valor inerente, a teologia é o pré-requisito para todas as atividades espirituais, incluindo a oração. As pessoas dizem que se você quer conhecer Deus, só precisa orar. Não! Se você não souber *primeiro* algo sobre Deus, *não pode* orar. Se você não tem nem mesmo uma concepção mínima, mas bíblica, de Deus,<sup>19</sup> estará simplesmente orando a uma entidade derivada da sua própria imaginação ao invés do Deus verdadeiro, o que é idolatria. Assim, se você quer conhecer Deus, estude as Escrituras e ore a esse Deus que ela ensina.

Como cristãos, podemos conhecer algo a respeito dos atributos divinos, mas nem sempre oramos como se esses atributos realmente fizessem parte do ser de Deus. Os cristãos que não ousam negar de forma explícita os atributos divinos, todavia freqüentemente os negam implicitamente nas suas orações. Devemos corrigir isso, ou nossas orações não agradarão a Deus nem o glorificarão como deveriam. Por exemplo, a

<sup>18</sup> Stephen Charnock, *The Existence and Attributes of God*; Baker Books, 2000 (original: 1853).

<sup>19</sup> O conhecimento que a pessoa precisa ter de Deus deve ser ao menos suficiente para ela poder distinguir o Deus cristão de todos os outros deuses e religiões. Se uma pessoa está propensa a conciliar o Deus cristão (ou o Cristianismo como um todo) com alguma outra religião ou cosmovisão qualquer, ela não conhece o suficiente a respeito de Deus. Evidentemente é impossível que alguém conheça Deus o suficiente a ponto de não precisar mais estudar a seu respeito.

onisciência de Deus traz uma série de implicações à oração, e assim precisamos orar “como se” Deus fosse onisciente, pois ele realmente é onisciente. Imagine a oração de alguém que admite Deus ser impotente, ignorante e local. Antes de glorificar, essa oração acabaria insultando a Deus.

Discutiremos três atributos divinos e as suas implicações para a oração, mas você precisa se esforçar para aprender mais sobre Deus. À medida que você aprende mais sobre ele, deverua considerar as implicações desse conhecimento adicional sobre as suas orações, e assim fazer com que estas sejam gradativamente mais consistentes com a natureza divina da forma revelada nas Escrituras.



## 4. ORAÇÃO E SOBERANIA

*Eu formo a luz e crio as trevas, promovo a paz e causo a desgraça; eu, o Senhor, faço todas essas coisas. (Isaiás 45:7)*

Alguns ministros cristãos têm predileção em afirmar “Deus precisa de você”, de uma ou outra forma. O contexto imediato pode ser a exortação a uma dedicação maior na oração, no evangelismo, no auxílio aos necessitados, na oferta às igrejas ou nalguma outra atividade que avance o reino de Deus. Embora alguns desses ministros queiram ser literais nessa declaração, talvez nem todos, e certamente não todos tenham em vista tudo o que está implicado quando dizemos que Deus precisa de você. Todavia, a proposição é tão anti-bíblica e suas implicações tão blasfemas, que deveríamos parar de dizer que Deus precisa de nós em todas as situações e contextos, independentemente da forma que a proposição seja assumida.

Confrontando os filósofos de Atenas, Paulo declara: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas” (At 17:24-25). Assim, um ministro dizer “Deus precisa de você” ou qualquer coisa do gênero, implica numa contradição direta às Escrituras. Deus é auto-suficiente e todo-suficiente. Precisamos dele para tudo, mas ele não precisa de nós para nada.

Com freqüência é pretendendo a motivação da congregação que esses ministros dizem que Deus precisa deles. A suposição é que as ordens de Deus parecem fazer mais sentido se ele realmente precisa de pessoas para ajudá-lo. Mas pensando desta forma, estamos imaginando-no como um ser finito, e assim, não estamos mais pensando no Deus cristão, e nem mesmo estamos pensando como cristãos. É claro que devemos obedecer aos mandamentos divinos, mas não devemos fazer isso motivados pela idéia de que ele precisa que o obedeçamos, porque do contrário seus planos de alguma forma fracassarão.

Uma vez que Deus nos ordena a orar, a negligência na oração é pecaminosa. No entanto, isso não significa que a nossa falha em orar atrapalhe os seus planos. Ele não precisa das nossas orações. Ele também não se vinculou de tal forma à sua criação que possa agir somente quando certas condições da parte do homem forem satisfeitas. Algumas pessoas têm chegado ao ponto de dizer que Deus concedeu domínio ao homem, de forma que ele intervirá ou somente poderá intervir se o homem conceder “permissão” para Deus assim fazê-lo. Isso é claramente falso. A Bíblia testifica que Deus controla todas as coisas, incluindo o pensamento e o comportamento de demônios e humanos. Ele envia espíritos maus para executar as suas ordens, e dá ou tira das suas criaturas o que quiser, sempre quando e como mais lhe agrada.

Deus possui soberania absoluta. Isso significa que ele determina todas as coisas e leva a cabo o que determinou pela sua onipotência. Mas ele prefere usar meios para atingir os seus fins, e os seus meios freqüentemente envolvem seres humanos e as suas orações. Todavia, ele não se comprometeu a usar esses ou quaisquer outros meios para executar os seus planos. Em adição, os meios pelos quais ele atinge os seus fins não operam autonomamente, mas são em si mesmos determinados pela sua soberania, de modo que nada na criação escape da sua atenção e do seu controle.

Segue-se, portanto, que a proposição “a oração muda as coisas” é falsa. A oração não muda nada. Deus, como aquele que exerce a sua onipotência, é quem muda as coisas, e não os atos humanos de oração. Também, a oração não muda Deus, pois ele é imutável em todos os seus atributos e decretos, e determinou na eternidade tudo aquilo que fará.

Alguns versículos parecem dizer que as nossas orações podem mudar a mente de Deus – até que os examinemos mais cuidadosamente. Por exemplo, após o povo de Israel ter pecado por fazer e adorar o bezerro de ouro, Deus falou a Moisés: “Deixe-me agora, para que a minha ira se acenda contra eles, e eu os destrua. Depois farei de você uma grande nação” (Êxodo 32:10). Mas após ouvir a intercessão de Moisés (v. 11-13), o versículo 14 diz: “E sucedeu que o SENHOR arrependeu-se do mal que ameaçara trazer sobre o povo”. Assim, aparentemente Deus mudou a sua mente em resposta às orações de Moisés.

Contudo, essa interpretação contradiz os dois versículos a seguir sobre o assunto: “Deus não é homem para que minta, nem filho de homem para que se arrependa. Acaso ele fala, e deixa de agir? Acaso promete, e deixa de cumprir?” (Números 23:19); “Aquele que é a Glória de Israel não mente nem se arrepende, pois não é homem para se arrepender” (1Samuel 15:29). Uma vez que esses dois versículos explicitamente declaram que Deus não muda a sua mente, precisamos concluir que a interpretação acima, dizendo que Deus muda a sua mente, deve ser falsa, mesmo sem qualquer argumento adicional.

Todavia, por uma questão de confirmação, podemos tratar diretamente do versículo de Êxodo e mostrar que podemos chegar à mesma conclusão, que Deus não muda a sua mente de forma alguma. Agora, Jacó diz em Gênesis 49:10: “O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão”. Isso é assumido com uma predição da linhagem do Messias, encontrando o seu cumprimento final em Jesus Cristo.

Em Êxodo 32:10 vemos Deus dizendo que destruirá os israelitas e levantará uma nova nação por meio de Moisés. Porém, Moisés era um Levita, o que significa que Deus nunca pretendeu levantar uma nova nação por meio de Moisés, e só alguns versículos mais tarde constatou-se que ele não faria isso.<sup>20</sup> W. Bingham Hunter está, portanto, certo quando diz que: “Minha convicção é que as referências ao ‘arrependimento’, ‘compaixão’ ou ‘mudanças de mente’ de Deus nas Escrituras são figuras de linguagem; tecnicamente falando, são antropopatismos – expressões que definem Deus nos termos usualmente empregados na descrição das emoções humanas”.<sup>21</sup>

Deus é soberano, o que implica que ele determina e controla tudo. Uma vez que isso é verdade, segue-se que tudo aquilo que está envolvido na oração de uma pessoa também foi determinado por Deus. Se parece que Deus está respondendo uma oração, isso é assim porque ele decidiu que agiria na história por meio dessa oração, e a oração também foi determinada e causada por ele para ocorrer precisamente da forma que se deu. Portanto, a oração não muda as coisas e não muda Deus. Da perspectiva divina, a

<sup>20</sup> No entanto, não procede que Deus tenha mentido a Moisés em Êxodo 32.10, pois se Moisés não tivesse intercedido, Deus poderia de fato ter levado a termo a sua ameaça e destruído todos os israelitas. Mas que Jacó tenha realmente dito o que disse em Gênesis 49.10 significa que não havia possibilidade de Deus executar aquilo em Êxodo 32.10; portanto, a menos que Deus tivesse escolhido alguma outra forma de impedir a ocorrência de Êxodo 32.10, ele já havia determinado que Moisés intercederia e assim, que não havia possibilidade de Moisés agir de forma diferente.

<sup>21</sup> W. Bingham Hunter, *The God Who Hears*; InterVarsity Press, 1986; p. 52.

oração é um ato realizado por Deus que pode levar a outros efeitos igualmente causados por ele. A oração em si não é uma causa que induz Deus a agir; antes, uma pessoa ora porque Deus está agindo e induzindo ela a orar.

A noção de muitas pessoas sobre a oração equivale a pensar que: “Na oração o ser humano procura impor-se sobre a vontade de Deus”.<sup>22</sup> Stanley Grenz observa que: “Alguns cristãos falham em ver esse conflito como sendo de todo modo problemático. Eles prontamente admitem esse entendimento da oração. Certos círculos evangélicos e carismáticos descrevem a oração como uma técnica de dissuadir a vontade divina”.<sup>23</sup> Tanto quanto uma pessoa tenha a noção que a oração se assemelha a essa descrição, ela perdeu completamente o foco do que é a natureza de Deus, o Cristianismo e a oração. Precisamos abandonar completamente e apagar das nossas mentes a idéia que a oração sirva para “dissuadir a vontade divina”. A vontade divina não pode ser dissuadida, não pode ser mudada; o nosso conceito de oração deve corresponder a essa realidade. A oração tem sentido porque “Deus decidiu incluir os humanos no seu programa divino para o mundo”,<sup>24</sup> e não porque ele necessite da nossa permissão ou solicitação para agir.

Assim, precisamos definir a oração não como sendo algo que muda a vontade de Deus, mas analisando a questão por uma outra perspectiva. Uma visão mais bíblica de oração é pensar nela como um dos meios possíveis no processo pelo qual Deus nos concede o que desejamos, ou realiza algum outro propósito. Isto pode incluir o seu plano de nos conceder alguns bens materiais ou é uma parte do processo que visa a nossa santificação.

Essa visão de oração é correta porque é o que ensina a Bíblia e porque é consistente com as outras doutrinas bíblicas. Uma visão de oração pode parecer ser derivada de vários versículos bíblicos isolados, mas se contradisser os atributos divinos ou as outras doutrinas bíblicas, não se pode dizer que constitua uma visão bíblica de oração, pois pode ser que essas passagens bíblicas tenham sido mal empregadas.

Por falharem em considerar isso, algumas pessoas derivaram princípios e definições sobre a oração que supõem ser significantes, mas uma vez erigidas, não sobra espaço para o Deus cristão em sua teologia de oração, de forma que eles têm a “oração” que desejam, mas não Deus. Tal é o caso de uma visão de oração que afirma que Deus muda a sua mente em resposta às nossas petições, falhando em notar o sentido figurado de alguns versículos, além das citações escriturísticas explícitas que contradizem a sua posição.

Definir uma concepção adequada de oração nos leva a considerar as implicações da oração bíblica e a sua relação com a soberania divina, isto é, precisamos pensar, falar e orar “como se” Deus fosse soberano, pois ele realmente o é. A soberania divina não ameaça a significância da oração, conquanto não insintamos que a significância depende de alguma fraqueza ou deficiência em Deus, de forma que ele necessite que oremos a fim de que possa intervir ou executar os seus planos. Antes, a oração tem sentido porque é um meio escolhido que desempenha um papel em cumprir os planos de Deus. A soberania divina também implica que em hipótese alguma é preciso assumir que tudo está perdido no caso de fracassarmos na oração, embora esse fracasso constitua um

---

<sup>22</sup> Stanley J. Grenz, *Prayer: The Cry for the Kingdom*; Hendrickson Publishers, Inc., 1988; p. 32.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 44.

problema moral que devemos corrigir. Precisamos entender que o destino do universo não depende de nós. Por essa razão, referir-se ao “poder da oração” é algo enganoso, visto que não há um poder na oração em si, pois esse poder está presente apenas em Deus. Se insistirmos em usar essa frase por questão de hábito, ao menos devemos estar conscientes da verdade, que o poder está somente em Deus, e que nos referimos a coisas como “o poder da oração” apenas como uma forma de expressão.

## 5. ORAÇÃO E ONISCIÊNCIA

*E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem (Mateus 6:7-8).*

Deus tem conhecimento exaustivo de todas as coisas. Ele conhece tudo sobre o nosso passado, presente e futuro. Ele conhece todos os nossos pensamentos e ações. Ele é onisciente. As Escrituras repetidamente nos lembram desse atributo divino, e precisamos cuidar de não esquecê-lo ou agir de uma forma que seja incoerente com esse fato. Ou seja, se Deus é onisciente, devemos pensar e agir de uma forma que reflita o nosso reconhecimento desse atributo divino. Em nosso contexto, a onisciência divina tem diversas implicações na forma que devemos orar.

Algumas pessoas pensam que Deus vai escutá-las porque as suas orações são longas e repetitivas. Com frequência, em algumas religiões a oração consiste de cantochões monótonos ou orações prescritas que são recitadas muitas e muitas vezes e sem reflexão. Com base na onisciência de Deus, Jesus condenou essas orações. Ele disse para não sermos como esses pagãos porque Deus já sabe do que precisamos antes mesmo de pedirmos.

Certa vez participei de uma conferência ao telefone com várias senhoras que regularmente telefonavam para orar e discutir sobre coisas espirituais. Após a discussão de vários pontos, uma delas tomou a dianteira na conferência e começou a orar... a orar... e a orar. Muito da oração era repetitiva, anti-bíblica e cheia de absurdos místicos que soavam como piedosos. Perdi o interesse, coloquei o telefone no gancho e fui fazer um café pra mim. Então, retornei à minha escrivaninha e decidi arrumá-la um pouco. Quando peguei o telefone de novo, ela ainda estava orando, e soava a mesma coisa de antes.

Não estou certo por quanto tempo ela esteve orando, mas creio que deve ter sido por uns vinte minutos. No contexto de uma conferência onde o objetivo primário é o debate, os responsáveis pela intercessão devem ser breves, limitando-se a orações que levem um minuto ou pouco mais. Neste caso, a oração dessa senhora poderia ser feita entre dez e trinta segundos. Orações públicas não devem levar mais do que vinte minutos, a menos que exista alguma concordância prévia, e mesmo neste caso eu hesitaria em concordar, pois dada a forma que as pessoas de hoje oram, seriam vinte minutos de tempo perdido. No entanto, se estivermos assegurados que a oração consistirá de um conteúdo relevante sem repetições inúteis ou outros comportamentos estúpidos, então talvez mesmo uma oração longa seja justificável em alguns casos.

Se eu pensasse melhor sobre aquela mulher do que o seu comportamento sugeriu, diria que ela formou alguns pobres hábitos de oração. Mas neste caso, era evidente que ela pretendia dominar a conferência, e ter a atenção e a aprovação dos outros participantes. Ela queria mostrar a nós a sua espiritualidade e paixão pelas coisas de Deus, o que a sua longa oração na verdade mostrou serem falsas. Ela foi bem sucedida em me aborrecer e nada mais. Mas se ela obteve a admiração das outras senhoras naquela noite, de acordo com Jesus, esta era toda a recompensa que ela receberia. Ela não impressionou a Deus de forma alguma.

Eu não era o líder ou moderador daquela conferência ao telefone, mas se eu tivesse sido o responsável, teria falado com ela na primeira oportunidade acerca dessa deturpação e demonstraria pela Bíblia que a sua atitude era errada. Se ela continuasse, eu teria que interromper a conferência justificando isso pela circunstância da conferência ao telefone. Se ela insistisse nesse comportamento, eu teria que negar a sua participação nas conferências futuras. Esse tratamento segue o padrão geral da disciplina na igreja esboçado na Bíblia.

Talvez você também ore como essa mulher. Se for o caso, pare! Você não é espiritual e não conhece a Deus. Você está orando como os pagãos. Você está tratando Deus como os pagãos tratam as suas deidades, que na verdade não são deuses. Toda a recompensa que você estará pretendendo é a admiração de pessoas não instruídas que querem ser enganadas pela sua falsa piedade. Os crentes mais maduros e espirituais ficariam enojados dessa vergonhosa demonstração que você chama de oração. Eclesiastes 5.2 diz: “Não seja precipitado de lábios, nem apressado de coração para fazer promessas diante de Deus. Deus está nos céus, e você está na terra, por isso, fale pouco”. É claro, Deus se apraz com o seu povo, e você pode orar tanto quanto quiser se de fato tem algo de significativo para dizer. Mas livre-se da tolice.<sup>25</sup>

Os cristãos devem orar “como se” Deus fosse onisciente porque Deus de fato é onisciente. Este é o princípio que devemos ter em mente, isto é, que precisamos refletir a nossa crença nos atributos divinos em tudo o que pensamos e fazemos. Deus já conhece os nossos pensamentos, desejos e circunstâncias; portanto, quando oramos não precisamos repetir os mesmos louvores padronizados ou tomar a oração tão longa quanto possível e continuar indefinidamente mesmo já concluído a apresentação das nossas petições. Não há necessidade de oferecer uma descrição pormenorizada das circunstâncias envolvidas na situação, ou oferecer argumentos elaborados do porque Deus deveria realizar uma vontade em particular. Ele já conhece a situação em detalhes.

Há um ensino popular dizendo que precisamos ser sempre detalhados na nossa oração. Ao invés de pedir a Deus sabedoria, deveríamos pedir para que ele nos ilumine no assunto que desejamos entender. Ao invés de pedir a ele que supra as nossas necessidades, deveríamos pedir que nos dê certa quantia de dinheiro. Ao invés de pedir a ele um cônjuge em geral, deveríamos especificar as características exatas que desejamos encontrar na pessoa.

Contudo, esse ensino parece ser antibíblico, principalmente quando alguém insiste que todas as orações devem ser específicas e que o nível de detalhes deve ser significativamente alto. Algumas das orações na Bíblia são específicas, no entanto há tantas outras que são muito gerais, mesmo quando dirigidas a necessidades claras e específicas. Em todo caso, o número de orações altamente específicas na Bíblia não justifica o ensino que devemos fazer a maior parte ou todas as nossas orações com alta especificidade.

Com isso não se quer dizer que a maior parte ou todas as nossas orações devem ser genéricas. Quero apenas ressaltar que é anti-bíblico insistir que a maior parte ou todas as orações devem ser específicas, pois a Bíblia não dá justificativa para esse ensino. De fato, dada a onisciência de Deus, a nossa suposição inicial deve ser que a maior parte das orações não precisa ser altamente específica ou conter muitos detalhes. Embora eu

---

<sup>25</sup> Jesus nos ordena a sermos persistentes na oração, no entanto a mulher do nosso exemplo não demonstrou persistência, mas falsa piedade.



recomende que a pessoa seja específica na hora de confessar os seus pecados, posso lembrar de várias passagens bíblicas em que mesmo orações dessa natureza não são de fato muito específicas.

Algumas pessoas alegam que tornar as nossas petições específicas tem o efeito positivo de manter nossas mentes concentradas quando oramos. Isso até pode ser verdade, mas não estamos orando para nós mesmos. Na oração, não tentamos realizar rupturas místicas ou alcançar um estado alterado de consciência. Antes, estamos remetendo a uma pessoa inteligente que simultaneamente reconhece as nossas palavras, pensamentos e circunstâncias. Se Deus é onisciente, então não devemos agir como se ele não o fosse.

Também é dito que se fizermos as nossas petições específicas, então será mais fácil reconhecermos as respostas a essas orações, quando vierem. No entanto, isso procede apenas se Deus responde as nossas orações nos termos que prescrevemos, mas não há nada nas Escrituras assegurando que Deus nos proverá aquilo que pedirmos da maneira exata e na forma que esperamos. Pode ser o caso que ele decida responder as nossas orações de uma forma que leve adiante a nossa santificação, ao passo que na ocasião da oração estivemos apenas preocupados com as nossas necessidades aparentes e não pensando sobre o nosso crescimento espiritual como um todo. Isto dito, às vezes pode ser o caso de Deus mover uma pessoa a orar uma petição muito específica e assim, quando a resposta vier, a pessoa ficar mais convicta que a oração tem algo a ver com isso. Mas novamente, não há nada nas Escrituras a indicar que esta é antes a regra e não a exceção.<sup>26</sup>

Há mais um motivo que pode levar uma pessoa a fazer as suas petições altamente específicas. Não estou certo de quantas pessoas têm refletido sobre o ponto, mas de qualquer forma isso recebe pouca atenção nos livros sobre oração. Além do mais, uma vez que o debate envolveria uma exposição parcial, mas instrutiva, de dois versículos relevantes, o ponto é de fato digno de menção. Estas são as passagens:

“Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta.”

“Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!” (Mateus 7:7-11).

“Por isso lhes digo: Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta.”

“Qual pai, entre vocês, se o filho lhe pedir uma peixe, em lugar disso lhe dará uma cobra? Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vocês, apesar de

---

<sup>26</sup> Tem sido sugerido que quando oramos pelo doente, devemos especificar o que deve acontecer com o corpo pela perspectiva da ciência médica, para que seja alcançada a cura. O uso de alguns termos médicos é às vezes recomendável. Embora os proponentes dessa visão não afirmem que o conhecimento médico é *necessário*, reivindicam que o conhecimento médico auxiliará alguém a orar eficazmente pelo enfermo. Isto é anti-bíblico. Deus sabe o que ele precisa fazer para curar qualquer doença ou injúria; ele não precisa de nós para que os detalhes sejam todos especificados. Em adição, os diagnósticos médicos são freqüentemente equivocados.



serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir!” (Lucas 11:9-13).

O contexto desses versículos paralelos é a oração, e neles Jesus concede aos seus ouvintes três exemplos ilustrando como os familiares terrenos respondem às petições das suas crianças. Sobre esta base, ele desenvolve um argumento “do menor para o maior”<sup>27</sup> a fim de estabelecer a benevolência superior do Pai Celeste.

Os três exemplos dados por Jesus a respeito dos familiares terrenos nos indicam o ponto que ele pretende estabelecer acerca do Pai Celeste. Podemos representar esses exemplos pelas seguintes proposições:

1. Se o seu filho pedir pão, você não lhe dará uma pedra.
2. Se o seu filho pedir peixe, você não lhe dará uma cobra.
3. Se o seu filho pedir um ovo, você não lhe dará um escorpião.

A “pedra” provavelmente pode fazer referência a algum dos seixos calcáreos da costa palestina que lembrava um pequeno pão de forma. A “cobra” no segundo exemplo pode se referir a uma enguia, que não poderia ser ingerida pelos judeus, pois era considerada impura. Já no caso do escorpião, suas patas e cauda ficam dobradas quando ela repousa, e assim pode se assemelhar a um ovo.<sup>28</sup>

De fato, Jesus está dizendo aos seus ouvintes: “Vocês não irão dar aos seus filhos algo que lhes pareça confirmar os seus pedidos, mas que na verdade seja pretexto para tornar sua condição ainda pior”. A partir dessa premissa, Jesus argumenta que Deus não é como os deuses pagãos das mitologias, que usariam o pedido de um requerente como oasião para zombar e o atormentar. Essas divindades mitológicas tornariam pior a situação do requerente nesse processo de resposta ao seu pedido, ou, admitindo o pedido, tornariam a situação pior pelas conseqüências resultantes da petição considerada.

Por exemplo, se um homem fosse pedir uma grande soma de dinheiro com a intenção de curar a sua esposa de uma doença fatal, essas divindades mitológicas poderiam matá-la num acidente de carro de forma que o dinheiro advindo do seu seguro de vida fosse recebido pelo homem. Mas então, o homem não precisaria mais do dinheiro. Stanley Grenz dá o seguinte exemplo:

A deusa do alvorecer, Aurora, se apaixonou por um jovem humano, Tithonus. Quando oferecido por Zeus qualquer dádiva que ela fosse desejar para o seu amor, ela pediu que Tithonus permanecesse eternamente jovem. O seu pedido foi aceito, mas de uma forma desafortunada. O pobre Tithonus envelhecia e nunca morria. A dádiva de Zeus se tornou uma maldição.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> Isto é, o argumento *a fortiori*, que assume uma premissa estabelecida e argumenta que a conclusão é verdadeira desde que é ainda mais procedente que a premissa. Por exemplo: “Se um estudante do ensino médio pode resolver o seu problema de matemática, tanto mais um estudante da graduação!” Este tipo de argumento é chamado de *qal vahomer* pelos judeus. Veja Craig S. Keener, *The IVP Bible Background Commentary: New Testament*; InterVarsity Press, 1993; p. 65, 219-220.

<sup>28</sup> William Barclay, *The Daily Study Bible: The Gospel of Matthew*; G. R. Welch Co., 1975; p. 274-275; Grenz, *Prayer*; p. 83.

<sup>29</sup> Grenz, *Prayer*; p. 84.

No meu exemplo, o homem precisaria deixar claro que o pedido deveria ser cumprido de uma forma que não fosse trazer qualquer dano à esposa. Mas então as divindades poderiam decidir que a morte deveria recair sobre o homem ou o seu filho. Ele poderia especificar que nenhum mal deveria ocorrer a qualquer pessoa nesse propósito. Mas então falharia em especificar quanto tempo deve decorrer antes que o dinheiro venha, de forma que ele pode acabar não recebendo a tempo.

No exemplo de Grenz, Aurora poderia especificar que Tithonus permanecesse jovem para sempre, além de viver eternamente. Mas então ela poderia ter falhado em especificar que Tithonus deveria ser imune a enfermidades também, visto que ele poderia ser imortal e jovem, mas eternamente doente e mergulhado em tormentos.

Como alguém que freqüentemente lida com teologia e filosofia, tento ser específico e preciso quando transmito as minhas opiniões, e tento antecipar objeções ou equívocos interpretativos, de forma que possa abordá-los na minha apresentação. No entanto, mesmo se eu fosse antecipar todas as formas possíveis de distorção e má-compreensão das minhas palavras, e mesmo se fosse antever todas as objeções em potencial às minhas opiniões, seria impossível remeter a todas elas em qualquer apresentação que seja. Mas o fato é que eu posso realmente falhar por deixar de antever determinadas objeções e distorções, e assim consigo somente remeter a elas se forem direcionadas após a minha apresentação.

Contudo, a dificuldade não é nada comparada aos problemas que podem se levantar quando se trata de falar com Deus. Se Deus se comportasse como as divindades pagãs, seria impossível vencê-lo pela formulação de uma petição perfeita que não pudesse ser distorcida ou respondida de uma forma a tornar as coisas piores. Mas Jesus nos assegurou que isso não é algo com que devemos nos preocupar – Deus não é como as divindades pagãs. Ele não está tentando escarnecer ou nos enganar. Assim, não preciso me prevenir contra qualquer artilhagem imaginável quando trago o meu pedido diante dele. Deus já conhece as minhas necessidades, e posso confiar quando a ele me dirijo. Ele não vai usar as minhas petições como uma oportunidade de tornar a minha condição algo pior. Quando peço um ovo, não preciso especificar que desejo um ovo de galinha de certo tamanho, coloração ou de um fazendeiro em particular, e que não desejo um ovo que esteja envenenado ou que seja produto de um roubo.

Portanto, quando oramos, podemos querer adicionar alguns detalhes e ser específicos o suficiente a fim de constituir uma comunicação clara. Mas precisamos igualmente assumir a onisciência e benevolência de Deus, de forma que não precisamos temer que uma oração que não seja altamente específica não seja respondida. Realmente, a Bíblia mostra que Deus com freqüência fará coisas melhores do que aquilo que pedimos ou esperamos.

Abraão pediu a Deus que poupasse as cidades se houvessem nelas ao menos cinco homens retos, e provavelmente a sua preocupação maior era salvar Ló da destruição. Uma vez que não havia nem mesmo cinco homens retos nas cidades, Deus estava tecnicamente justificado em destruí-las, o que acabou fazendo, mas removeu Ló antes disso. Assumindo que o interesse principal de Abraão era realmente a segurança de Ló, a sua oração tecnicamente falhou, mas Deus conhecia os pensamentos de Abraão e concedeu o que ele realmente buscava.

Da mesma forma, embora seja insolente sermos descuidados em nossas palavras quando oramos, não precisamos ser absolutamente precisos e extremamente específicos. Isto

não é desculpa para sermos preguiçosos. As orações bíblicas são específicas o suficiente, de forma que sabemos que uma oração que simplesmente diga “me abençoe”, é provavelmente muito geral na maioria dos contextos. Todavia, Deus sempre sabe o que você intenciona, tal que às vezes “me ajude!” já é o suficiente. O ponto é que é errado orar como se Deus não soubesse de nada, ou como se ele estivesse buscando falhas em nossas petições de modo que possa respondê-las de maneiras que vão ultimamente nos prejudicar. Se Deus pretende nos prejudicar, pode fazer isso sem que seja pela oportunidade resultante de uma petição imperfeitamente formulada.

Devemos orar de uma forma que implique o nosso reconhecimento dos atributos divinos de Deus, e aqui estamos enfatizando a sua onisciência. Que Deus sabe tudo, mesmo os nossos pensamentos, implica até mesmo que não precisamos orar em voz alta, mas que ele pode nos ouvir até mesmo quando oramos mentalmente, sem pronunciar as nossas orações. Há vários exemplos na Bíblia onde preces a Deus foram feitas mentalmente e foram respondidas (Gênesis 24:45; 1 Samuel 1:13).

Todavia, existem vantagens na oração em voz alta. Embora eu tenha argumentado acima que as nossas orações não precisam ser extremamente específicas, não devem ser tão gerais que não tenhamos nem mesmo a mínima idéia do que realmente estamos dizendo a Deus. Pronunciar as nossas orações nos força a colocar os nossos pensamentos em palavras, e, portanto, nos auxilia a focar nossas mentes quando nos remetemos a Deus. Por essa razão, você deve usualmente orar aplicando palavras claras e distintas mesmo quando estiver orando mentalmente. Isto é, você pode “falar” essas palavras a Deus em sua mente sem pronunciá-las em voz alta com sua boca, e ele o escutará.

Outra razão para orar em voz alta é que os outros podem ser edificados. Não estamos dizendo que devemos orar em voz alta a fim de impressionar os outros. Jesus condenou esse pretexto para a oração. O que estou ressaltando é que as nossas orações, ainda que remetidas a Deus, podem igualmente ser uma fonte de consolo e instrução para outras pessoas (João 11:41-42). Quando os outros percebem quão esperançosos e reverentes somos quando oramos, isso pode encorajá-los a orar da mesma forma. E uma vez que qualquer oração pressupõe uma teologia, nossas orações, se ricas em conteúdo teológico, terão o efeito de informar e encorajar os demais, tal como as orações de Paulo em suas cartas. Orar em voz alta também é necessário quando estamos em reuniões públicas e quando oramos em harmonia com outras pessoas.

Independentemente do que fizermos, persiste o princípio que evitemos ser hipócritas e egocêntricos em nossos motivos e nas nossas orações. E quando oramos, tenhamos em mente que Deus é onisciente.

Você pode estar se perguntando, se Deus é onisciente e já sabe do que precisamos, então por que oramos a ele? Que Deus sabe tudo não apenas significa que não precisamos ser altamente específicos em nossas orações, mas isso parece implicar que não precisamos nem mesmo orar. Se ele já conhece todos os nossos pensamentos, desejos e necessidades, e se ele conhece a nossa situação melhor do que nós mesmos, então por que ele simplesmente não decide se nos concede algo de que precisamos independentemente de orarmos ou não? Assim, a onisciência de Deus parece destruir a relevância da oração.

O que foi dito acima falha em não considerar o propósito real da oração. Se o propósito da oração é o de informar Deus acerca das nossas necessidades, desejos e da nossa

situação, ela é de fato desnecessária e irrelevante, visto que Deus já conhece todas as coisas. Mas o propósito da oração não é prover Deus de informação que ele já não tenha.

Primeiro, precisamos orar porque Deus nos ordena a orar. Se não conseguirmos qualquer explicação adicional, essa já é uma razão suficiente para orarmos.

Segundo, a oração é significativa porque é um meio pelo qual Deus executa os seus desígnios. W. Bingham Hunter diz: “Eu discordo veementemente da noção que a oração é uma forma de obter de Deus o que desejamos.”<sup>30</sup> Ao invés disso, ele oferece a seguinte definição: “Oração é um meio que Deus usa para nos dar o que ele deseja.”<sup>31</sup> Oração é um passo no processo pelo qual Deus executa seus planos para a sua criação, e mesmo as nossas orações são soberanamente causadas por ele. Portanto, a oração é harmoniosa com a sua soberania e conhecimento abrangentes.

Terceiro, devemos orar porque a oração não diz respeito apenas a receber coisas de Deus, mas é um meio pelo qual crescemos em nossa santificação. A Bíblia nos diz que a vontade de Deus é a nossa santificação (1 Tessalonicenses 4:3-7). As coisas que Deus nos ordena a fazer e as coisas que ele faz ocorrer em nossas vidas contribuem todas para o propósito da nossa santificação em Cristo. Na oração lutamos contra as tentações, distrações, luxúria e descrença. Lutamos para encontrar palavras que expressem as nossas necessidades e desejos. Estudamos diligentemente a fim de refinar nossas preces para que se tornem mais agradáveis a Deus. Mas se vemos a oração apenas como um meio pelo qual alcançamos o que precisamos para a auto-preservação e auto-gratidão, fracassaremos em ver todas as atividades e benefícios relativos à oração que contribuem para o nosso crescimento espiritual. Quando aprendermos a ver a oração por uma perspectiva ampla, que ela é um meio para satisfazer as nossas necessidades bem como um meio que contribui para a nossa santificação, entenderemos que embora Deus conheça e determine todas as coisas, não há conflito entre os seus atributos e a nossa necessidade de persistir no hábito da oração e adoração.

---

<sup>30</sup> Hunter, *God Who Hears*; p. 12.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 12 e 199. Essa definição pode ser muito limitada quando aplicada à oração em geral, mas é correta à medida que procura descrever o significado e relevância das petições a Deus.

## 6. ORAÇÃO E TRANSCENDÊNCIA

*“No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (João 4:23-24).*

Deus é um espírito transcendente. Ele existe numa forma mais alta do que a sua criação. Embora isto seja verdade, ele não está distante do seu povo, visto que por sua onipotência ele é capaz de governar sua criação e se comunicar com as suas criaturas. Todavia, sua transcendência significa que ele não é local. De fato, a Bíblia ensina que ele é onipotente: “Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença? Se eu subir aos céus, lá estás; se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás” (Salmos 139:7-8).

Que Deus é onipresente não significa que ele ocupa todo espaço físico, pelo menos não no sentido que nós ocupamos todo espaço físico. Visto que “Deus é espírito” e não matéria, ele não ocupa nenhum espaço físico de forma alguma. Deus diz em Jeremias 23:24: “Não sou eu aquele que enche os céus e a terra?”. Agora, se ele enche sua criação em termos de seu espaço físico, então nada mais pode existir como matéria física ou ocupar o espaço físico, visto que não seríamos capazes de ocupar o mesmo espaço físico que Deus. Onipresença significa, não que Deus enche todo o espaço físico, mas que ele conhece e controla toda a sua criação, incluindo todo o espaço físico, de forma que o mesmo versículo de Jeremias enfatiza: “Poderá alguém esconder-se sem que eu o veja?”. Neste mesmo sentido real, Deus está em todo lugar, e não há lugar na criação para onde você possa ir onde Deus não esteja, ou até onde seu conhecimento e poder não se estendam. Este capítulo explora algumas das tremendas implicações que este atributo divino tem sobre a oração.

Preparando o caminho para o nosso texto sobre a natureza espiritual de Deus e a natureza da verdadeira adoração está um ponto criado pela mulher samaritana: “Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar” (João 4:20). Por “neste monte” a mulher quis dizer Monte Gerazim, e ela está se referindo ao debate entre os Judeus e os Samaritanos sobre o lugar apropriado de adoração. Jesus responde que a verdadeira adoração não deve ser identificada com localidade, mas com se a pessoa está adorando “em espírito e em verdade”. Jesus apela à natureza espiritual de Deus como a base desta réplica.

Falhando em entender a natureza espiritual e transcendente de Deus, os inimigos de Israel disseram em 1Reis 20:23: “Os deuses deles são deuses das montanhas. É por isso que eles foram fortes demais para nós. Mas, se os combatermos nas planícies, com certeza seremos mais fortes do que eles”. Eles pensavam que Deus era local. Aqueles que entendiam a natureza de Deus sabiam mais, de forma que até mesmo quando Salomão dedica o tempo judeu, ele exclama: “Mas será possível que Deus habite na terra? Os céus, mesmo os mais altos céus, não podem conter-te. Muito menos este templo que construí!” (1Reis 8:27). Ele sabia que um Deus transcendente não “vive” num templo físico. Embora a forma de adoração que o povo de Deus assumiu durante este período da história redentora incluiu o uso de um templo local, aqueles que tinham entendimento sabiam que Deus não era local.



A vinda de Cristo significou que o que o Antigo Testamento antecipou estava para ser cumprido. Os comentários de Romanos 12:1 de Kenneth Wuest são muito aplicáveis neste ponto: “Isto está em contraste com a adoração dos sacerdotes que consistia de formas exteriores, simbólicas em si mesmas da verdade espiritual, e, todavia, não racionais no sentido que esta adoração não era destituída de conexão material... Israel pregou o evangelho através do uso de lições de objetos, do tabernáculo, do sacerdócio e das ofertas. A Igreja prega o mesmo evangelho em termos abstratos”.<sup>1</sup>

A adoração da Antiga Aliança era deveras fundamentada sobre a verdade intelectual, mas muita coisa estava associada e era implicada por expressões e rituais exteriores. O cumprimento de Cristo da Antiga Aliança e a inauguração da Nova Aliança assinalou o surgimento de uma nova era na qual o povo de Deus estava livre para adorá-lo de espírito para espírito, de mente para mente, de intelecto para intelecto. A verdadeira e aceitável adoração agora é independente de nossa localização, e muito menos associada com expressões e rituais exteriores;<sup>2</sup> antes, a ênfase corretamente retorna para a sinceridade e verdade, para o motivo e doutrina.

Daniel era um homem piedoso. A maioria dos cristãos hoje não pode reivindicar se aproximar da sua devoção espiritual, do seu caráter extraordinário e da sua destreza intelectual. Quantos de nós podemos reivindicar ser “dez vezes” maior do que a elite intelectual dos nossos dias “sobre todos os assuntos de sabedoria e conhecimento” (Daniel 1:20)? Muitos teólogos dos nossos dias insistem que os hebreus preferiam a sabedoria “prática” e não a sabedoria teórica ou acadêmica. Isto não é verdade. Pelo menos com Daniel e os seus amigos, não há dúvida que a ênfase é colocada em seu “conhecimento derivado de livros”,<sup>3</sup> visto que o verso 17 diz: “A esses quatro jovens Deus deu sabedoria e inteligência para conhecerem todos os aspectos da *cultura* e da *ciência*”.<sup>4</sup> Certamente, isto não contradiz nem mina algum dom sobrenatural que Deus escolheu lhes dar: “E Daniel, além disso, sabia interpretar todo tipo de visões e sonhos” (v. 17). Para o nosso propósito, o ponto é que Daniel em todos os aspectos era um espécime superior de crente.

Todavia, quando Daniel orou, ele foi para um quarto onde “as janelas davam para Jerusalém” (6:10). Agora, aqueles que tinham entendimento sabiam que isto era desnecessário, e Daniel provavelmente nem sempre orou desta forma. Daniel não estava errado fazendo isto sob a Antiga Aliança, mas sob a Nova Aliança, seria sem significado ele fazer o que fez. De fato, o único significado transmitido orando-se voltado para Jerusalém, hoje, seria uma negação da obra de Cristo. Deus não está preso a qualquer ponto no espaço, ou nem mesmo associado com qualquer ponto no espaço.

<sup>1</sup> Kenneth S. Wuest, *Romans in the Greek New Testament*; William B. Eerdmans Publishing Company, 1955.

<sup>2</sup> A adoração não é completamente independente do físico. Por exemplo, nossos corpos “formam” o templo de Deus (1Coríntios 6:19), e nós ainda temos os rituais de batismo e comunhão. Todavia, a significância de todos os três depende do relacionamento de nosso intelecto com a verdade, isto é, o relacionamento da nossa mente com a Escritura.

<sup>3</sup> Qualquer assim chamada sabedoria “prática” deve ter como seu fundamento um entendimento intelectual da Escritura. O que muitos cristãos consideram sabedoria prática não é nada mais do que formas convenientes, mas mundanas e anti-bíblicas, de fazer coisas que não têm fundamento bíblico. Mas, em primeiro lugar, eu rejeito a distinção entre sabedoria teórica e prática. Sabedoria “prática” é somente sabedoria teórica sobre o que consideramos coisas “práticas”. De outra forma, não seria “sabedoria” de forma alguma, mas apenas um hábito ou instinto não examinado. Se for “sabedoria”, então ela é intelectual, acadêmica e teórica.

<sup>4</sup> Suas habilidades foram testadas contra os “escribas” (v. 20) daqueles dias. “Mágicos” talvez seja uma tradução equivocada. Veja *Young's Literal Translation of the Holy Bible*, de Robert Young.



Jerusalém não é um lugar especialmente santo hoje, e não há tal coisa como uma “terra santa” de uma perspectiva cristã.

Peregrinar para certa área geográfica é desnecessário, e denuncia não somente uma falta de entendimento, mas também uma evasão do dever espiritual real, que pertence mais às coisas como doutrina, oração e boas obras. Assim, e daí se você viajar para o túmulo vazio que Jesus ocupou? Por que você se sentirá “mais próximo” dele? Jesus não está mais lá; ele deixou aquele lugar há dois mil anos atrás. Agora, talvez visitar alguns dos lugares bíblicos possa excitar você sobre as narrativas bíblicas que você já leu, e por causa disto, você se sente mais perto de Deus. Mas o sentimento é enganoso, e qualquer intimidade real vem de meditar sobre as palavras que você já leu na Escritura, e você pode fazer isto em casa. A Bíblia diz que somente aqueles que crêem na verdade e obedecem aos seus mandamentos estão perto de Deus.

Qualquer benefício real que você possa receber visitando estes lugares ocorre somente porque eles te lembram do que você já leu na Bíblia, que nos traz de volta ao ponto de que a verdadeira espiritualidade depende do intelecto e do relacionamento com a verdade revelada; não tem nada a ver com a sua localização. Mas, visto que estes benefícios ocorrem somente na mente, você pode recebê-los lendo sua Bíblia em todo lugar que você esteja, sendo que a única diferença é que os benefícios serão maiores, visto que você está gastando mais tempo lendo e pensando, antes do que fazendo excursão, e tentando convencer você mesmo de que está chegando mais perto de Deus ao assim fazer. Meu ponto é que você não deve tratar Deus como se ele fosse local; Deus é espírito, e você deve tratá-lo como tal, adorando-o em espírito e em verdade, e não indo à Jerusalém. Você também é espírito, criado a sua imagem, e, portanto, você pode se relacionar com ele interagindo com as palavras da Bíblia, que é a sua revelação para você.

Um de meus colegas de classe na escola secundária era um muçulmano. Ele tinha um tapete de oração com um compasso costurado nele para que ele pudesse se virar para a direção de Meca quando ele orava. Os muçulmanos são muito preocupados com Meca; a fé deles é entrelaçada com este lugar. Assim, Robert Morey sabiamente sugeriu que os Estados Unidos deveria ameaçar destruir Meca para deter os terroristas muçulmanos.<sup>5</sup>

Eu vi uma estátua de Buda de cinco toneladas, na Tailândia, que foi feita de fino ouro. Os monges a cobrem com lama durante o tempo de guerra para protegê-la. A estátua não pode se proteger; ela não pode falar, ouvir ou fazer algo. Quando o Deus cristão ordenou o uso de objetos físicos na adoração, ele ainda deixou claro que ele mesmo transcendia àqueles objetos, e que não tinha nenhum relacionamento direto com eles. Assim, quando Uzá estendeu a mão para segurar a arca do concerto durante o transporte, Deus o matou (1Crônicas 13:9-10). Ele não seria tratado como uma estátua budista.

Os católicos tomam cuidado para segurar o “pão e vinho” da comunhão, para que eles não derramem o corpo e sangue de Cristo! Até mesmo alguns que se chamam cristãos agem como se a própria Bíblia — isto é, o objeto físico consistindo de papel e tinta — fosse especialmente santa, e alguns agem como se o crucifixo tivesse poderes especiais. Mas o poder de Deus não está preso a estes objetos físicos, e o poder da Bíblia está em suas palavras, não no livro físico em si mesmo. Nós nos apropriamos do poder da “Bíblia”, não a segurando fisicamente, mas lendo-a e crendo em suas doutrinas. O

---

<sup>5</sup> Robert Morey, *Winning the War Against Radical Islam*; Christian Scholars Press, 2002.

cristão deve repudiar os tipos de práticas e superstições encontradas no Islã, no Budismo e no Catolicismo. Nós adoramos a Deus “em espírito e em verdade”, e não se voltando para certa direção ou beijando um livro.

Você se aproxima de Deus pelo conhecimento e pela fé, não por técnica ou postura física. A oração não é melhor quando você a faz na igreja, ou quando você está em Jerusalém, mas você deve orar “em espírito e em verdade”. Se você está em ignorância ou em incredulidade quando se depara com as doutrinas bíblicas, ou se você louva a Deus com seus lábios enquanto seu coração está longe dele, então você não será ouvido, e você não estará perto de Deus, mesmo que fique face a face com Cristo.

Segue-se da transcendência de Deus que podemos oramos em qualquer lugar e em qualquer hora. Você pode até mesmo orar com sua mente e Deus te ouvirá, pois mesmo antes do Salmo 139 mencionar sua onipresença, ele diz: “Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me sento e quando me levanto; de longe percebes os meus pensamentos. Sabes muito bem quando trabalho e quando descanso; todos os meus caminhos são bem conhecidos por ti. Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu já a conheces inteiramente, Senhor” (v. 1-4). O filósofo francês Jean-Paul Sartre não podia suportar a idéia de Alguém constantemente “com os olhos fixos” nele, e que está ciente de tudo que ele pensa e faz, e, assim, ele *precisava* ser um ateu. Agora, embora os atributos divinos possam produzir nos cristãos um santo temor, eles também trazem paz e conforto invencíveis, e nós não os teremos de outra forma.

## ORAÇÃO E A VIDA MORAL

W. Bingham Hunter escreve: “Do ponto de vista bíblico, a oração é relacionada a tudo o que somos e tudo o que Deus é. Deus *não* responde as nossas orações. Deus responde a *nós*: à nossa vida como um todo... Nosso Deus onisciente traz respostas ao conjunto da nossa vida, em que as orações constituem apenas uma parte. Isso significa que como você e eu vivemos quando não oramos e não adoramos é importante – talvez mais – que quando oramos e adoramos”.<sup>1</sup>

Sendo este o caso, no que toca à oração, seria um equívoco colocar a ênfase no ato da oração em si, ou na técnica empregada. Uma análise da vida moral de um crente se mostrará oportuna e útil à sua vida de oração ainda que não sejam pontos diretamente relacionados entre si. Entretanto, uma vez que este é um livro sobre oração, examinaremos vários aspectos da vida moral relacionando-a com a vida de oração.

---

<sup>1</sup> Hunter, *God Who Hears*; p. 13, 40.

## 7. ORAÇÃO E MOTIVAÇÃO

*E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa. Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está em secreto. Então seu Pai, que vê em secreto, o recompensará (Mateus 6:5-6).*

O efeito do pecado no homem é tão forte que este pode frequentemente fazer as mais sagradas atividades como expressões de sua maldade. Ele pode realizar algo que transpareça profunda espiritualidade a partir de um motivo essencialmente não-espiritual. Por exemplo, uma pessoa que faz orações longas e repetitivas pode parecer muito espiritual e devotada, mas este não é necessariamente o caso, pois ela pode estar orando com o único objetivo de nos fazer pensar que ela seja assim. O pecado tornou o coração do homem tão mau que ele pode até mesmo dar a sua vida a fim de parecer bom aos olhos dos outros, e assim, Paulo escreve que é possível a uma pessoa sofrer martírio sem qualquer piedade em seu coração. Certamente há aquelas pessoas que prontamente suportam perseguição apenas para conquistar a glória por isso.

Muitas pessoas demonstram emoções fortes quando oram ou cantam na igreja. Embora algumas delas sejam provavelmente sinceras, muitas não são. As suas emoções não decorrem da imensa gratidão pela graça de Deus, mas da sua auto-piedade ou desejo de fazer com que os outros pensem que são espirituais. Por razões igualmente improcedentes, outras pessoas dançam e gritam na igreja, talvez para demonstrar aos observadores a sua liberdade espiritual e amor a Deus. Elas estão tentando demonstrar que amam a Deus de forma tal que não ligam ao que as outras pessoas pensam delas; no entanto, agem assim precisamente porque se importam muito com o que as outras pessoas pensam sobre elas.

Pregar o evangelho genuíno inclui uma declaração da soberania de Deus e o preço do discipulado. Na maioria dos casos, a igreja contemporânea prega um falso evangelho que esconde ou até mesmo nega esses dois elementos cruciais. Por conta disto, foram introduzidos muitos falsos conversos na comunidade eclesial, de modo que irei tão longe a ponto de dizer que muitos que hoje se auto-denominam cristãos não são cristãos de verdade. Uma vez que as pessoas que não são cristãos de verdade não podem adorar a Deus em espírito e verdade, há pouquíssima adoração genuína nas nossas assembleias públicas hodiernas. É fácil dirigir um concerto de rock e considerá-lo um serviço de adoração, e é fácil pensar que se nos sentirmos bem sobre algo, então deve ter aceitação da parte de Deus. Algumas igrejas pensam que a verdadeira adoração inclui rolar pelo chão e espumar pela boca. Mas somente a Bíblia pode nos dizer o que é adoração genuína.

Se Deus realmente regenerou você, sua fé é real e na raiz da sua personalidade existe o desejo de prestar adoração genuína. Mas visto que a sua santificação está incompleta, você continua a pecar e, portanto, deve considerar o fato de que nem sempre adora a Deus com pureza e sinceridade plenas. Isto é, embora na raiz da sua personalidade ame a Deus e de fato ofereça adoração genuína em alguma extensão, nem sempre ama e adora a Deus em completa pureza e sinceridade. Antes, continua a amá-lo e adorá-lo de forma imperfeita e por razões pessoais.

Jesus diz que o primeiro e maior mandamento é amarmos a Deus com todo o nosso ser, e existem pessoas que realmente pensam que estão fazendo isso. No entanto, elas falham em entender o que esse mandamento realmente quer dizer. Você pode se sentir muito amoroso para com Deus, mas esta não é de forma alguma uma indicação do quanto você realmente o ama. Jesus diz que se você ama a Deus, você obedecerá aos seus mandamentos. Assim, amando-o perfeitamente, não obedeceria perfeitamente os seus mandamentos? Se você de fato amasse a Deus de todo coração, seria perfeito e nunca pecaria. Mas o apóstolo João nos diz que se dissermos que não temos pecado, a verdade não está em nós. Se admitirmos que continuamos pecando, então igualmente admitiremos que não amamos a Deus com perfeição.

Também, é impossível para a maioria das pessoas amarem muito a Deus, para não dizer perfeitamente, por conta da sua ignorância teológica. Se você não conhece quase nada sobre Deus, não pode amá-lo, pois o seu amor é dirigido a nada ou a uma falsa concepção de Deus. Se você não tem uma concepção de Deus ou essa concepção é falsa, o objeto do seu amor não é Deus, e o que quer que pense amar intensamente, não é Deus, mas um produto da sua imaginação e de uma falsa teologia. De fato, a menos que você esteja entre os eleitos, quanto mais descobrir sobre Deus, mais irá odiá-lo. Somente os eleitos podem amar um Deus que tem absoluta soberania e conhecimento exaustivo, que faz tudo o que deseja, justifica o eleito e condena os réprobos.

Há um mal-entendido comum que se Deus o ordena a fazer algo, então está certamente apto a obedecê-lo. Jesus diz que o primeiro e maior mandamento para nós é amar a Deus com todo o nosso ser, mas ninguém está apto a obedecê-lo. Ninguém ama a Deus perfeitamente, e qualquer pessoa que reivindica amá-lo perfeitamente apenas demonstra ter uma compreensão muito pobre do que significa perfeição.

Agora, sermos incapazes de obedecer perfeitamente a Deus quando ele exige perfeição significa que, se quisermos ser aceitáveis a Deus, precisaremos que seja imputada sobre nós uma justiça externa – precisaremos da justiça perfeita do próprio Deus imputada sobre nós. Foi isto que Cristo fez pelo seu povo. Se Deus o escolheu para ser salvo, isso significa que Cristo veio para morrer por você, e que ele pagou a sua dívida pelo pecado, e que quando você creu nele sua justiça foi imputada em você. Assim, Deus declarou-o legalmente justificado aos seus olhos, embora em si você ainda seja um pecador. É dessa justiça imputada que você depende para a sua justificação e aceitação contínua diante de Deus na sua vida cristã.

Isso não significa que você pode deixar de lutar contra o pecado. O crente não está na mesma posição do incrédulo, visto que Deus concedeu ao crente o Espírito Santo para assisti-lo na santificação. O Espírito Santo age para que o cristão lembre e obedeça aos mandamentos de Deus. Portanto, uma vez ciente que as suas razões na oração e adoração não são sempre puras, você pode ativamente lutar contra o pecado que persiste. Você precisa lutar para remover as reminiscências da pecaminosidade e da impiedade presentes no seu coração. Você precisa sufocar e frustrar o desejo de elogio e de aprovação por parte das pessoas.

Estou tentando mostrar a você que as suas pretensões na adoração pública não podem ser plenamente puras, e isso se aplica não apenas à adoração, mas também a qualquer situação que suscite oportunidade de demonstrar em público a sua espiritualidade. Embora você tenha um amor genuíno por Deus se for verdadeiramente regenerado, permanece o fato que o seu amor por ele ainda não alcançou a perfeição.

Como você deveria proceder?

Você deveria praticar adoração e oração em secreto. Se você acha empolgante orar quando outras pessoas estão próximas e se esse entusiasmo torna-se quase inexistente quando ninguém o vê ou o elogia, isso evidencia que você tem o tipo de problema espiritual do qual discorreremos antes. O seu amor por Deus sozinho deveria ser capaz de manter o seu hábito de oração e estudo. Jesus diz que se você faz atividades espirituais para ganhar a aprovação das outras pessoas, então esta é toda a recompensa que você receberá. Mas se deseja sinceramente oferecer oração e adoração a Deus em secreto, ele o ouvirá e o recompensará.

Mesmo no contexto das reuniões eclesiais e em outros locais públicos, há um número de coisas que você pode fazer para sufocar e frustrar o seu desejo pecaminoso de ganhar atenção e aprovação de terceiros. No geral, você deve tanto quanto possível evitar chamar atenção sobre si mesmo, e evitar convergir atenção sobre você por conta da sua aparência exterior e do seu comportamento. Isso inclui vestir-se, orar, cantar e fazer outras coisas de modo que não atraiam atenção sobre você. Se estiver tendo problemas nessa área, será no princípio algo doloroso. Mas é perverso usar um encontro na igreja como ocasião para ver quem é mais espiritual e mais amoroso com o Senhor. Você pode até mesmo pedir a um amigo que fale se você está atraindo atenção desnecessária sobre si mesmo.

É claro, pode às vezes ser o caso de você fazer coisas que atraiam algumas atenções sobre si, mas que são necessárias à edificação da igreja. Por exemplo, o pregador deve levantar e falar, e os assistentes devem circular pelo local do encontro. Essas atividades funcionais são consentidas pela Escritura, reconhecidas pela igreja e desempenhadas por pessoas apontadas, de forma que não use isso como uma desculpa e sempre que fizer algo, verifique se atrair a atenção sobre si mesmo é necessário para a edificação dos demais.

Algumas pessoas afirmam que devemos permitir ao Espírito Santo a “liberdade” de controlar a nossa postura na igreja. Se o Espírito as move para cantar, dançar e rolar pelo chão, quem são elas para resistir? Mas o apóstolo Paulo insiste que tenhamos controle sobre as nossas faculdades na igreja: “O espírito dos profetas está sujeito aos profetas” (1Coríntios 14:32). Aqueles que discordam estão se opondo à autoridade apostólica (v. 37) e assim, sujeitos à disciplina da igreja.

Sufocar e frustrar o desejo da aprovação humana em detrimento da aprovação divina não é apenas responsabilidade pessoal, mas também responsabilidade da comunidade eclesial. Mui frequentemente fazemos coisas que encorajam motivos pecaminosos e comportamentos hipócritas. Por exemplo, podemos nos inclinar a admirar e louvar demonstrações superficiais de excitação antes que de verdadeiro caráter e devoção. Uma razão para isso é que a virtude genuína é mais difícil de ser detectada, já que não podemos conhecer o interior do coração das pessoas. Mas podemos certamente suprimir cumprimentos relativos ao comportamento exterior de pessoas quando estamos incertos de que os seus pensamentos e motivos são correspondentes. Expressar a nossa apreciação por uma pessoa genuinamente espiritual é uma coisa, bajulação é outra.

Ministros ignorantes e irresponsáveis erram ao encorajar “liberdade” exterior e manifestação desenfreada na oração e na adoração, sem admoestar os falsos motivos das pessoas em suas congregações. Os ministros precisam pregar contra a espiritualidade superficial e expor os embusteiros. Precisam instar os crentes a buscar somente a



aprovação divina e a exercitar a oração e adoração em secreto. Nos casos de abuso severo e desobediência flagrante, os líderes precisam exercitar a disciplina da igreja a fim de desencorajar comportamentos desordenados futuros.

Não devemos subestimar a pecaminosidade humana, seja em nós ou nos outros. Mesmo nas orações e louvor em secreto há espaço para hipocrisia e motivações falsas. Auto-aprovação e auto-congratulação é um pecado comum. Assim, precisamos aprender o hábito do auto-exame e da auto-confrontação. Precisamos confrontar o pecado em nossos próprios corações com uma vigilância e crueldade contínuas. Jesus fala acerca de um fariseu que se congratulava por não ser como um publicano, ao passo que este pedia perdão a Deus por sua pecaminosidade. Aquele que se arrependeu foi aquele que deixou o local de oração justificado (Lucas 18:9-14).

## 8. ORAÇÃO E OBEDIÊNCIA

***Se alguém se recusa a ouvir a lei, até suas orações serão detestáveis (Provérbios 28:9).***

A tendência teológica prevalecente em nossos dias é contrária à relevância e aplicação contínuas da lei de Deus. Existe uma aversão à avaliação e direcionamento dos pensamentos e ações das pessoas com base nos claros e inflexíveis preceitos bíblicos. Essa escola de pensamento é denominada “antinomianismo”.<sup>1</sup> Esse erro teológico, de fato uma heresia, pode ter resultado de mal-entendidos sobre o legalismo, sobre a justificação pela fé e sobre o relacionamento entre o Antigo e o Novo Testamento.

É fácil ao antinomianismo ganhar seguidores, pois a humanidade nasceu antinomiana; as pessoas nascem rebeldes e hostis à lei de Deus. Como Paulo escreve, “A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo” (Romanos 8:6-7). A mente pecaminosa rebela-se contra a lei de Deus, mas a mente espiritual submete-se a ela. Uma vez que apenas os regenerados têm “a mentalidade do Espírito”, somente os crentes podem se submeter à lei de Deus. Isso implica que tanto quanto pudermos conhecer a respeito da relação de uma pessoa com a lei de Deus, podemos extrair algumas conclusões sobre a sua condição espiritual.

A lei de Deus separa a humanidade em dois grupos – os retos e os ímpios. Desde a queda de Adão, toda a humanidade se tornou perversa de nascença. Por sua culpa inerente, está em violação legal contra a lei de Deus, e por seus pecados subsequentes, está em violação pessoal contra a lei de Deus. Mas tendo determinado que toda a humanidade tornar-se-ia ímpia através de Adão, Deus pela sua graça separou alguns da humanidade a fim de serem feitos retos por meio de Cristo. A história humana subsequentemente expõe o conflito contínuo entre a semente de Deus e a semente de Satanás: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente<sup>2</sup> dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gênesis 3:15).

Esse conflito alcançou seu ápice na obra de Cristo, que decisivamente esmagou o reinado de Satanás. Assim, é ingênuo e antibíblico pensar que a religião trata da união da humanidade, pois a revelação bíblica demonstra que ela trata da dicotomia desses dois grupos, e a unidade é desejável somente entre os crentes.<sup>3</sup> Este é um ponto chave para uma filosofia bíblica da história, e vai contra a interpretação dos eventos humanos preferida por muitas pessoas. Assim, Deus faz uma clara distinção entre os retos e os ímpios, a luz e as trevas, os cristãos e os não-cristãos:

Não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois o que têm em comum a justiça e a maldade? Ou que comunhão pode ter a luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e Belial? Que há de comum entre o crente e o descrente?

---

<sup>1</sup> Grego: *anti* = contrário a; *nomos* = lei. A exemplo de muitas heresias há diferentes versões dos fundamentos do antinomianismo.

<sup>2</sup> Nota da NVI: Ou *a descendência*. Hebraico: *semente*. (Nota do Tradutor).

<sup>3</sup> Portanto, a divisão e inimizade entre esses dois grupos é resultado de um ato de graça; toda a humanidade seria “unida” em sua impiedade se Deus optasse não escolher alguns para a salvação.

Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois somos santuário do Deus vivo. Como disse Deus: “Habituarei com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. Portanto, “saíam do meio deles e separem-se”, diz o Senhor. “Não toquem em coisas impuras, e eu os receberei” (2Coríntios 6:14-17).

Portanto, Deus faz distinção entre os retos e os ímpios quando eles se põem a orar. Provérbios 15:8 diz: “O Senhor detesta o sacrifício dos ímpios, mas a oração do justo o agrada”. As pessoas oram fervorosamente quando uma necessidade especial surge ou quando uma tragédia acontece; no entanto, algumas dessas mesmas pessoas se negariam à vida religiosa, ou até mesmo negariam ser cristãs. Portanto, é claro que não têm interesse em conscientemente estudar e obedecer aos mandamentos de Deus em sua vida diária. À luz do que estabelecemos acima, as orações dessas pessoas são inaceitáveis a Deus – mais do que isso, são detestáveis a ele.

Jesus diz em João 15:7: “Se vocês permanecerem em mim, e as minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e lhes será concedido”. Isto parece tratar-se de um grande “se”. Quem são aqueles que permanecem em Cristo e sobre quem permanecem suas palavras? Somente os cristãos – não toda e qualquer pessoa que se auto-denomina cristã, mas cristãos genuínos, isto é, aqueles que têm sido mudados pelo poder de Deus, que têm recebido o Espírito Santo capacitando-os a obedecer aos mandamentos de Deus. Isso restringe aqueles que conferem com a descrição desse versículo a um grupo muito pequeno de pessoas. Talvez devamos fazer o que sugiro repetidamente, que precisamos enfatizar a teologia mais do que atividades como a oração, pois sem o primeiro, o segundo é destituído de significado. Muitas vezes, pregadores que enfatizam a oração primeiro, estão apenas dando aos descrentes a falsa certeza de que suas orações são aceitáveis a Deus, quando em verdade nem mesmo estão salvas.

Assim, o que significa “permanecer” ou “habitar” em Cristo? <sup>4</sup>

Tenho ouvido muitas teorias fantasiosas a respeito, incluindo a que assume uma visão de certo modo romântica do Cristianismo. Interpretações e inferências falsas sobre a nossa comunhão com Cristo assim como os “ramos” são para a “videira” (v. 1-6) reforçam a tendência de vermos a nossa vida e a fidelidade a Cristo em termos místicos. Eles tendem a retratar a unidade envolvida como ontológica, falhando em não perceber a ênfase sobre o intelecto e a obediência pela menção de “palavras” (v. 3, 7, 10, 11). Com isso, essas interpretações falsas implicam na promoção da oração, cantos e outras atividades como meios de habitar em Cristo. Mas o versículo 7 estabelece que a oração respondida é o *resultado* de habitar em Cristo.

Os comentários de João colocam explicitamente no que implica habitar em Cristo. O versículo 10 diz: “Se vocês obedecerem aos meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como tenho obedecido aos mandamentos de meu Pai e em seu amor permaneço”. Em sua primeira carta geral, João escreve: “Amados, se o nosso coração não nos condenar, temos confiança diante de Deus e recebemos dele tudo o que pedimos, porque obedecemos aos seus mandamentos e fazemos o que lhe agrada... Os

<sup>4</sup> Outras traduções trazem “habitar” ao invés de “permanecer” (veja KJV, NASB).

que obedecem aos seus mandamentos nele permanecem, e ele neles” (1João 3:21-22, 24).

Habitamos em Cristo pela obediência aos seus mandamentos. João insiste que podemos eventualmente tropeçar, e diz: “Se afirmarmos que não temos cometido pecado, fazemos de Deus um mentiroso, e a sua palavra não está em nós. Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Se, porém, alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1João 1:10-2.1). Portanto ele não está se referindo à perfeição, mas a um estilo de vida que claramente demonstre obediência aos mandamentos de Deus. Muitas pessoas pensam que estão habitando em Cristo simplesmente porque continuam a *dizer* que crêem nele. Mas a resposta de Cristo é: “Por que vocês me chamam 'Senhor, Senhor' e não fazem o que eu digo?” (Lucas 6:46); logo, “Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mateus 7:21).

Você já deve ter ouvido que o “Cristianismo não diz respeito a seguir um conjunto de regras”. Isso é verdade num sentido, mas apenas num sentido, e aqueles que repetem isso freqüentemente têm uma visão antinomiana antibíblica. Indubitavelmente o Cristianismo *não* consiste de um conjunto de regras que diz “Não manuseie!”, “Não prove!”, “Não toque!” (Colossenses 2:21), na medida em que sejam “mandamentos e ensinamentos *humanos*” (v. 22). Mas, e acerca destes “*Não* sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior. <sup>5</sup> *Não* sejam sábios aos seus próprios olhos. *Não* retribuam a ninguém mal por mal... Amados, *nunca* procurem vingar-se... *Não* se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem” (Romanos 12:16-21)? Certamente que a vida cristã exige “Ame o seu próximo como a si mesmo”, mas este é apenas um resumo de “'Não adulterarás', 'Não matarás', 'Não furtarás', 'Não cobiçarás', e *qualquer outro mandamento*” (Romanos 13:9), pois “o amor é o cumprimento *da Lei*” (v. 10). Isto é, andar no amor é fazer tudo aquilo que é ordenado pela lei.

“Cristianismo não diz respeito a seguir um conjunto de regras” é, portanto, uma declaração muito enganosa. Não somos *justificados* por obedecermos aos mandamentos de Deus, uma vez que não podemos obedecê-los antes de sermos cristãos. Mas quando Deus nos salva, ele concede o Espírito Santo para nos dispor à obediência das suas leis: “Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis” (Ezequiel 36:26-27).

Portanto, se por dizer “Cristianismo não diz respeito a seguir um conjunto de regras”, queremos dar a entender que não somos justificados simplesmente por obedecermos as leis de Deus, então isso procede. Mas se queremos dizer que não há leis divinas a seguir na vida cristã, isso não procede. De fato, os crentes são regenerados e justificados *e portanto* podem obedecer as leis e mandamentos de Deus, tal que se uma pessoa não demonstrar um estilo de vida definido de obediência aos mandamentos bíblicos, não é cristã, não importa o que diga. Ela pode dizer com grande convicção: “Jesus Cristo morreu pelos meus pecados e eu confio nele como meu Salvador. Jesus é Senhor!”. Essa pessoa não está falando a verdade; ela não é cristã. Novamente, uma pessoa não é salva

---

<sup>5</sup> Nota da NVI: Ou *mas adotem um comportamento humilde*. (Nota do Tradutor)

pela obediência, mas de fato não foi salva a menos que demonstre obediência. A salvação vem somente pela graça à parte das obras, porém se uma pessoa não demonstra boas obras, isso significa que Deus nunca mudou seu coração pela graça.

Você pode dizer: “Eu pensava que este era um livro sobre oração! Você não estaria na verdade falando sobre algo diferente e então simplesmente associando vagamente à oração?”. Como mencionado na introdução desta seção do livro, é um engano focar no ato da oração em si quando debatemos o assunto. Se você entende o que eu tenho procurado comunicar ao longo deste capítulo, deve igualmente entender por que isso é assim. Você percebe, de acordo com Jesus, que para suas orações serem aceitáveis, você precisa antes de tudo ser cristão – um cristão genuíno que demonstre um estilo de vida de obediência – e *então*, pode “pedir o que quiser, e lhe será concedido” (João 15:7).

Oração aceitável depende de quem você é, e não simplesmente de você dizer as coisas certas quando ora. Por isso, é melhor encarar a oração por uma perspectiva mais ampla, relacionando-a ao seu estilo de vida e santificação. Talvez agora você possa apreciar melhor as palavras supracitadas de W. Bingham Hunter: “Do ponto de vista bíblico, a oração é relacionada a tudo o que somos e tudo o que Deus é. Deus *não* responde as nossas orações. Deus responde a *nós*: à nossa vida como um todo... Nosso Deus onisciente traz respostas ao conjunto da nossa vida, em que as orações constituem apenas uma parte. Isso significa que como você e eu vivemos quando não oramos e não adoramos é importante – talvez mais – que quando oramos e adoramos”.<sup>6</sup>

Não podemos merecer respostas às nossas orações por nossa boa conduta, pois mesmo que obedecêssemos plenamente a Deus, não mereceríamos qualquer coisa: “Assim também vocês, quando tiverem feito tudo o que lhes for ordenado, devem dizer: ‘Somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever’” (Lucas 17:10). Deus não nos deve qualquer coisa mesmo quando lhe temos obedecido perfeitamente, pois devemos, em primeiro lugar, perfeita obediência a ele. Portanto, não estou dizendo que devemos merecer respostas às nossas orações, mas que precisamos ser *cristãos* quando oramos, e se você é realmente cristão, pensará e agirá como tal. Então você saberá que Deus o ouve, tendo a certeza bíblica de que “o próprio Pai o ama” (João 16:27), pois tem lhe concedido um amor genuíno e uma sincera fé em Cristo.

---

<sup>6</sup> Hunter, *God Who Hears*; p. 13, 40.

## 9. ORAÇÃO E PERSISTÊNCIA

*Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar (Lucas 18:1).*

Uma vez que você já tenha orado a Deus por alguma coisa, deve orar por isso novamente? A opinião prevalecente em alguns círculos é que orar repetidamente por algo é indício de falta de fé. Defensores dessa posição dizem que se você sinceramente crê que Deus o escutou ou mesmo aceitou o seu pedido quando orou pela primeira vez, não estaria orando por isso novamente, pelo menos não da mesma forma. Talvez você possa mencionar o assunto novamente, mas ao invés de falar como na primeira vez, deveria ao menos mudar a sua fala de uma forma de petição para uma de ação de graças. Ao invés de pedir a Deus a mesma coisa novamente, deveria agradecê-lo por já ter aceito o seu pedido.

Pelo menos superficialmente, podemos aprovar essas pessoas por sua intenção. Elas desejam orar a Deus de uma forma que demonstre fé em Deus e cuidado em não insultá-lo por falar ou agir de uma forma que transpareça desconfiança. No entanto, embora essa abordagem para a oração aparente demonstração de fé, é resultado de uma reflexão meticulosa e exegese acurada, ou é conclusão de falsas analogias e interpretações falhas? E se o processo de formulação dessa doutrina é muito inferior, lança igualmente dúvidas sobre a pureza dos seus motivos. Neste capítulo não vou dirigir nossa atenção sobre a questão do motivo, mas demonstrarei que a Bíblia não ensina que orar com fé impede alguém de pedir pelas mesmas coisas mais de uma vez, e de fato, a Bíblia ensina que se estamos orando com fé, precisamos persistir na oração pedindo pelas mesmas coisas repetidamente.

Uma analogia é algumas vezes usada para ilustrar porque não devemos orar pela mesma coisa mais de uma vez. Imagine uma criança pedindo algo ao seu pai inúmeras vezes, quando o pai já prometeu dar na ocasião do primeiro pedido. Condenaríamos a criança por sua desconfiança e seu comportamento irritante. Ela insulta a integridade do seu pai quando pede repetidamente aquilo que já lhe foi prometido. Variações dessa analogia podem substituir o relacionamento do pai com o filho por um entre dois amigos, mas persiste o ponto; isto é, repetir o mesmo pedido é um insulto quando o item em questão já foi prometido.

A analogia parece razoável até onde consegue ir no nível dos relacionamentos humanos, mas sucumbe quando a aplicamos a Deus. Ela nem mesmo se adequa plenamente à posição daqueles que a usam. Por exemplo, aqueles que dizem que não devemos orar mais de uma vez por algo, não obstante dizem que devemos repetidamente agradecer a Deus por aceitar os nossos pedidos após a petição inicial. Mas se a criança na analogia agradece ao seu pai vezes sem conta após a petição inicial – antes que a promessa tenha se concretizado – isso teria o mesmo efeito irritante e insultante de ficar pedindo pela mesma coisa várias vezes. Transpareceria como se a criança desconfiasse da integridade ou da memória do pai, e por isso buscasse repetidamente lembrá-lo da sua promessa. Para serem consistentes, aqueles que dizem que devemos orar pela mesma coisa somente uma vez precisam igualmente dizer que *não* devemos agradecer a Deus por garantir resposta ao que pedimos *até que* isso tenha se concretizado.



A analogia falha porque Deus não é um pai humano; muito embora existam similaridades entre a paternidade de Deus e a paternidade do homem, não são similares em todos os aspectos, e precisamos examinar as Escrituras para determinar quais os pontos em comum e os divergentes. As analogias podem ser muito enganosas. Uma analogia é autoritativa e ilustra uma similaridade real entre ambos somente se vier das Escrituras. Mesmo então, temos que cuidar para usar a analogia ilustrando tão-somente o ponto que ela abrange, não algum outro ponto que pretendemos justificar.

Precisamos ser cuidadosos quando construímos analogias para ilustrar a nossa relação com Deus, a fim de que não esqueçamos que Deus não é humano, mas divino, e, portanto, ele não é como nós em vários aspectos. Alguns equivocadamente pensam que, visto que chamamos Deus de nosso “Pai”, podemos tratá-lo quase que exatamente como trataríamos um pai humano ideal. Mas esta é uma falsa e perigosa inferência. Não importa quão bom um pai terreno possa ser – não o adoramos; uma pessoa que canta músicas de louvor a esse pai terreno a fim de exaltar sua grandiosidade, é provavelmente um insano. Deus não é um ser humano, assim, não devemos tratá-lo como tal. Portanto, a analogia da criança fazendo pedidos ao seu pai falha em estabelecer que não deveríamos repetir as nossas petições a Deus.

No entanto, a posição que temos considerado não é tão-somente baseada em analogias. Seus proponentes tentam dar suporte bíblico, e aqui examinamos duas passagens representativas:

Portanto, eu lhes digo: Tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim lhes sucederá. (Marcos 11:24)

Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus, ele nos ouvirá. E se sabemos que ele nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que temos o que dele pedimos. (1João 5:14-15)

Segundo o argumento, esses versículos nos dizem que após termos orado por algo, devemos crer que já recebemos o que pedimos, e então devemos falar e agir de uma forma que seja coerente com isso. Falar e agir como se já tivéssemos recebido implica não orarmos novamente por aquilo que já pedimos. Portanto, não devemos repetir as nossas petições a Deus; de outra forma, isso demonstra que não cremos realmente que já recebemos, o que é falta de fé.

Para causa do argumento, vamos assumir que a interpretação desses versículos é correta, isto é, nos ensinam que uma vez que tenhamos orado por algo, espera-se que creiamos que já recebemos o que pedimos. No entanto, os versículos não nos dizem explicitamente como se espera que nos comportemos uma vez crendo que recebemos. Pode ser verdade que uma vez que eu creia que o meu pedido a outro *ser humano* tenha sido aceito, não devo mencioná-lo novamente, mas temos demonstrado que analogias baseadas nas relações humanas não necessariamente se aplicam ao nosso relacionamento com Deus, pois ele não é um ser humano. Deus deve ser tratado da forma que exige ser tratado. Portanto, mesmo que a sua interpretação de algumas dessas passagens bíblicas estivesse correta, aqueles que dizem que não precisamos repetir as nossas petições a Deus fazem um salto lógico neste ponto, dizendo que se cremos que já recebemos, não devemos repetir as nossas petições.

Tiago escreve: “Elias era humano como nós. Ele orou fervorosamente para que não chovesse, e não choveu sobre a terra durante três anos e meio. Orou outra vez, e os céus enviaram chuva, e a terra produziu os seus frutos” (Tiago 5:17-18). Tiago nos conta isso no contexto do comentário sobre “a oração da fé” (v. 15) e a “a oração de um justo” (v. 16). Elias estava numa missão de Deus. “Ele orou fervorosamente para que não chovesse, e não choveu.” Isso veio como julgamento às nações idólatras. Após um tempo, ele desafiou os falsos profetas para um duelo sobrenatural e obteve uma vitória decisiva. As nações demonstraram sinais de voltarem a Deus, e esse era o tempo dele orar para que chovesse novamente.

Uma vez que Elias fazia tudo isso debaixo do comando de Deus (1Reis 18:36), estava orando de acordo com a sua vontade. Agora, 1João 5.14-15 diz que se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus, podemos “saber que ele nos ouvirá”. Portanto, pelo menos de acordo com aqueles que defendem que não devemos repetir as nossas orações, Elias creu que Deus concedeu o que pediu a partir da sua primeira petição pela chuva. De fato, vemos algo que indica isso em 1Reis 18.41, onde Elias disse ao rei Acabe, “... já ouço o barulho de chuva pesada”, mesmo *antes* de ter feito a primeira oração.

Mas então, por que Elias ainda orou uma primeira vez, se já “ouvia” o barulho da chuva? De acordo com as suposições dos que alegam não devermos repetir as nossas orações, Elias não deveria ter orado a primeira petição, pois já cria na promessa divina como sendo tão boa quanto consumada, mesmo antes de ter orado. E certamente, após a primeira oração, não deveria ter orado novamente. Contudo, isso desconsidera que Elias não apenas orou, mas orou diversas vezes pela mesma coisa:

Então Acabe foi comer e beber, mas Elias subiu até o alto do Carmelo, dobrou-se até o chão e pôs o rosto entre os joelhos. “Vá e olhe na direção do mar”, disse ao seu servo. E ele foi e olhou. “Não há nada lá”, disse ele. Sete vezes Elias mandou: “Volte para ver”. Na sétima vez o servo disse: “Uma nuvem tão pequena quanto a mão de um homem está se levantando do mar”. Então Elias disse: “Vá dizer a Acabe: Prepare o seu carro e desça, antes que a chuva o impeça”. Enquanto isso, nuvens escuras apareceram no céu, começou a ventar e a chover forte, e Acabe partiu de carro para Jezreel” (1Reis 18:42-45)

Isso sugere que crer nas promesss de Deus tão fortemente que percebemos serem tão boas quanto consumadas, pode ser conciliado não apenas com a primeira oração, mas igualmente com orações repetidas. Isto é, mesmo quando uma pessoa crê que o seu pedido já foi concedido (1Reis 18:41), mesmo quando crê já ter recebido, pode ainda orar – não uma, duas ou cinco vezes, mas até que a resposta tenha se concretizado. Porém, de acordo com os que dizem que não devemos repetir as nossas orações, crendo sinceramente que já recebemos, não devemos repetir a oração. À luz do exemplo de Elias, essa posição é claramente não-bíblica, mas uma inferência não-justificada sobre a nossa comunhão com Deus de como as relações humanas comumente se dão.

Independentemente do que tenha sido o “espinho na carne” de Paulo, ele disse, “Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim” (2Coríntios 12:8), e parece que ele poderia ter persistido nessa petição se a resposta não tivesse vindo. Mas como Deus lhe respondeu (v. 9), poderia parar de orar. Então, em Lucas 11:5-8, Jesus dá a seguinte ilustração:

“Suponham que um de vocês tenha um amigo e que recorra a ele à meia-noite e diga: ‘Amigo, empreste-me três pães, porque um amigo meu chegou de viagem, e não tenho nada para lhe oferecer’. “E o que estiver dentro responda: ‘Não me incomode. A porta já está fechada, e eu e meus filhos já estamos deitados. Não posso me levantar e lhe dar o que me pede’. Eu lhes digo: Embora ele não se levante para dar-lhe o pão por ser seu amigo, *por causa da importunação* se levantará e lhe dará tudo o que precisar.”<sup>1</sup>

Novamente, precisamos ser cuidadosos em aplicar somente o ponto tratado na ilustração à nossa relação com Deus, e não todo e qualquer aspecto possível do relacionamento humano descrito. Seria um absurdo, por exemplo, assumir da ilustração que Deus é como um amigo que dorme, a quem precisamos acordar para que escute as nossas petições. Não é este o ponto da passagem. Deus não é um ser humano, e nunca dorme (Salmos 121:4). Antes, o propósito da ilustração é encorajar a persistência – se por conta da sua persistência um amigo humano vai lhe dar o que você pede, quanto mais Deus lhe dará se você for persistente!

A questão crucial é o que significa termos fé quando oramos. De fato, Tiago escreve “Peça-a, porém, com fé, sem duvidar, pois aquele que duvida é semelhante à onda do mar, levada e agitada pelo vento. Não pense tal pessoa que receberá coisa alguma do Senhor” (Tiago 1:6-7). Assim, sucede que precisamos ter fé, mas os que alegam que não devemos repetir as nossas orações pulam sem garantias a partir dessa premissa, que devemos ter fé, para a conclusão que não precisamos repetir as nossas orações após a primeira petição.

Devemos deixar a Bíblia definir o que é fé, ao invés de acatar definições de analogias extra-bíblicas de relações humanas ou inferências não-garantidas das passagens bíblicas. Em Lucas 18, Jesus dá uma parábola que nos auxiliará a definir fé à luz da nossa presente discussão sobre persistência:

Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar. Ele disse: “Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus nem se importava com os homens. E havia naquela cidade uma viúva que se dirigia continuamente a ele, suplicando-lhe: ‘Faze-me justiça contra o meu adversário’. “Por algum tempo ele se recusou. Mas finalmente disse a si mesmo: ‘Embora eu não tema a Deus e nem me importe com os homens, esta viúva está me aborrecendo; vou fazer-lhe justiça para que ela não venha mais me importunar’.” (Lucas 18:1-5)

Essa parábola sugere que a viúva repetiu inúmeras vezes a sua petição – o juiz alegou que ela o importunava. Novamente, devemos ser cuidadosos com a conclusão que tiramos daqui, de forma que não vamos inferir falsamente algo sobre relações humanas desta parábola e aplicar à nossa relação com Deus. O versículo 1 nos dá o propósito da passagem, isto é, que Jesus a conta aos discípulos “para mostrar-lhes que eles deviam *orar sempre e nunca desanimar*” (v. 1).

---

<sup>1</sup> Traduções alternativas para “importunação” poderiam ser “ousadia” ou “audácia”, mas elas não influenciam nosso ponto aqui, pois permanece a intenção da passagem de ser um encorajamento à oração persistente. De fato, o tipo de persistência de que estamos falando aqui não é facilmente sufocado por obstáculos.

Portanto, o fato do juiz nesta parábola ser relutante em ajudar a viúva não quer dizer que Deus é igualmente relutante em atender as nossas petições. Jesus tinha como objetivo *contrastar* o juiz com o que Deus é: “Ouçam o que diz o juiz injusto. Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Continuará fazendo-os esperar? Eu lhes digo: Ele lhes fará justiça, e depressa” (v 6-8). Isto é, se mesmo um juiz relutante pode responder as petições de uma viúva persistente, quanto mais não fará um Pai desejoso ao fiel persistente!

O comportamento da viúva é para ressaltar o ponto principal, isto é, que devemos “orar sempre e nunca desanimar”, que devemos clamar “a ele *dia e noite*”. Que o juiz tenha considerado que a viúva o importunava é algo que sugere um comportamento que inclui repetição constante do mesmo pedido, inúmeras vezes. Portanto, o versículo 1 (“orar sempre e nunca desanimar”), o versículo 5 (“ser persistente”) e o versículo 7 (“dia e noite”) demonstram que devemos repetir as nossas orações a Deus.

Jesus termina a parábola dizendo: “Ele lhes fará justiça, e depressa. Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?” (v. 8). Que tipo de fé ele está buscando nas pessoas? Precisamente o tipo de “fé” que a viúva demonstrou na parábola! É a fé que ora e não desanima; é a fé que clama a Deus dia e noite; é a fé que persiste na oração a Deus. Ao contrário dos que alegam que a fé exclui a repetição das petições a Deus, Jesus demonstra que ter fé implica repeti-las ininterruptamente. Esta é a forma que a Bíblia define fé, e não vamos argumentar ou subverter esse ensino bíblico usando falsas analogias de relacionamentos humanos ou inferências injustificadas de passagens bíblicas. Apresentar as nossas petições a Deus ininterruptamente implica continuar crendo que ele nos ouve e que é significativo orarmos, não importa o que as circunstâncias possam sugerir. Não é incredulidade repetir as nossas petições, mas é incredulidade desanimar e parar de orar.

Deus ordena as nossas vidas de forma tal que devemos persistir na oração a fim de avançar o nosso crescimento espiritual e a nossa santificação. Isso pode envolver um número de coisas, como aumentar o nosso conhecimento, entendimento e paciência. Uma das coisas mais valiosas que precisamos fazer é afirmar uma série de prioridades mais bíblicas. As seguintes passagens mostram a paciência, resistência, caráter, e tais qualidades são coisas que precisamos valorizar ao invés de menosprezar:

Mas ele conhece o caminho por onde ando; se me puser à prova, aparecerei como o ouro. (Jó 23:10)

Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança. (Romanos 5:3-4)

Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança. E a perseverança deve ter ação completa, a fim de que vocês sejam maduros e íntegros, sem lhes faltar coisa alguma... Irmãos, tenham os profetas que falaram em nome do Senhor como exemplo de paciência diante do sofrimento. Como vocês sabem, nós consideramos felizes aqueles que mostraram perseverança. Vocês ouviram falar sobre a perseverança de Jó e viram o fim que o Senhor lhe proporcionou. O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia. (Tiago 1:2-4; 5:10-11)

Temos a tendência de nos encolher em meio ao sofrimento, pois nos priva do conforto físico. No entanto, o verdadeiro crente deve colocar o seu desenvolvimento espiritual num nível superior à sua conveniência natural. Pedro escreve: “Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo, é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado” (1Pedro 1:6-7). Eu posso desejar conforto natural, mas o meu desejo em saber que a minha fé é genuína é muito maior, visto que ela é “muito mais valiosa do que o ouro que perece”. A fé genuína não pode ser assolada pelas provações – antes, é purificada e refinada por elas.

O desapontador é que muitos crentes perdem o propósito das passagens supracitadas, usando-as como desculpas para os seus fracassos, ao invés de enfrentarem seus problemas. Mas não procuremos encontrar desculpas – um verdadeiro cristão deve realmente considerar o desenvolvimento do seu caráter e maturidade mais importantes do que as coisas naturais que deseje.

Outro mal-entendido sobre a privação e a persistência é que a experiência do sofrimento vai em si e por si mesma avançar a nossa santificação. Isso não é verdade. Da mesma forma que a sensação e a experiência por si mesmas não podem prover qualquer informação inteligível à mente, mas apenas prover ocasiões em que Deus diretamente age sobre o intelecto e convertem-nas em informações inteligíveis<sup>2</sup>, o sofrimento não pode *em si mesmo* nos ensinar qualquer coisa, nem cooperar para o nosso crescimento espiritual.

Antes, as nossas experiências de sofrimento podem quando muito prover as ocasiões em que lembramos, ordenamos, assimilamos, aceitamos e aprendemos a obedecer a informação já revelada a nós pelas Escrituras. Visto que nenhuma experiência vem com sua própria interpretação, uma reação apropriada à experiência – isto é, que resulta num crescimento espiritual – ocorre somente porque temos um entendimento da revelação bíblica e a capacidade de relacioná-la à nossa experiência. O conhecimento das proposições bíblicas relevantes pode vir antes ou depois da experiência, mas até que se tenha tal conhecimento, a experiência permanece ininteligível, tal que nada pode ser aprendido dela.

Por não compreender esse aspecto muito importante, muitas pessoas consideram a experiência ou o sofrimento como inerentemente valiosos como meios de aprendermos as coisas espirituais, e versículos como Hebreus 5:8 aparentemente podem passar essa idéia: “Embora sendo Filho, ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu”. Mas essas pessoas ignoram que Jesus tinha conhecimento minucioso das Escrituras, e assim, estava a par do progresso do plano redentivo de Deus, seu papel nesse plano e, portanto, como interpretar seus sofrimentos. A experiência por si só não traz sua própria interpretação, e outra pessoa poderia muito bem desenvolver, debaixo do sofrimento, uma rebelião espiritual ao invés de obediência. De fato, isso é o que ocorre com muitas pessoas. Mesmo Hebreus 5:8 em si nos chega como um versículo bíblico e não como uma experiência. A idéia que uma pessoa pode aprender, num sentido, do sofrimento ou da experiência em si, não tem alicerce infalível à parte da revelação proposicional.

Quando muito, a experiência nos incita a pensar com e sobre a informação que já obtivemos pela comunicação verbal, tal como da Bíblia. Talvez cheguemos mesmo a

---

<sup>2</sup> Vincent Cheung, *Systematic Theology* [Teologia Sistemática] e *Ultimate Questions* [Questões Últimas].



decisões mais adequadas sobre alguns assuntos do que anteriormente, mas não devido a qualquer informação transmitida pela experiência em si, já que nada é transmitido, mas pela reflexão com e sobre as proposições bíblicas que já conhecemos ou que ainda vamos estudar.

Com isso em mente, é útil o uso de Douglas Kelly da experiência de Jacó como uma explicação da necessidade de persistência na oração:

O nome Jacó, que ele profeticamente recebeu ao nascer, significa *Aquele que Supera*, e alude ao fato de que ele destituiria seu irmão do seu direito de primogenitura. Mas esse mesmo homem recebe o nome de Israel, *príncipe com Deus*, depois de ser bem sucedido numa luta com Deus. Ele se torna um homem completamente mudado após aquela noite...

Mas ainda assim era uma batalha e tinha o seu preço. Custou-lhe toda uma noite – ele perdeu uma noite de sono. Porém, mais do que isso, durante a batalha o estranho tocou sua coxa (que era a forma de se estabelecer um vínculo pessoal nos tempos antigos) – e assim Jacó tornou-se manco pelo resto de sua vida.

Jacó teve de pagar um preço, mas ganhou a recompensa eterna. A partir daquela noite seu nome deixou de ser *Jacó*, uma lembrança constante de seu caráter um tanto desonesto, e tornou-se *Israel, Príncipe com Deus*... Embora possamos sofrer, nos sentimos encorajados em perceber que é por seu amor e sua misericórdia que ele está determinado a nos transformar de Jacó em Israel... Não apenas nas experiências de Jacó, mas na nossa também, é sempre necessária uma árdua luta conosco mesmos e com Deus para que se dê a nossa transformação de manipuladores egoístas em príncipes com Deus.<sup>3</sup>

Se você tem as prioridades erradas – se você não considera que a fé testada e refinada é “muito mais valiosa do que o ouro” – então não vai compreender o que Deus está fazendo. Você pode supor que ele é relutante, que não está respondendo as suas orações. Mas se você é um cristão, seu desejo sincero é que sua fé seja testada e refinada, de modo que venha a ser aprovada e justificada. Um melhor entendimento do que dizem as Escrituras sobre o assunto e o trabalho contínuo da santificação que Deus está efetivando em nós trará esse desejo sincero à tona, permitindo que ele direcione e controle o nosso comportamento e reação às circunstâncias.

A experiência em si não vai lhe ensinar quaisquer dessas coisas – duas pessoas debaixo da mesma situação frequentemente têm interpretações distintas do que está acontecendo, e somente a Bíblia pode nos dizer a verdade. De fato, Deus pode usar o mesmo incidente para punir o ímpio e edificar o justo, pois não existe um propósito inerente em nenhuma experiência. Mesmo este capítulo sobre persistência que você está lendo é uma exposição teológica, não uma experiência não-verbal. Reiterando, somente a teologia – um entendimento sistemático da revelação bíblica – pode dar sentido à oração e à experiência, ou à qualquer aspecto da vida cristã. Para o nosso sofrimento e

---

<sup>3</sup> Douglas F. Kelly, *If God Already Knows – Why Pray?*; Christian Focus Publications, 2001 (original: 1989); p. 172-173.



experiência terem de fato algum significado, precisamos ser cristãos que estudam e obedecem as Escrituras.

## ORAÇÃO E A VIDA INTERIOR

A vida interior, ou a vida da mente, é fundamental à existência humana como um todo. Mesmo a vida moral deve ser reconhecida em princípio como parte da vida interior, antes que possamos considerar as ações que dela fluem. Jesus diz: “Pois do coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as imoralidades sexuais, os roubos, os falsos testemunhos e as calúnias” (Mateus 15:19). Uma pessoa primeiro peca em sua mente – em seus anseios, intenções, desejos, hábitos e raciocínios imorais – antes de revelar suas resoluções e disposições pecaminosas por meio do corpo.

Tal como a pecaminosidade inicia nos pensamentos de uma pessoa, a justiça igualmente tem seu fundamento na mente. Paulo relata que o cristão revestido do “novo homem” é “criado para ser semelhante a Deus *em justiça e em santidade provenientes da verdade*” (Efésios 4:24), mas o versículo paralelo em Colossenses 3:10 diz que é “*no conhecimento*” que esse “novo homem” está sendo “renovado... à imagem do seu Criador”. Em conformidade a isso, Romanos 12:2 diz que é pela “renovação da *sua mente*” que você vai ser “transformado” e vai adquirir a capacidade de discernir a vontade de Deus, que é boa, agradável e perfeita.<sup>70</sup> Isso significa que se quer progredir na sua vida moral, você deve primeiro trabalhar a sua mente reestruturando-a de acordo com os preceitos bíblicos.

Este é o ensino básico das Escrituras, mas tendo eu exposto ele em termos intelectualistas, muitos podem considerá-lo estranho e inaceitável. No entanto, isso não acontece por existir algo falso no que eu digo, e sim porque o que estou dizendo – o que a Bíblia ensina – é contrário à tendência anti-intelectualista da nossa cultura, bem como da cultura eclesial. De fato, não sou eu quem escolhe definir o ensino das Escrituras nesses termos, mas são elas por si mesmas que o fazem, e estou meramente me submetendo a elas em minha exposição.

Uma vez que esteja apto a abandonar a atitude anti-intelectual imposta sobre você pela cultura e se disponha a aceitar que as coisas são como descritas nas Escrituras, você verá que elas provêm uma orientação clara para que possa direcionar a sua vida espiritual; elas dão instruções explícitas sobre o que fazer. Em verdade, muitos cristãos colocam muita ênfase sobre a “vida espiritual”, mas a forma com que usam a expressão não carrega um significado definido, ou quando o faz, dá a impressão de sugerir uma vida *mística* que desloca a ênfase cristã apropriada do real conteúdo das Escrituras. Assim, mesmo aqueles que parecem enfatizar o teor escriturístico negam que seja apreendido pelo intelecto, antes, por uma esfera não-racional (e de fato não-existente) do homem que falsamente chamam de “espírito”. A verdade é que o espírito do homem é sua alma ou mente racional, feita a imagem de Deus, a partir da qual apreendemos e assimilamos o conteúdo das Escrituras.<sup>71</sup>

O mesmo princípio que aplicamos ao desenvolvimento moral do crente também se aplica a todos os demais aspectos da vida cristã, incluindo a vida de oração. Assim

---

<sup>70</sup> Ao contrário da ênfase dada em alguns círculos, o uso bíblico de “a vontade de Deus” não somente ou principalmente se refere a coisas como onde devemos morar ou qual a profissão que devemos assumir, mas tem um significado mais amplo que enfatiza o conteúdo doutrinário e ético das Escrituras e sua aplicação em nossas vidas.

<sup>71</sup> O homem não possui um “espírito” não-racional. O que se chama de “espírito” nas Escrituras é a mesma parte do homem como sua mente racional. Portanto, o homem é corpo (físico) e alma (racional), ao invés de corpo (físico), alma (racional) e espírito (não-racional).

como uma vida moral definida e significativa é fundamentada sobre um entendimento acurado das Escrituras, uma vida de oração aceitável na prática e rica no seu conteúdo deve ter a compreensão teológica como o seu fundamento. Tal como o aperfeiçoamento moral inicia pela consideração das instruções escriturísticas, qualquer aprimoramento da vida de oração inicia com um enriquecimento da vida interior.

Encontramos nas Escrituras exemplos da vida de oração de grandes homens. Jesus poderia significativamente orar ao seu Pai por toda a noite, e nas cartas de Paulo constam orações que são ricas em reflexão teológica inspirada. Se a sua vida de oração é fraca e suas orações são superficiais no seu conteúdo, será de pouco ajuda tentar remediar a situação orando com mais frequência. De fato, com isso você vai provavelmente desenvolver e reforçar maus hábitos e uma falsa teologia. Antes, precisamos aprimorar a vida de oração construindo um fundamento melhor, isto é, definindo uma vida interior estruturada de acordo com os preceitos bíblicos.

O primeiro capítulo desta seção incita você a destronar a experiência como fonte de informação na construção da sua vida espiritual em geral, e na vida de oração em particular, pois a experiência não nos pode ensinar nada. Então, o capítulo seguinte se propõe a delinear algumas diretrizes elementares na construção da vida interior sobre a base infalível da revelação bíblica.

## 10. ORAÇÃO E EXPERIÊNCIA

*“Certo dia Jesus estava orando em determinado lugar. Tendo terminado, um dos seus discípulos lhe disse: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou aos discípulos dele” (Lucas 11:1).*

Muitos dos livros escritos sobre o assunto de oração sugerem que a melhor forma de aprender sobre oração é realmente orando. Eles dizem que a melhor forma de aprender sobre oração (ou sobre a maioria das outras coisas) não é falando ou lendo sobre ela, mas praticando-a. “Aprender fazendo” é uma teoria muito popular de educação, e estes livros estão aplicando-a à questão de como uma pessoa deveria aprender a orar. Se esta teoria de aprendizagem é correta, então há um valor limitado em se gastar horas após horas tentando construir uma teologia bíblica de oração; antes, nosso tempo é mais bem gasto orando de fato. A oração é melhor aprendida por experiência.

Eu discordo. Em geral, eu me oponho à teoria de aprender fazendo. Em particular, eu me oponho à idéia de que algo sobre oração possa ser aprendido por experiência.<sup>72</sup>

É impossível aprender sobre oração por experiência, pois é impossível até mesmo começar sem quaisquer instruções ou suposições prévias não deriváveis de experiência. O que é oração? Eu oro a alguém ou a alguma coisa? Quem é este alguém ou alguma coisa? Quais são os atributos deste alguém ou alguma coisa? Qual é o meu relacionamento com este alguém ou alguma coisa? Eu tenho acesso imediato e direto a este alguém ou alguma coisa, ou eu preciso de um mediador para contactar este alguém ou alguma coisa? Quem ou o que é este mediador, e quais são os atributos deste mediador? Qual é o meu relacionamento com este mediador? Importa qual postura ou posição eu tomo durante a oração? Pelo que ou por quem eu devo orar? Com que frequência, por quanto tempo e intensidade eu deveria orar? Eu devo persistir em minhas solicitações, ou deveria apresentar cada petição somente uma vez? A experiência não pode responder nenhuma destas questões, mas precisamos responder todas elas e muitas outras para orar apropriadamente. De fato, mesmo fazer as perguntas acima pressupõe algum conhecimento e reflexão sobre o assunto.

As pessoas nos dizem que aprendemos como orar por experiência, e que podemos aprender mais sobre oração praticando-a do que falando sobre ela ou lendo algo sobre ela. Mas, onde está a justificação bíblica para tal afirmação? Elas querem dar a impressão que estão dando este aviso porque tomam a oração seriamente, e que elas querem que outras pessoas a tomem seriamente também. Mas eu diria que o aviso deles é sacrilégio – estão tratando a presença de Deus como um lugar de experimentação antes do que um lugar de adoração. Se a Bíblia já nos deu muitas instruções explícitas sobre oração, então, nós faremos melhor *estudando-as* ao invés de *aprendê-las* durante a oração. Nós abusamos da paciência e da misericórdia de Deus se nos aproximamos dele, sem primeiro aprender como nos aproximarmos dele, especialmente quando ele já nos deu instruções sobre o assunto.

Embora Deus nem sempre execute o juízo imediatamente sobre aqueles que se aproximam dele imprópriamente, há exemplos no Antigo Testamento quando ele matou

<sup>72</sup> Para uma explicação sobre o porquê eu me oponho a aprender através da prática, por favor, leia meu livro, *Preach the Word* [Pregue a Palavra].

aqueles que falharam em seguir suas instruções para a adoração. Pelo princípio de tentativas e erros, alguém poderia facilmente se tornar um sacerdote morto antes dele se tornar um sacerdote experiente. Além de insistir que é impossível aprender algo por experiência em primeiro lugar, meu ponto é que você não deveria tentar aprender a partir da experiência o que Deus já lhe disse por instruções verbais. No mínimo, se você aprender sobre oração por experiência, você pode terminar formando muitos maus hábitos e falsas idéias que podem nunca receber correção. Portanto, concluímos que aprender por experiência quando diz respeito à oração é uma tentativa irreverente e impossível.

Quando os discípulos pediram para Jesus ensiná-los a como orar, Jesus não lhes disse para aprender como orar praticando a oração, mas lhes ensinou como orar dando-lhes instruções verbais. Os discípulos também mencionaram que João o Batista ensinou seus próprios discípulos a como orar, de forma que sabemos que aqueles discípulos também aprenderam a orar por instruções verbais, e não por experiência. Assim, entendemos que a oração pode ser ensinada, e que o modo de aprender como orar não é por experiência, mas por palavras. Isto é, o modo bíblico de aprender sobre oração é realmente falando e lendo sobre ela, e não a praticando. Visto que o nosso tópico é oração, eu não tomarei tempo para exemplificar, mas este princípio é verdadeiro também sobre outros aspectos da vida espiritual.

Nós aprendendo lendo, ouvindo e pensando, e não fazendo. Aprender lendo, ouvindo e pensando torna pelo menos possível que uma pessoa faça algo corretamente na primeira tentativa. Mas aprender pela prática, experiência, ou por tentativas e erros, insere a necessidade de falha no próprio princípio de educação. Eu tenho mostrado em outros lugares que, mesmo se a sensação que alguém recebe corresponder ao objeto que produz tal sensação, alguém deve fazer inferências a partir de tal sensação que produza conhecimento, e inferências a partir de sensações sempre são falaciosas.<sup>73</sup> Portanto, qualquer “conhecimento” produzido a partir de sensação é sempre falso. Assim, aprender por experiência garante o fracasso (de fato depende dele), e só produz falso conhecimento”.

A título de exemplo, mesmo se assumirmos que é possível aprender a partir de nossos enganos,<sup>74</sup> como você saberá quando você cometeu um engano na oração? Novamente, a título de exemplo, mesmo se assumirmos que você possa perceber alguns destes enganos por experiência, você pode perceber todos eles ou até mesmo a maioria deles por experiência? Mas você não pode nem mesmo responder esta pergunta por experiência, visto que por experiência você não pode saber quantos enganos está cometendo na oração — visto que, novamente, você precisa aprender em primeiro lugar o que é certo e o que é errado, por experiência, o que é impossível — e, portanto, você não pode me dizer se percebeu todos ou a maioria dos seus enganos na oração, por experiência. O problema piora mais e mais quando continuamos a pensar sobre ele.

---

<sup>73</sup> Se você colocar uma inferência na forma de um argumento, você pode ter uma premissa maior, uma premissa menor e uma conclusão. Se a conclusão diz mais do que as premissas necessariamente implicam, então ela é uma inferência indutiva, que é sempre inválida. Mas para produzir conhecimento a partir de experiência ou sensação, você deve fazer várias inferências indutivas. Portanto, aprender por experiência é sempre logicamente falacioso e não pode chegar à verdade.

<sup>74</sup> Eu mantenho que é logicamente impossível aprender — isto é, formar proposições que constituam conhecimento — a partir de sucessos ou fracassos, visto que as inferências de tais exemplos sempre são falaciosas

De fato, é muito provável que você esteja cometendo vários enganos quando ora, mas você não os reconhece como enganos. Ao invés de ser corrigido por experiência, quanto mais experiência você tiver em oração cometendo aqueles enganos, mais eles se reforçarão como hábitos. Por experiência, você pode ao menos saber que é errado orar ao anjo Gabriel ou a Buda, ao invés de orar a Deus o Pai? Muitas pessoas têm orado por anos a Buda, e após muita experiência, elas ainda não reconheceram o seu erro. Em adição, qual é a nossa justificativa por forçar Deus a suportar os nossos enganos na oração, quando nós podemos evitá-los simplesmente lendo a Bíblia? Se nós a aprendêssemos a partir da Bíblia em primeiro lugar, saberíamos como não cometer aqueles enganos de forma alguma.

Se você insiste em aprender por experiência quando Deus já te deu a informação necessária por revelação – isto é, pelas palavras da Bíblia – em efeito, você não está cerrando o seu punho contra o céu e dizendo: “Eu me recuso a usar a sua forma de aprender como te servir! Eu usarei a minha própria forma”? Assim como é pecaminoso servir a Deus de uma forma quando ele prescreveu outra forma, é também pecaminoso tentar aprender como lhe servir de uma maneira quando ele prescreveu outra. Devemos nos submeter a Deus, não somente *no que* pensamos, mas também em *como* chegamos a pensar assim.

A melhor forma de aprender sobre oração ou outra coisa é falando sobre ela, lendo sobre ela e pensando sobre ela. A maioria dos crentes aprende sobre oração através deste método lendo e ouvindo instruções entregues por ministros cristãos, que estiveram supostamente estudando a Escritura sobre o assunto. Contudo, embora a própria Escritura seja infalível, os ministros humanos não o são. Mas o que à primeira vista parece ser um problema, serve somente para acentuar as vantagens de aprender através da leitura e da audição. Isto é, as apresentações verbais estão sujeitas ao escrutínio preciso e público; elas podem ser a base para o debate prolongado e a reflexão cuidadosa. Através de discussões diligentes e rigorosas sobre o assunto – isto é, falando, lendo e pensando sobre ele, ao invés de praticando-o – podemos chegar à princípios com respeito à oração e podemos estar confiantes de que eles estão de acordo com a vontade revelada de Deus.



## 11. ORAÇÃO E REVELAÇÃO

*Por que você está assim tão triste, ó minha alma? Por que está assim tão perturbada dentro de mim? Ponha a sua esperança em Deus! Pois ainda o louvarei; ele é o meu Salvador e o meu Deus. (Salmos 42:11)*

Porções dos Salmos e dos Profetas são freqüentemente usados com base para o ensino que devemos livremente expressar os nossos pensamentos e emoções durante a oração, mesmo que consistam de intensa frustração, ou mesmo raiva e mágoa contra Deus. Fica a impressão que desde que os profetas foram homens retos e eles mesmos expuseram suas frustrações a Deus, podemos ou até mesmo devemos igualmente expressar as nossas frustrações a Deus quando oramos.

Mas trata-se de uma inferência falsa. Do fato que os profetas algumas vezes expressaram suas frustrações perante Deus não podemos imediatamente inferir que devemos agir da mesma forma. Antes, precisamos primeiro examinar o contexto das passagens bíblicas relevantes e considerar as próprias interpretações infalíveis das Escrituras e comentários sobre tais exemplos de expressão de frustração. Em outras palavras, a Bíblia registra o que os profetas fizeram, mas o que a mesma Bíblia disse sobre o que eles fizeram? Os personagens bíblicos às vezes se queixaram amargamente a Deus, mas seria irresponsável imediatamente dizer que devemos imitá-los sem primeiro levar em conta o que Deus respondeu.

Jó, evidentemente, é o exemplo clássico. Ele esteve sofrendo dores e tragédias tremendas, e disse:

Minha vida só me dá desgosto; por isso darei vazão à minha queixa e de alma amargurada me expressarei. Direi a Deus: Não me condene; revela-me que acusações tens contra mim. Tens prazer em oprimir-me, em rejeitar a obra de tuas mãos, enquanto sorris para o plano dos ímpios? (Jó 10:1-3)

Se tão-somente eu soubesse onde encontrá-lo e como ir à sua habitação! Eu lhe apresentaria a minha causa e encheria a minha boca de argumentos. Estudaria o que ele me respondesse e analisaria o que me dissesse. (Jó 23:3-5)

Oh, se alguém me ouvisse! Agora assino a minha defesa. Deixemos que o Todo-Poderoso me responda! (Jó 31:35, NASB\*)

Deus elogiou a sua franqueza, ou repreendeu-o por suas palavras e falta de entendimento? Disse Deus a Jó: “Aquele que contende com o Todo-poderoso poderá repreendê-lo? Que responda a Deus aquele que o acusa!... Prepare-se como simples homem que é; eu lhe farei perguntas, e você me responderá. Você vai pôr em dúvida a minha justiça? Vai condenar-me para justificar-se?” (Jó 40:2, 7-8). Deus não tem prazer por aqueles que lhe fazem exigências como: “Me responda!”. Antes, dirá a tais pessoas: “Não, me responda *você!*”

Habacuque disse a Deus: “Até quando, SENHOR, clamarei por socorro, sem que tu ouças? Até quando gritarei a ti: “Violência!” sem que tragas salvação? Por que me fazes

---

\* NT: *New American Standard Bible.*

ver a injustiça, e contemplar a maldade? A destruição e a violência estão diante de mim; há luta e conflito por todo lado” (Habacuque 1:2-3). No versículo 4 ele expõe sua inquietação: “Por isso a lei se enfraquece e a justiça nunca prevalece. Os ímpios prejudicam os justos, e assim a justiça é pervertida”. Esse é o estado da sua nação.

Então Deus responde alegando que está usando os babilônios para punir os judeus: “Olhem as nações e contemplem-nas, fiquem atônitos e pasmem; pois nos dias de vocês farei algo em que não creriam se lhes fosse contado. Estou trazendo os babilônios \*, nação cruel e impetuosa, que marcha por toda a extensão da terra para apoderar-se de moradias que não lhe pertencem” (v. 5-6). Em outras palavras, Deus responde que de fato está fazendo algo.

No entanto Habacuque desaprova a estratégia divina: “Senhor, tu não és desde a eternidade? Meu Deus, meu Santo, tu não morrerás \*\*. SENHOR, tu designaste essa nação para executar juízo; ó Rocha, determinaste que ela aplicasse castigo. Teus olhos são tão puros que não suportam ver o mal; não podes tolerar a maldade. Então, por que toleras os perversos? Por que ficas calado enquanto os ímpios devoram os que são mais justos que eles?” (v. 12-13). Parece chocante ao profeta que Deus fosse usar pagãos para julgar seu próprio povo.

O que a maioria das pessoas não percebe quando tenta usar a Bíblia para justificar uma expressão quase sem limites da raiva e frustração de uma pessoa com Deus é que esses exemplos na Bíblia são muito diferentes daqueles que eles têm em mente, e que as motivações dos profetas são freqüentemente muito mais nobres do que as suas. O exemplo acima de Habacuque envolve um contexto político e histórico sério, e Habacuque não era ignorante quando se tratava de teologia. Os poucos versículos que citamos já demonstraram seu reconhecimento da eternidade e soberania divinas, mas o que ele desejava entender melhor era o propósito divino para as nações.

Sem examinar a resposta dada por Deus, visto que não remete ao nosso tópico, devemos notar as palavras de Habacuque após expressar sua queixa: “Ficarei no meu posto de sentinela e tomarei posição sobre a muralha; aguardarei para ver o que o SENHOR me dirá e que resposta terei à minha queixa” (2:1) Ou, como traduz a NASB, “Estarei no meu posto de guarda e me prostrarei sobre a muralha; e permaneceréi no aguardo do que Ele vai falar a mim, e como devo responder assim que for censurado”.<sup>75</sup> Embora a sua referência a Deus seja muito mais reverente e consciente do que a de muitos crentes de hoje, Habacuque antevia que a resposta de Deus para a sua queixa seria na forma de uma reprovação.

Jeremias traz diante de Deus uma questão clara: “Tu és justo, Senhor, quando apresento uma causa diante de ti. Contudo, eu gostaria de discutir contigo sobre a tua justiça. Por que o caminho dos ímpios prospera? Por que todos os traidores vivem sem problemas?” (Jeremias 12:1). Sucedeu então Deus ter encorajado Jeremias a descarregar as suas emoções, como é o caso do ensino de alguns escritores cristãos, isto é, que devemos expor a nossa raiva a Deus assim como uma criança frustrada bate no peito do seu pai? Ou é o Pai Celestial ainda um Deus para nós? Deus responde: “Se você correu com

\* Nota da NVI: hebraico = *caldeus*. [Nota dos tradutores]

\*\* Nota da NVI: O Texto Massorético diz *nós não morreremos*. [Nota dos tradutores]

<sup>75</sup> “Qual a resposta que terei que elaborar a partir da *reprovação* que antevejo da parte de Deus, por conta da liberdade que tomei de censurá-Lo.” *Jamieson, Fausset & Brown's Commentary*; Zondervan, 1961; p. 829.

homens e eles o cansaram, como poderá competir com cavalos? Se você tropeça em terreno seguro, o que fará nos matagais junto ao Jordão?” (v. 5). Em outras palavras: “Se você não tem conseguido lidar com a situação presente, como poderá lidar com as dificuldades vindouras que são ainda maiores?”

Novamente, Jeremias se queixa: “Por que é permanente a minha dor, e a minha ferida é grave e incurável? Por que te tornaste para mim como um riacho seco, cujos mananciais falham?” (15.18). Deus se desculpou com Jeremias? Não, primeiro o repreendeu e depois lhe deu uma promessa:

“Assim respondeu o Senhor: ‘Se você se arrepender, eu o restaurarei para que possa me servir; se você disser palavras de valor, e não indignas, será o meu porta-voz. Deixe este povo voltar-se para você, mas não se volte para eles. Eu farei de você uma muralha de bronze fortificada diante deste povo; lutarão contra você, mas não o vencerão, pois estou com você para resgatá-lo e salvá-lo’, declara o Senhor. ‘Eu o livrarei das mãos dos ímpios e o resgatarei das garras dos violentos’” (v. 19-21).

Deus exige que Jeremias se arrependa por aquilo que disse, e pare de proferir “palavras inúteis”! É indubitável que muitos cristãos professos, influenciados pela psicologia secular e por um entendimento antibíblico do amor, acusariam Deus de ser insensível. Mesmo a promessa que Deus deu a Jeremias é uma repetição e recordação, quando muito uma extensão, daquilo que já havia sido dado no início do ministério do profeta:

“E você, prepare-se! Vá dizer-lhes tudo o que eu ordenar. Não fique aterrorizado por causa deles, senão eu o aterrorizarei diante deles. E hoje eu faço de você uma cidade fortificada, uma coluna de ferro e um muro de bronze, contra toda a terra: contra os reis de Judá, seus oficiais, seus sacerdotes e o povo da terra. Eles lutarão contra você, mas não o vencerão, pois eu estou com você e o protegerei’, diz o Senhor” (1:17-19).

Embora a Bíblia cite exemplos em que os profetas desabafaram as suas emoções perante e contra Deus, a mesma Bíblia não encoraja os seus leitores a imitarem esse comportamento. Isso não implica que não se proponha honestidade e franqueza reverente perante Deus, mas a questão é se devemos tratar das nossas frustrações por desabafo e queixa quando estamos orando. O que podemos dizer com certeza é que é insolente exigir de Deus respostas que já foram dadas na Bíblia. Ele já disse a Habacuque: “O justo viverá pela sua fidelidade” (2:4). Em outras palavras, se você alega ser crente, então creia! Confie em Deus! Isso é o que ele vai dizer a você se responder a sua queixa, e se já disse isso aos profetas, por que precisa repetir isso a você?

Se desafiamos a Deus a exemplo do que fizeram alguns personagens bíblicos, mesmo que ele já tenha dado e registrado as suas respostas, não estaríamos portanto testando a sua paciência? Não demonstraria isso que temos pouco respeito pela Bíblia, agindo como se ela não existisse? Ou devemos de alguma forma esperar que Deus nos dê para as mesmas dúvidas respostas diferentes daquelas já registradas na Bíblia? Qual justificativa, então, poderíamos ter para desabafar as nossas emoções e frustrações se Deus já respondeu pelas palavras das Escrituras? Jó aprendeu a sua lição: “Sou indigno; como posso responder-te? Ponho a mão sobre a minha boca. Falei uma vez, mas não tenho resposta; sim, duas vezes, mas não direi mais nada... Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos teus planos pode ser frustrado” (Jó 40:4-5, 42:2). Aprendemos com

os personagens bíblicos as mesmas lições pela leitura da Bíblia, e não pela repetição do comportamento que ocasionou as respostas e repreensões a eles.

Honestidade para com Deus não se traduz em expressão incontida de todo e qualquer pensamento e emoção negativos na oração. Além da honestidade, as Escrituras também fazem referência à responsabilidade do crente para conservar discernimento e auto-controle. Assim, no Salmo 42, o salmista diz em agonia: “Direi a Deus, minha Rocha: Por que te esqueceste de mim? Por que devo sair vagueando e pranteando, oprimido pelo inimigo? Até os meus ossos sofrem agonia mortal quando os meus adversários zombam de mim, perguntando-me o tempo todo: ‘Onde está o seu Deus?’” (v. 9-10). Mas ele imediatamente censura suas atitudes dizendo: “Por que você está assim tão triste, ó minha alma? Por que está assim tão perturbada dentro de mim? Ponha a sua esperança em Deus! Pois ainda o louvarei; ele é o meu Salvador e o meu Deus” (v. 11). John MacArthur observa: “Nessa introspecção ativa o salmista repreende a si mesmo por seu desânimo”.<sup>76</sup>

Uma das premissas desse livro é que no tocante à oração, não devemos focar sobre a técnica da oração, embora ela tenha o seu lugar, mas devemos visualizar o assunto por uma perspectiva ampla. Isso porque Deus responde não apenas ao que dizemos na oração, mas responde à nossa vida pelo seu todo, incluindo os nossos pensamentos e ações enquanto não estamos orando. Também, na introdução desta seção e no capítulo anterior, estabeleci que não devemos definir a nossa vida espiritual tendo como fundamento a experiência. A conclusão é que para, em termos gerais, construir uma vida espiritual melhor, e em particular, orar mais eficazmente, uma pessoa deve enriquecer a sua vida interior, e esta precisa ter a revelação bíblica como seu alicerce. No que segue vou trabalhar sobre esse princípio e dar algumas sugestões para implementação.

A fim de aprimorar a nossa vida espiritual pela construção da nossa vida interior sobre o alicerce da revelação bíblica, devemos praticar o que MacArthur chama de “introspecção ativa”. Podemos também chamá-la de contemplação ou meditação cristã. Agora, por contemplação ou meditação não faço referência a quaisquer elementos místicos, e tenho em vista um significado muito diferente da meditação não-cristã ou *Nova Era*. A contemplação cristã não objetiva esvaziar a mente e afastar a lógica; antes, objetiva preencher a mente e aplicar a lógica. Ela não repudia a racionalidade a fim de estabelecer uma união mística com o divino; antes, abraça a racionalidade a fim de pensar segundo os pensamentos de Deus. Ela não espera por *insights* espontâneos ou revelações pessoais, mas suscita entendimento por meio de uma reflexão deliberada e raciocínio dedutivo fundamentado na revelação infalível das Escrituras.

Existe uma grande diferença entre a contemplação cristã e a meditação não-cristã. A contemplação ou meditação cristã não é nada mais que raciocínio ativo orientado pelas palavras das Escrituras. Essa meditação é deliberada, consciente, intelectual, racional e plena de conteúdo. Mas não de qualquer conteúdo – o pensamento cristão parte do princípio reformado da “Escritura somente”, e procede deste ponto de partida para construir uma cosmovisão coerente que é aplicável e autoritativa em toda e qualquer área da vida e do pensamento.

Por meditação cristã me refiro a uma atividade que envolve pensamento e raciocínio intensos, mas um pensamento e raciocínio alicerçados sobre a revelação bíblica como

<sup>76</sup> John MacArthur, *The MacArthur Study Bible*; Thomas Nelson Bibles, 1997; p. 780.

seu fundamento único. Edmund Clowney escreve: “Para o homem receber a sabedoria de Deus, não é suficiente ele revelar sua sabedoria em suas obras. Ele precisa igualmente impregnar sua sabedoria em suas palavras... Os mistérios divinos e celestiais são revelados a nós nas palavras dadas por Deus. A meditação converge sobre a revelação de Deus, sua Palavra”.<sup>77</sup> Se você anseia crescer em sua vida espiritual, precisa enriquecer a sua vida interior, e é esta a contemplação ou meditação que você precisa fazer.

Provérbios 3.5-6 diz: “Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apóie em seu próprio entendimento; reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará\* as suas veredas”. Algumas pessoas interpretam isso como sugerindo que quase não precisamos refletir, ou ao menos não raciocinar sobre a nossa situação. No entanto, Provérbios 22:19-21 ensina que se você confia em Deus, precisa pensar, mas a diferença está no que você pensa. “Para que você confie no Senhor, a você hoje ensinarei. Já não lhe escrevi conselhos e instruções\*\* , ensinando-lhe palavras dignas de confiança, para que você responda com a verdade a quem o enviou?”. Portanto, “não se apóie em seu próprio entendimento” não significa que devemos parar de pensar, mas parar de confiar nas conclusões a que podemos chegar por nós mesmos, e começar a confiar na informação que Deus nos tem dado na Bíblia. Confiar em Deus é crer no que a Bíblia diz. No contexto deste capítulo, podemos dizer que significa alicerçar o nosso raciocínio sobre as Escrituras, e deixá-las fornecerem o conteúdo do nosso pensamento e, então, também da nossa oração.

Na proporção que a sua mente não foi renovada pelas Escrituras, pode parecer como se houvessem duas vozes na sua mente – uma reflete as suposições e disposições que foram centrais antes da sua conversão, e outra reflete a voz do conhecimento e da razão, baseadas nas palavras das Escrituras. Em nosso texto de Salmos 42, o autor desafia a sua própria mente, dizendo: “Por que você está assim tão triste, ó minha alma? Por que está assim tão perturbada dentro de mim? Ponha a sua esperança em Deus! Pois ainda o louvarei; ele é o meu Salvador e o meu Deus” (v. 11). Ele não está satisfeito em permitir à sua mente vagar em qualquer direção, mas confronta a si mesmo com o conhecimento escriturístico. Seu presente estado mental tem a experiência ou o sentimento como seu fundamento, mas ele confronta a si mesmo com uma voz autoritativa baseada na revelação bíblica. Ao invés de encorajar suas emoções, ele as questiona e desafia.

A nossa cultura favorece a livre expressão das emoções, mas a Bíblia ensina o auto-controle. No entanto isso não é pretexto para encorajarmos a assim chamada “repressão”, em que as reflexões são meramente suprimidas tal que não se mostrem diante da consciência de uma pessoa, e fazer isso vai supostamente trazer problemas futuros. Antes, com a contemplação e a meditação bíblicas nós confrontamos essas reflexões e as dissolvemos:

A principal arte na questão da vida espiritual é saber como lidar consigo mesmo. Você deve ter-se sob controle, deve dedicar a si mesmo, pregar a si mesmo, questionar a si mesmo... E então você precisa trazer Deus à sua

<sup>77</sup> Edmund P. Clowney, *Christian Meditation*; Regent College Publishing, 2002 (original: 1979); p. 21-22.

\* Nota da NVI: Ou *orientará*. [Nota dos tradutores]

\*\* Nota da NVI: Ou escrevi *trinta ditados*; ou ainda *escrevi ditados excelentes*. [Nota dos tradutores]



memória, quem ele é, o que ele é e o que ele tem feito, e o que tem prometido fazer...

A essência dessa questão é entender que esse nosso eu, este outro homem dentro de nós, deveria ser controlado. Não o escute; incite-o; fale com ele; condene-o; censure-o; exorte-o; encoraja-o; lembre-o do que você sabe, ao invés de escutá-lo placidamente e permitir que o arraste para baixo e o deprima.<sup>78</sup>

O Salmo 119:59 diz: “Refleti em meus caminhos e voltei os meus passos para os teus testemunhos”. É pelo pensamento, não pela oração, que alguém vai se voltar a Deus, pois até mesmo a oração pressupõe o pensamento:

Antes que possa falar uma simples palavra de oração, você deve pensar. Você deve usar a sua mente. Você precisa saber a quem está orando. Você precisa saber o que está orando. Você precisa saber a base sobre a qual está oferecendo essas orações. Assim, se as suas orações são reais e não simplesmente um ritual de palavras irrefletidas, elas envolverão você num uso vigoroso do entendimento... Quando você realmente falar (com o Senhor), vai consumir todas as riquezas da sua inteligência em zelosamente adorá-lo, louvá-lo, rogá-lo e agradecê-lo.<sup>79</sup>

Segue que se “todas as riquezas da sua inteligência” é nada, você não pode orar de fato. Também segue que para aumentar a eficácia e significância da sua vida de oração, você precisa primeiro trabalhar o intelecto. E mesmo quando você ora, precisa dar prioridade a pedir a Deus por sabedoria e entendimento, como os apóstolos são inclinados a praticar e recomendar:

Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito\* de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele. (Efésios 1:17)

Por essa razão, desde o dia em que o ouvimos, não deixamos de orar por vocês e de pedir que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e entendimento espiritual. (Colossenses 1:9)

Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida. (Tiago 1:5)

Assim, por contemplação ou meditação, quero me referir à interação ativa e deliberada da sua mente com a revelação bíblica, isto é, as palavras da Bíblia, e a relacionar e aplicar à sua vida a sabedoria espiritual obtida pelo seu intelecto. A contemplação cristã se refere ao pensamento teológico intenso, mas tal pensamento precisa ter a revelação como o seu alicerce. Portanto, o elemento crucial na contemplação cristã é a construção cuidadosa de uma fundação nesses moldes. Em outras palavras, o pensamento nunca é desprovido de conteúdo, e o crente recebe da Bíblia o conteúdo da sua reflexão.

<sup>78</sup> D. Martyn Lloyd-Jones, *Spiritual Depression*; William B. Eerdmans Publishing Company, 2001 (original: 1965); p. 21.

<sup>79</sup> *What Happens When I Pray?*; Grace Publications Trust, 1997; p. 38.

\* Nota da NVI: Ou *o Espírito*. [Nota dos tradutores]



Isso significa que temos algumas opções definidas no exercício da contemplação cristã. Uma fonte principal de conteúdo bíblico para alentar a nossa contemplação provém da leitura. Atualmente, dizer que você leu algo de um livro significa à algumas pessoas que você realmente não conhece tal coisa; isto é, você pode ler sobre algo que deseja, mas você não entenderá isso até que tenha posto em prática ou experienciado. Mas a Bíblia é em si um livro, e um crente professo não deveria se atrever a dizer que não entende ou crê que há um céu até que tenha experienciado isso. Jesus nos diz: “Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar\*” (João 14:2). Se você considera a sua experiência mais confiável do que as palavras de Cristo, então por qual definição e por qual autoridade você é cristão?

Richard de Bury diz: “Uma biblioteca de sabedoria é mais preciosa do que toda a riqueza, e todas as coisas que são desejáveis não podem ser comparadas a ela. Quem quer que por sua vez reivindique ser zeloso de verdade, alegria, sabedoria ou conhecimento, mesmo até sobre a fé, precisa se tornar um amante de livros.”<sup>80</sup> A Bíblia é um livro, e é o único padrão infalível de verdade sobre o qual todo o conhecimento é baseado, e a partir do qual todas as coisas são medidas. Para ser efetivo na espiritualidade e no estudo, precisamos ter mais consideração com os livros – certamente não com o conteúdo de todo e qualquer livro, mas com o método de leitura dos livros em si.

Embora a nossa autoridade última e infalível seja a Escritura sozinha, para interagir com a ampla variedade de subsídios bíblicos, devemos considerar os *insights* de outras pessoas que têm diligentemente pesquisado e estudado as Escrituras. Portanto, estamos justificados em ler livros escritos por crentes que têm piedosamente laborado os significados e implicações das passagens bíblicas, e também ouvir sermões e ensaios produzidos por eles. Todavia, não podemos enfatizar exageradamente a importância de manter somente as Escrituras como o nosso padrão último e infalível.

O processo não finda com a leitura e a escuta, que provêm o conteúdo para o nosso pensamento, e de fato são parte da contemplação em si, desde que uma pessoa não pode ler ou ouvir sem refletir ao mesmo tempo. De fato, mesmo quando você está lendo este livro, está praticando a contemplação bíblica – pensando sobre o ensino das Escrituras e suas implicações. No entanto, precisamos continuar a praticar a contemplação mesmo quando não estivermos lendo um livro ou ouvindo um sermão. Paulo diz a Timóteo: “Refleta no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo” (2Timóteo 2:7). Os *insights* espirituais usualmente não vêm sem a reflexão deliberada e racional; antes, é por raciocinar a partir dos fundamentos da revelação escriturística que Deus vai nos conceder sabedoria e entendimento. Assim, Deus de fato governa o que cada um de nós sabe e entende, mas usualmente não sem intermediários, tais como a leitura e a reflexão, que são também as duas coisas que Timóteo deveria ter em vista, como indicado na passagem acima. Isso mais uma vez distingue a contemplação cristã da meditação dos místicos.

O autor do Salmo 119 diz que medita na lei de Deus “o dia inteiro” (v. 97), e por conta disso, é mais sábio do que seus inimigos e mestres. É claro, alguns de vocês vão se queixar dizendo que não há tempo para pensar em teologia ao longo de todo o dia, mas sou antipático quanto a isso. W. Bingham Hunter escreve: “Em contraste a Jesus, a maioria de nós está muito ocupada e preocupada com a existência para ver a oração

\* Nota da NVI: Ou não teria eu lhes dito que vou preparar-lhes lugar? [Nota dos tradutores]

<sup>80</sup> Richard de Bury, *Philobiblon*; IndyPublish, 2002 (original: 1473).

como vital ou essencial. Mas a vida *poderia* ser mais simples. Um carro mais velho, um guarda-roupa pouco na moda, móveis restaurados antes que substituídos, um pouco menos de carne na mesa – mudanças como essas poderiam reduzir as despesas salariais e quem sabe prover mais tempo para a oração”.<sup>81</sup>

Muitas pessoas anseiam progredir suas vidas espirituais e de oração precisamente para ganhar essas coisas que sugerem que devemos renunciar para melhorar as nossas vidas espirituais e de oração. Mas Jesus diz: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens” (Lucas 12:15). Se você pensa que a vida consiste em abundância de posses, então você já caiu na armadilha da ganância. Uma vez que reduzirmos a importância dada às coisas materiais, não restará motivação a muitos para orar.

Talvez existam coisas que você possa fazer sem ameaçar o seu padrão de vida. Se você parar de conviver com pessoas improdutivas e não-espirituais exceto aquelas a quem está pregando o evangelho, se parar de assistir tanta televisão ou ler jornais e revistas, então talvez você já vai estar somando horas de tempo disponível em sua semana. Então novamente, talvez seja necessário você fazer o tipo de mudanças mencionadas por Hunter. No entanto, se você está indisposto a disciplinar a si mesmo ou fazer qualquer tipo de mudança, você não é sério na sua fé cristã, talvez não é nem mesmo um cristão: “Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração” (Mateus 6:21).

Deus diz ao seu povo: “Vejam aonde os seus caminhos os levaram” (Amós 1:5). Pense sobre a sua vida. Mas por qual padrão pensamos sobre qualquer coisa? A conversão cristã em si significa que, pela soberania da graça de Deus, você abandonou a sua forma de pensar, e agora adotou a revelação bíblica como o fundamento – o primeiro princípio e o ponto de partida – de todo o seu pensamento e conduta. Então, a santificação cristã implica tornar toda a sua vida cada vez mais consistente com esse fundamento infalível. Você inicia isso ganhando um entendimento sistemático da revelação bíblica, o que significa que você precisa imergir o seu “eu” na leitura e na reflexão teológicas. À medida que você continuar refletindo nas palavras de Deus, ele lhe dará entendimento, e então você perceberá que a experiência não acrescenta nada, que a revelação bíblica sozinha é confiável, e que as respostas que você busca já estão escritas no Livro que nos foi dado por Deus.

---

<sup>81</sup> Hunter, *God Who Hears*; p. 189-190.